



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

REDES DE SOCIABILIDADE: PARA UMA COMPREENSÃO SOBRE PESSOAS EM CONDIÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Mestranda: Marisa Isabel Candeias de Oliveira

Orientação: Professor Doutor Joaquim Fialho

Mestrado em Sociologia

Área de especialização: Desenvolvimento regional

Dissertação

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

REDES DE SOCIABILIDADE: PARA UMA COMPREENSÃO SOBRE PESSOAS EM CONDIÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Mestranda: Marisa Isabel Candeias de Oliveira

Orientação: Professor Doutor Joaquim Fialho

Mestrado em Sociologia

Área de especialização: Desenvolvimento regional

Dissertação

Évora, 2018



REDES DE SOCIABILIDADE: PARA UMA COMPREENSÃO SOBRE AS PESSOAS
EM CONDIÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Agradecimentos

Esta dissertação de Mestrado representa para mim um grande marco na minha vida, e ajudou-me essencialmente, a crescer e a conhecer melhor uma realidade que, infelizmente, é comum em todos os sítios do mundo. Devo por isso agradecer, e ter em conta as pessoas que o tornaram possível.

Em primeiro lugar, tenho de agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Joaquim Fialho, pela disponibilidade em orientar-me nesta etapa, por toda a paciência e empenho com que me guiou neste estudo, por todas as sugestões e ideias que foram sempre um ponto guia durante a realização desta dissertação e por fazer com que não perdesse a motivação.

Aos professores do Mestrado, que desde a licenciatura me acompanharam e sempre se disponibilizaram para ajudar, de uma maneira ou de outra.

À instituição da Cáritas Diocesana de Évora, que me receberam e ouviram a minha proposta e com agrado aceitaram ajudar-me a concretizar a minha investigação.

Aos utentes da instituição da Cáritas que se disponibilizaram a realizar a entrevista.

A todos os meus amigos que sempre me acompanharam durante este percurso e a todos os que o vivenciaram comigo. Obrigada por toda a força, por toda a motivação, por não me deixarem pensar que não ia conseguir, por limparem as minhas lágrimas de tristeza e por fazerem valer apenas quando são de alegria, por todas as conversas e por todos os momentos de lazer, que no final do dia me davam sempre um bocadinho de mais força para continuar.

Aos meus pais, que nunca me deixaram baixar os braços e sempre fizeram de tudo para que concluísse todas as etapas da minha vida. À minha mãe, um agradecimento especial por preencher os meus espaços em branco, nos momentos em que me faltam as palavras.

À restante família, avós, tios e primos que (cada um de sua forma) motivou, ajudou e incentivou a lutar contra obstáculos para atingir os meus objetivos.

Resumo

Redes de sociabilidade é um conceito que é influenciado por diversas vertentes da condição de vulnerabilidade, no sentido em que é notório um enfraquecimento das redes, uma, consequente, perda de relacionamentos e uma alteração das mesmas derivado da alteração de identidade da pessoa que se encontra nessa condição. Nesta condição de vulnerabilidade, também se pode observar o surgimento de novas redes alicerçadas ao apoio social.

A presente investigação insere-se no âmbito do Mestrado em Sociologia, na área de especialização em Desenvolvimento e tem como objetivo geral compreender as redes de sociabilidade das pessoas em condição de vulnerabilidade social que recorrem às instituições de solidariedade social para suprir as suas lacunas em termos de bens de primeira necessidade e apoio social.

Para a concretização dos objetivos definidos foi utilizada uma metodologia de carácter qualitativo, tendo como principal instrumento de recolha de dados a entrevista estruturada, pois é um instrumento frequente para quando existe uma delimitação da informação desejada e para quando o entrevistado se quer focar apenas no tema em questão para que os seus objetivos sejam atingidos.

O trabalho de campo permite pode afirmar que o fenómeno da vulnerabilidade social alterar comportamentos, hábitos e costumes, afetando o nível social, económico e emocional das pessoas.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social; redes de sociabilidade; alteração de identidade; perda de relacionamentos; surgimento de novas redes;

Abstract

Networks of sociability: For an understanding of people in Social Vulnerability

Networks of sociability is a concept influenced by several aspects of the condition of vulnerability, in the sense that it is noticeable a weakening of this networks, a consequent loss of relationships and a change of those networks derived from the change of identity of the person who is in that condition. In this condition of vulnerability, one can also observe the emergence of new networks based on social support.

The present research is part of the Masters in Sociology, in the area of specialization in Development, and its general objective is to understand the social networks of people in conditions of social vulnerability who resort to social solidarity institutions to fill their gaps in terms of basic necessities and social support.

In order to achieve the defined objectives, a qualitative methodology was used, having as main instrument of data collection the structured interview, since it is a frequent tool when there is a delimitation of the desired information and for when the interviewee wants to focus only on the theme in order to achieve its objectives.

The field work allows one to affirm that the phenomenon of social vulnerability change behaviors, habits and customs, affecting the social, economic and emotional level of people.

Keywords: Social vulnerability; networks of sociability; identity change; loss of relationships; emergence of new networks;

Índice

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract.....	5
Índice de tabelas	8
Introdução.....	9
Capítulo I- Revisão da Literatura.....	11
1. Socialização - Conceito, mecanismos e tipos	11
Discussão conceptual	11
1.2. Tipos de socialização	13
2. Grupos sociais e sociabilidade.....	20
2.1. Sociabilidade, sodalidade e socialidade	20
3. Desqualificação Social.....	25
3.1. A propósito da noção de pobreza	25
3.2. O processo de desqualificação Social	26
3.3. Fragilidade e desqualificação social	29
3.3.1. A crise de status	29
3.3.2- A fragilidade interiorizada e a fragilidade negociada	31
3.3.3. A carreira psicossociológica dos assistidos	33
3.4.4. Marginalidade e estigma.....	39
4. Identidade e relações sociais.....	46
4.1. A construção de uma identidade negativa	46
4.2. A dinâmica das relações sociais.....	47
5. Redes sociais e sociabilidade	51
Capítulo II- Estratégia metodológica	56
6. Metodologia	56
6.1. Pergunta de Partida.....	56
6.2. Objetivos	56
6.3. Pertinência do tema a investigar.....	57
6.4. Natureza do estudo	59
6.5. Delimitação da investigação	60
7. Técnica de análise e Tratamento de Dados	63
Capítulo III- Análise e tratamento dos dados.....	64
8. Análise dos dados recolhidos.....	64
8.1. Identificar as trajetórias da vulnerabilidade social	64
8.2. Tipificar as redes de sociabilidade das pessoas em condição de vulnerabilidade social. 70	

8.3. Identificar as dinâmicas das redes de sociabilidade das pessoas em condição de vulnerabilidade social	72
8.4. Identificar os impactos da vulnerabilidade social nas condições de vida das pessoas	75
8.5. Identificar as alterações nas redes resultantes da condição de vulnerabilidade.....	78
Conclusões	81
Bibliografia	84
Anexos.....	86
Anexo 1- Declaração de consentimento informado.....	86
Anexo 2- Guião da entrevista	88
Anexo 3- Análise de Conteúdo – Modelo de Análise.....	89

Índice de tabelas

Tabela 1- Idade de início de trabalho dos entrevistados

Tabela 2- Tempo de duração da condição de vulnerabilidade

Tabela 3- Grau de qualificação dos entrevistados

Introdução

Esta dissertação foi desenvolvida no âmbito do mestrado em Sociologia, com especialidade em Desenvolvimento Regional, com o objetivo de compreender as redes de sociabilidade das pessoas que se encontram em condição de vulnerabilidade social.

O ideal principal da sociabilidade tem como base a cooperação mútua entre indivíduos em que cada um tem de garantir ao outro o máximo de valores sociáveis, isto é, alegria, felicidade, vivacidade, relativamente ao máximo de valores que se recebe do outro. A sociabilidade constrói um cenário onde a alegria de alguém está ligada a felicidade de outras pessoas. (Simmel, 2006).

O conceito da vulnerabilidade, é um conceito que move o poder e a energia de várias instituições que se deparam recorrentemente com os grandes obstáculos das populações desfavorecidas (Paugam, 2003), é uma condição que afeta negativamente a condição de vida das pessoas, em todas as suas vertentes, e conseqüentemente, no geral, acaba por afetar as redes de cada um.

Neste sentido, e dada a relevância deste tema, por ser um assunto atual e com que nos deparamos diariamente, mesmo que não demos por isso, o foco foi responder à seguinte questão: *“De que forma a vulnerabilidade social condiciona a estruturação das redes de sociabilidade das pessoas que se encontram nessa condição?”*

É importante perceber, as trajetórias da vulnerabilidade social, no sentido de conhecer o perfil pessoal, profissional e escolar de cada pessoa, conseguir tipificar as suas redes de sociabilidade e conseguir identificar as dinâmicas inerentes às mesmas. É essencial também perceber os impactos que a vulnerabilidade social tem na condição de vida das pessoas e quais é que foram as alterações que essa situação de vulnerabilidade provocou nas redes de sociabilidade de cada um.

A dissertação é composta por três capítulos, sendo que no primeiro está a revisão da literatura que funciona como uma contextualização teórica do tema em investigação, fazendo parte alguns autores como Giddens (2008), Simmel (2006), Baechler (1996), Paugam (2003).

No segundo capítulo é desenvolvida a metodologia que foi usada ao longo da investigação, onde é referido a pertinência do tema a investigar, a pergunta de partida, os objetivos do estudo. a própria estratégia metodológica que inclui a natureza do estudo, a delimitação da investigação, as técnicas de recolha e análise de dados e o modelo de análise. Neste sentido, foram aplicadas 15 entrevistas a pessoas em situação de vulnerabilidade que recorrem a apoios sociais.

No terceiro capítulo é exposto a análise e a interpretação dos resultados obtidos e, como último tópico, apresenta-se a conclusão que reflete todo o que foi possível retirar deste estudo e de que forma podemos contribuir para o mesmo. Sendo que, foi possível constatar que nestas realidades a sensação de inferioridade é comum, pela perda de identidade e por terem de estar dependentes de alguém para garantirem alguns meios de subsistência. Além disto foi possível verificar também que os impactos da vulnerabilidade social alteraram comportamentos, hábitos e costumes, afetando

os entrevistados ao nível social, económico e emocional. Como consequência disso, todos fizeram referência às alterações ocorridas nas suas redes e à perda de relacionamentos derivado da sua condição vulnerável.

Este tema foi escolhido porque, além de abordar dois conceitos bastante importantes – sociabilidade e vulnerabilidade – também a motivação de compreender como é que a condição de vulnerabilidade social nas pessoas, isto é, uma condição definida por condições precárias de saneamento, escassos meios de subsistência e até mesmo pela ausência de um ambiente familiar, por exemplo, e que muitas vezes necessitam de ajuda de terceiros para garantirem alguma subsistência, pode influenciar as redes de sociabilidade dessas mesmas pessoas, ou seja, quando as pessoas que estão nessa condição e estão a ultrapassar um desequilíbrio socioeconómico, de que forma essa condição influencia as suas redes de sociabilidade e de como estas podem ser importantes para quem está a passar por isso.

A vulnerabilidade social é uma questão que está bastante presente nos dias de hoje e nem sempre se tem a noção de como essa condição afeta diretamente a vida das pessoas. Apesar dos vários fatores que esta condição possa influenciar, pretende-se, essencialmente, retratar o seu reflexo no que toca as redes de sociabilidade de cada pessoa que se encontra nesta condição.

Capítulo I- Revisão da Literatura

1. Socialização - Conceito, mecanismos e tipos

Discussão conceptual

O conceito de socialização após ter ocupado um lugar no seio das teorias clássicas em ciências sociais, a partir dos anos 70, este começou a perder alguma importância e até mesmo a ser rejeitado por diversos autores por não ir ao encontro com a ação de retorno dos mesmos relativamente à análise social (Abrantes, 2011).

Numa retrospectiva aos últimos anos, pode assistir-se a um renovado interesse por este processo, definido por novas metodologias e definições.

Segundo Abrantes, o conceito de socialização tem sido alvo de várias reflexões e pressupostos teóricos durante várias etapas da vida e em diferentes contextos, notando-se uma tendência para delimitar as margens das definições de carácter estruturalista e funcionalista, fazendo com que a noção deste conceito abranja definições paralelas aos quadros teóricos na contemporaneidade (2011).

A socialização é um processo essencial no que toca à integração do indivíduo na sociedade.

A socialização é o processo através do qual as crianças, ou outros novos membros da sociedade, aprendem o modo de vida da sociedade em que vivem. Este processo constitui o principal canal de transmissão da cultura através do tempo e das gerações (Giddens, 2008, p. 27).

Na perspetiva dos sociólogos é um processo pelo qual um bebé, de forma progressiva, se vai tornando uma pessoa autoconsciente e culta, e vai demonstrando cada vez mais competências e comportamentos, da cultura que o envolve desde que nasceu. Durante a prática constante deste processo, essencialmente nos primeiros anos de vida, os modos de ser das crianças são influenciados pelas pessoas mais velhas, mantendo os valores, as normas e as práticas sociais (Abrantes, 2011).

A questão da identidade também se sobressai neste contexto por ser um termo que voltou a entrar no seio das ciências sociais, tal como na linguagem corrente abrangendo várias vertentes.

A identidade de alguém é, no entanto, aquilo que ele tem de mais precioso: a perda da identidade é sinónimo de alienação, de sofrimento, de angústia e de morte. Ora, a identidade humana não é nada, de uma vez por todas, no ato do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. O indivíduo nunca a constrói sozinho: ela depende tanto dos julgamentos dos outros como das suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é um produto de sucessivas socializações (Dubar, 1997, p. 13).

Um bebê, ou uma criança humana, é quem demonstra ter mais necessidade de amparo e cuidado de alguém mais velho, pois é impossível para uma criança conseguir sobreviver sem qualquer tipo de ajuda, pelo menos nos seus primeiros anos de vida. Nos jovens, a socialização suscita, de uma maneira mais geral, o fenómeno da reprodução social, isto é, o processo onde as sociedades afirmam constantemente a sua estrutura ao longo do tempo. (Giddens, 2008)

Dubar, acrescenta ainda que,

A criança tem de construir a sua própria identidade através de uma integração progressiva das suas diferentes identificações positivas e negativas, quer devido à multiplicidade dos grupos de pertença ou de referência, quer devido à ambivalência das identificações: ambivalência entre o desejo de ser como os outros, aceite pelos grupos de que se faz parte ou aos quais se quer pertencer, e a aprendizagem da diferença ou o desejo de oposição àqueles grupos (Dubar, 198, p.32).

Giddens reporta-se à socialização como,

o processo pelo qual as crianças indefesas se tornam gradualmente seres autoconscientes, com saberes e capacidades, treinadas nas formas de cultura em que nasceram (Giddens, 2008, p.28).

Apesar da diversidade, todas as sociedades são definidas de acordo com determinados aspetos sociais e culturais próprios, tornando-se diferentes de cada uma, e essas características subsistem por um longo período de tempo, mesmo que os seus membros morram ou nasçam pessoas novas (Outhwaite e Bottomore, 1996).

É através do processo de socialização que novos membros da sociedade aprendem a maneira de viver nessa sociedade, fazendo com que seja possível transmitir a cultura de geração para geração, interligando-as (Giddens, 2008).

O nascimento de uma criança modifica a vida daqueles que têm a responsabilidade da sua educação, provocando aos mesmos, novas experiências. Existe uma corrente neste sentido, onde vai existir sempre um elo de ligação entre as crianças e os adultos. Em relação às pessoas mais velhas, estas vão continuar a assumir o papel de pais quando se tornarem avós, fomentando uma rede de relações que interligam as gerações entre si. Desta forma, o processo da socialização assume um carácter fundamental no comportamento humano, pois, é caracterizado continuamente pelas interações sociais, possibilitando aos indivíduos que se ajustem, que aprendam, e demonstram o seu potencial (Giddens, 2008).

É por intermédio do processo de socialização que se ganha a identidade, não só por meio das influências que o indivíduo recebe, como também através de fatos correntes que se processam através dos contatos sociais e que também implicam uma integração. (Dubar, 1997).

O ideal base que caracteriza o processo de socialização é as experiências do indivíduo que, conseqüentemente, permitem a construção de disposições internas que orientam e guiam a participação na vida social. No entanto, sabe-se que, a experiência de cada indivíduo representa apenas uma parte do “todo social”, que essa mesma experiência está relacionada com a aptidão

para conseguir interpretar o social e que toda a informação recolhida das experiências vivenciadas não pode ser conservada e movimentada, na sua plenitude, implicando isto, a criação de procedimentos de seleção, generalização e analogia. (Abrantes, 2011)

Todos os processos de teorização deste conceito criaram inúmeras categorias e modelos de análises que, ainda hoje, são utilizados para analisar factos da socialização. Essas ferramentas admitem, paralelamente, a compreensão dos limites de qualquer teoria da socialização e ainda ponderar os problemas com o qual a sociologia se deve confrontar para ser possível a prossecução do conhecimento relativamente aos mecanismos de produção social das inúmeras personalidades (Dubar, 1997).

1.2. Tipos de socialização

Na sociologia, diversos autores referem-se ao termo “socialização” como um fenómeno com duas fases e com diferentes agentes. Numa primeira fase, identificamos a socialização primária, que se processa no período da infância, como a principal responsável pela inserção do indivíduo na sociedade. Esta socialização assume um carácter mais intenso no que toca à aprendizagem cultural. Neste período inicia-se o processo de aprendizagem da fala e dos padrões de comportamento, que são influentes para fases posteriores. É um processo que ocorre de forma espontânea onde se geram as primeiras ligações e, com isso, uma sociabilidade (“Outhwaite e Bottomore, 1996).

Nesta fase, o principal agente de socialização é a família.

Este é um processo responsável de carregar emoções e é guiado pelo desenvolvimento da linguagem, onde a experiência é incorporada com a realidade (Abrantes, 2011).

Cherkaoui assinala que se pode identificar as principais teorias da socialização familiar através de uma rede mais ou menos complexa de relações entre os conceitos principais que são a posição da família na estratificação, a estratificação da família, as características próprias dos indivíduos a socializar e a socialização propriamente dita das crianças, que deve ser explicada (Cherkaoui, 1995, p. 135).

A segunda fase é identificada como socialização secundária e processa-se numa altura mais tardia da infância até à idade adulta. Os agentes de socialização responsáveis nesta fase são, as escolas, as instituições, o local de trabalho e os meios de comunicação, que assumem parte da responsabilidade que pertencia à família, delegando-lhe uma contribuição na aprendizagem das normas, dos valores e das crenças, da cultura onde se está inserido (Giddens, 2008).

As normas são a condição mínima para o indivíduo existir externamente como um ser social (Simmel, 2006).

Esta segunda fase da socialização nasce quando o indivíduo entra, pela primeira vez, em contato com a sociedade e desenvolve-se durante o resto da vida. Este tipo de socialização distingue-se da socialização primária por não adotar um grau alto de identificação, mas sim a reconhecimento das

posições que cada um ocupa na sociedade. A sociabilidade, neste sentido, adota uma posição mais presente e assume a existência de interesses comuns e especialização dos indivíduos. (Giddens, 2008)

A socialização secundária, revela-se um processo mais racional e voluntário que se inscreve na “interiorização de submundos institucionais”, essencialmente, no mundo da divisão do trabalho. Na sociedade moderna, inscreve-se nas escolas, nas organizações profissionais ou instituições (Abrantes, 2011).

As teorias da socialização apresentam uma origem de duas fases,

a psicanálise freudiana que sublinha a influência determinante da família sobre as estruturas mentais da criança e do adulto, por outro lado; a sociologia que põe em evidência e estuda as relações entre os grupos sociais, as instituições e o comportamento dos indivíduos que aí se encontram socializados (Cherkaoui, 1995, p.134).

A tarefa ética da socialização é fazer com que união e a separação dos indivíduos que interagem, consigam encontrar a expressão que defina as relações entre esses mesmos indivíduos, mesmo que essas relações sejam definidas pela trajetória de vida (Simmel, 2006).

Constata-se que a reflexão relativamente ao processo de socialização pode organizar-se em cinco campos de produção, sendo estes, os ciclos de vida, as práticas sociais, as relações de poder, as entidades e biografias e as emoções. (Abrantes, 2011)

Segundo o autor, os ciclos de vida apontam para um erro, bastante regular, onde a socialização é idealizada como uma obrigação da sociedade em relação ao indivíduo, no contexto de ganhar certos conhecimentos, normas e valores. Esta ideia aponta para uma perspetiva errada em relação à sociedade, transparecendo o controle sobre o indivíduo. De acordo com a natureza social, o ser humano só consegue sobreviver, desenvolver e crescer como pessoa através da socialização. O ser humano está muito pouco preparado para conseguir viver de forma independente e por isso precisa de depender de outros intensamente e por um longo período de tempo. A associação entre o indivíduo e a capacidade de desempenhar diversas funções implica o reconhecimento de que esta ligação resulta da interação com outras pessoas durante um longo período de tempo (Abrantes, 2011).

É o desenvolvimento de determinadas características, como a linguagem, o pensamento e a racionalidade, que define a pessoa, com determinadas capacidades de interpretação e atuação no que toca ao seu meio envolvente. Essa evolução está dependente da integração, que tem de assumir um carácter progressivo, em comunidades onde a linguagem, o pensamento, a forma de falar e a maneira de sentir já permanece. Neste sentido, segundo Cherkaoui, fazendo referência ao pensamento de Durkheim, é possível distinguir das dimensões da socialização que estão correlacionadas.

A primeira é a regulação social. Prende-se com o controle social do comportamento normalizado ou ritual dos indivíduos. A segunda é a regulação cognitiva. Tem a ver com os modelos de pensamento, crenças, mitos e respetivas expressões intelectuais (Cherkaoui, 1995, p.134).

Quando o indivíduo entra num mundo previamente organizado, com uma materialidade própria, a relação entre os comportamentos e as palavras adota um mistério que vai sendo resolvido à medida que ele se torna consciente dessa presença. Ao tentar enquadrar-se, o indivíduo faz interpretações que contribuem para uma evolução do património simbólico existente, que só por si, é desenvolvido através das várias experiências que acompanham as gerações (Abrantes, 2011).

Horton e Hunt, reforçam a ideia de que

A atualização de uma personalidade distintiva é até um processo mais complicado que continua durante toda a vida. (...) À medida que o tempo passa e as experiências se acumulam, a criança forma uma imagem do tipo de pessoa que é – uma imagem do eu (Horton e Hunt, 1980, p. 77).

Segundo Abrantes, desde os primeiros meses de existência, os indivíduos permanecem conectados às funções biológicas vitais, que se encontram aparte de estímulos simbólicos. Através das várias etapas do desenvolvimento do ser humano, cada uma com um processo de socialização próprio, será possível delimitar as formas existentes de interpretar, participar e entrar na vida social (2011).

Horton e Hunt, constataam que,

Socialização, o processo que consiste em aprender o suficiente dos hábitos e costumes para fazer parte da sociedade, é em grande parte um processo de aprendizagem do comportamento de papéis (Horton & Hunt, 1980).

Nas comunidades caracterizadas como pequenas, a socialização das crianças reflete-se apenas numa observação e numa progressiva participação nas conversas e experiências dos adultos. Na modernidade foram criados modelos específicos de socialização, comum aos diferentes grupos sociais, onde ocorre um desligamento das atividades consideradas produtivas dos adultos e da conceção de técnicas e instituições mais concretas (Abrantes, 2011).

Nas sociedades modernas vários estudos, de vários autores puseram em causa o tipo de socialização familiar, influenciando o pensamento de que esta não é apenas resultado da transferência dos pais, mas sim um processo de interação entre os diferentes membros da família, que por só por si, é influenciada pelas instituições

Mollo-Bouvier diz que:

A maioria das crianças é, desde os primeiros anos, integrada em contextos educativos, mediáticos e/ou propriamente infantis (festas, parques, etc.) que transcendem a esfera familiar. A infância torna-se uma experiência institucionalizada (Citado em Abrantes, 2011, p. 128).

Tendo em conta o papel da família nessa interpretação de experiências e sinais recebidos das relações com outras pessoas, estas não deixam de demandar as interpretações da família,

implicando o pensamento de que a socialização assume um caráter disseminado, desde o período da infância (Barbosa, citado por Abrantes (2011)).

Esta situação faz com que a divisão entre as duas fases da socialização ganhe uma interpretação diferente e até é possível constatar que existe uma diluição da divisão das duas fases da socialização (Abrantes, 2011).

No que toca a um segundo campo, relativamente às práticas e disposições, a socialização embora não introduza a totalidade das experiências do seio do social, a participação em práticas sociais cria um espaço para incentivar os indivíduos a desenvolverem determinadas competências, ou identidades, possibilitando a inclusão de representações do mundo e deles próprios. (Giddens & Bordieu, 1987, citado por Abrantes, 2011).

Esta situação manifesta-se por duas razões paralelas, de um lado por os seus constituintes próprios, como os símbolos e os materiais, possuírem uma lógica interna que tem vindo a ser consolidada através do tempo e que fortalece as ações dos sujeitos perante as estruturas sociais, e por outro lado, a participação constante leva a uma aceitação e interiorização dessa mesma lógica, incentivando o desenvolvimento da maneira de estar a nível físico e emocional, que são maioritariamente inconscientes, tal como o sentimento de pertença a uma comunidade, onde desempenha um papel ativo. (Abrantes, 2011).

Segundo Abrantes (2011) num contexto embrionário, os indivíduos integram-se em práticas mais simples com uma participação menos significativa, posteriormente, através do progressivo envolvimento nessa prática, vão ganhando disposições que influenciam uma participação mais significativa e mais vistosa, ou até mesmo uma participação em práticas mais enigmáticas, que impulsionam uma imagem exemplar a novos 'participantes'.

Neste sentido, é importante fazer referência aos papéis e aos status da sociedade e em como elas sofreram algumas alterações.

Usualmente, status é definido como a classificação ou posição de um indivíduo em um grupo, ou de um grupo em relação a outros grupos. (...) Papel é o comportamento esperado de uma pessoa que detém de um certo status (Horton & Hunt, 1980, p.87).

Horton e Hunt referem ainda que o conceito de papel abrange um conjunto de expectativas tanto de nosso próprio comportamento como do comportamento que esperamos dos outros numa situação semelhante (1980).

Relativamente aos status estes podem ser divididos em duas espécies, os status que não são atribuídos pela sociedade, independentemente da qualidade ou dos esforços empregues, e os que são adquiridos através dos esforços. Os papéis atribuídos são geralmente designados através de dois critérios, o critério da idade e o critério do sexo (Horton e Hunt, 1980).

Relativamente ao status adquiridos, os autores referem que

Uma posição social obtida através de escolha individual e competição é conhecida como status adquirido. (...) Por outro lado, os status conseguidos ou adquiridos não são atribuídos ao nascimento, mas são deixados em aberto para serem ocupados pelas pessoas que têm mais êxito na competição para tanto (Horton e Hunt, 1980, p. 91).

Assim, define-se como práticas, os sistemas de ação caracterizados pelo seu significado e pela sua codificação e regulação, que são desenvolvidos através da ação constante por comunidades específicas e que estejam relacionados com as suas condições de existência. Existem práticas simples, que são comuns à maioria dos membros da sociedade, onde é possível observar uma aptidão para uma determinada especialização, que neste caso, é associada à divisão social do trabalho, à falta de recursos e às relações de poder. Assim, as práticas equilibram a vida social de cada um, permitindo a integração social dos indivíduos em quadros de interdependência e de diferenciação de papéis. Existe um controlo por parte dos discursos e das representações que influenciam as práticas. Esse controlo consciente e com um simbolismo corrente, reflete-se numa evolução complexa das práticas (Abrantes, 2011).

Em suma, sublinha Abrantes (2011), que as ciências sociais salientam uma construção a nível coletivo e consciente de “patrimónios” de disposições que vão gradualmente definindo o indivíduo. O tempo é um fator de reflexão bastante importante ao refletir sobre este processo, tendo em conta que põe em causa os problemas metodológicos que ainda não estão bem definidos. Mesmo definindo determinados acontecimentos, com um grande peso emocional, estes acontecimentos são pontos importantes no processo de socialização e o seu valor vai depender da integração em práticas que enobreçam esses momentos.

Grande parte do que o indivíduo aprende resume-se ao facto de ser capaz de se desenvolver através das atividades no seio social, reprimindo-o num estado inconsciente, no entanto prático, moldando-o a estruturas do organismo e à envolvência sociocultural, sendo então, adaptável às comunicações do dia-a-dia (Abrantes, 2011).

A socialização contextualiza-se também através de um terceiro campo, as relações de poder. No desenrolar das constantes experiências que o indivíduo vivencia diariamente, reflexo das trajetórias no espaço social, estes vão criando e desenvolvendo a estrutura social, tal como a posição e o papel que desempenham nessa mesma estrutura, de acordo com o que é considerado possível. (Bourdieu, 1980 & 1987, referido por Abrantes, 2011).

Num nível abrangente, as classes e os grupos com mais poder tinham o objetivo de dominar os restantes indivíduos, posicionados num nível mais baixo, através da formação e da disseminação de quadros de socialização que credibilizam, naturalizavam e substanciavam o poder, trespassando os valores e os comportamentos. Desde a antiguidade que, na Europa, as classes dominantes e as classes desfavorecidas, distinguem-se através das suas práticas que lhes eram destinadas (Manacorda, 2009 citado por Abrantes, 2011).

Na idade média, surgiu um conceito de “civilização” ligada a códigos de sensibilidade e ações da alta burguesia, onde, ao mesmo tempo que se iam tornando corretos pelas classes populares, as elites apresentavam uma evolução e um melhoramento, para que fosse possível manter um valor específico caracterizante da nova classe (Elias, 1990, referido por Abrantes, 2011). O estado e a igreja possuíam uma aliança que se caracterizava como um forte meio de sustento, de um processo de socialização adaptável com a parte do sistema dominante (Aristizábal, 2005, citado por Abrantes, 2011).

Fazendo referência às sociedades modernas, Abrantes (2011), refere que os media e as escolas de massas fazem parte da constituição das instituições essenciais para a socialização, estabelecendo os padrões da “cultura dominante”, enquanto julgam as formas de cultura dos grupos mais desfavorecidos.

A um nível geral, as relações de poder tratam-se, apenas, de uma instituição dos grupos e classes dominante. No entanto, os movimentos sociais que surgiram têm consciencializado as classes no que toca à violência física, à discriminação, à desigualdade de género, entre outros processos que afetam os processos de socialização e, conseqüentemente, os sistemas de dominação (Abrantes, 2011)

No campo das identidades, pode contextualizar-se através de um olhar ao passado que em anos anteriores, novas propostas teóricas têm surgido com um aspeto em comum, a reconhecimento da importância do papel ativo dos sujeitos no que toca à análise dos processos de socialização, sendo que a identidade não é mais do que

o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições (Dubar, 1997, p.105).

Desde pequeno que o indivíduo é inserido em diferentes contextos de vida, adquirindo uma evolução a nível cognitivo e relacional.

Abrantes, citando Lahire, refere que as experiências que ocorrem no mundo social acontecem em contextos e tempos diferentes, por isso a disposição do indivíduo pode alterar-se significativamente, quer ao longo da sua construção biográfica, quer entre os diferentes contextos.

Lahire, segundo Abrantes, distingue três processos de socialização:

(1) Treino ou prática direta; (2) organização social das situações; (3) inculcação ideológico-simbólica de crenças (Lahire, 2002a, 2002b e 2005, citando em Abrantes, 2011, p.121).

Estes processos nem sempre revelam a coerência necessária, refletindo-se na criação de conflitos entre as disposições, as identidades, as frustrações. Por outro lado, serve também para despertar o lado de autocontrolo dos indivíduos e para incentiva-los a envolver-se em práticas específicas.

Concentrar a relação existente entre socialização e identidade é bastante importante, pois é partir desta relação que cada indivíduo adquire as disposições, as competências e os valores, ao mesmo

tempo que as vai ajustando a uma identidade específica, reflexo de uma ligação entre os papéis que lhe foram atribuídos e as intenções dele próprio. (Abrantes, 2011).

Segunda Abrantes, relativamente às emoções, é importante saber que estas são imprescindíveis para conceptualizar a socialização. A emoção é caracterizada por elementos que guiam a atenção, a seleção e a integração da informação a reter, de forma a que seja possível transferi-la noutras situações.

É essencial vincular a ideia de os estados emocionais estão ligados às relações sociais. Se da família faz parte os agentes fundamentais para um indivíduo na infância, pode considerar-se que as emoções que se sentem em relação a outra pessoa, são igualmente importantes para os processos de socialização, onde as emoções positivas, confiança, satisfação, alegria, induzem uma socialização por identificação e as negativas, geram sentimentos de culpa ao próprio indivíduo e de agressividade perante os outros, produzindo uma socialização por distinção (Abrantes, 2011).

Quando o indivíduo insere novos procedimentos no seu dia-a-dia, isso pode levar a que certas emoções negativas se inibam e façam com que o indivíduo se sinta melhor e mais confiante com ele próprio. Além disso, possibilita a resolução de conflitos gerados em experiências anteriores. Quando se criam espaços de reconhecimento social, a participação em práticas distingue-se de uma simples atividade regular, gerando emoções positivas (Abrantes, 2011).

2. Grupos sociais e sociabilidade

2.1. Sociabilidade, sodalidade e socialidade

Podem ser apresentadas três modalidades do social bastante sensíveis de conhecer todos os estados, do organizado até ao não organizado, desde do formal até ao informal, do que é institucionalizado e do que não é institucionalizado e assim sucessivamente (Baechler, 1995). Distingue-se então sodalidade, sociabilidade e socialidade.

Segundo Baechler (1995), a sodalidade é considerada a modalidade com menos dificuldade de se aprender. É a capacidade que o ser humano tem para criar e consolidar grupos que são caracterizados como unidades de atividades, por exemplo, casais, empresas, famílias, igrejas, entre outros. O nascimento destes grupos são reflexo da vontade de atingir determinados objetivos que em situação de completo isolamento não seriam possíveis de alcançar. Biologicamente, seria impossível a reprodução sem a existência de dois indivíduos. Socialmente, seriam precisos muitos mais para implantar a justiça e garantir segurança. Um grupo tem a capacidade de reagir uniformemente, independentemente de ser composto por muitos ou poucos indivíduos, em virtude da sua natureza, dos seus objetivos, da sua racionalidade própria.

Neste seguimento, Baechler aponta para três consequências, reflexo das precisões anteriores, que são decisivas para a sociologia dos grupos:

- um grupo, independentemente dos seus efetivos numéricos, tem um, ou vários objetivos que definem a sua natureza, a sua racionalidade própria, e a sua estrutura em virtude da adequação dos meios aos fins;
- um grupo é constituído, mediata ou imediatamente, por indivíduos, cujos objetivos pessoas:
 - seriam os do grupo na medida em que dele fazem parte,
 - poderão não ter qualquer relação com os objetivos do grupo,
 - poderão combinar-se, melhor ou pior, com os fins coletivos;
- um grupo está em contacto e em concorrência com outros grupos, com ou sem a mesma definição; um grupo faz parte de um sistema de atividades que age sobre ele como uma pressão (Baechler, 1995, p. 58).

A Sociabilidade é um termo que se pode analisar considerando as relações que são desenvolvidas pelos indivíduos e por grupos, quando essas não significam a criação de um grupo vulnerável de trabalhar como uma unidade de atividade. (Baechler, 1995).

(...) pode falar-se de sociabilidade desde que se encarem as relações desenvolvidas por indivíduos ou por grupos, quando essas relações não se traduzem na formação de um grupo suscetível de funcionar como uma unidade de atividade. No interior de cada grupo, os indivíduos estabelecem relações, uma boa

parte das quais não têm qualquer relação direta com os fins do grupo (Baechler, 1995, p.68).

Dentro de cada grupo, criam-se diversas relações e uma grande parte delas não está relacionada diretamente com o objetivo de atingir os fins desse grupo. Deste modo, pode falar-se da existência de uma sociabilidade intragrupos onde se estabelece

relações de indivíduos para indivíduos e de grupos para grupos (Baechler, 1995, p. 68).

O termo de sociabilidade é usado num plano a nível mais formal, no entanto continua a ter um uso pouco frequente. O seu significado está ligado à natureza do ser humano, isto é, ser um ser social, que vive em sociedade, com a necessidade de estar integrado com outros seres humanos. Criar uma relação é uma característica específica dos indivíduos.

É uma interação que nasce sempre através de impulsos ou da procura de determinadas finalidades. Essas interações caracterizam os portadores individuais com esses impulsos como uma unidade, ou como uma sociedade. (Simmel, 2006).

O autor define como matéria de sociação tudo o que faz parte do próprio indivíduo e de ambientes envolventes concretos de toda a realidade histórica, como:

(...) impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos – tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros”. Se a sociação é caracterizada pela interação, então o caso mais claro de sociação é aquele em que ocorre entre iguais, onde predomina um equilíbrio e uma simetria (Simmel, 2006, p. 60).

Para Simmel, ao encaminhar o foco para esses fatores que levam a essas motivações, entende-se que não fazem parte de uma natureza social, isto é, não são definidos de imediato com um caráter social. Tornam-se fatores de sociação quando, num processo de metamorfose, a “agregação isolada” dos indivíduos passa para uma forma de ser com e para um outro. O processo de sociação pode realizado de diversas maneiras e de formas muito distintas, mas define-se como a forma na qual os indivíduos em prol dos seus interesses, independentemente do seu caráter, se desenvolvem de forma conjunta numa direção onde o foco é a realização desses interesses. Estes interesses são definidos como a base da sociedade humana. A sociação é formada por impulsos, interesses, motivos ou objetivos dos indivíduos, tal como pelas formas que essas motivações adotam. Desta forma, é essencial saber fazer a separação e a distinção entre “conteúdo” e “forma” da existência social. O conteúdo da sociação é definido como todos os dados concretos e imediatos sob a forma de impulso, interesse, movimento, que estão dentro do indivíduo de forma a influenciar e ser influenciado (2006).

Consideramos algo como “autenticamente social” nessa existência aquele “ser com, para e contra” através dos quais os conteúdos materiais assumem uma forma em consequência de impulsos.

Essas formas ganham uma vida própria libertos de todos conteúdos materiais. Definindo isto como fenómeno de sociabilidade. (Simmel, 2006)

Simmel refere que, no uso da linguagem ao admitir qualquer sentido à sociabilidade, infere-se um grande valor à forma, pois esta é

mútua determinação e interação dos elementos pelos quais se constrói uma unidade (Simmel, 2006, p. 64).

O ideal principal da sociabilidade tem como base a cooperação mútua entre indivíduos em que cada um tem de garantir ao outro o máximo de valores sociáveis, isto é, alegria, felicidade, vivacidade, relativamente ao máximo de valores que se recebe do outro. A sociabilidade constrói um cenário onde a alegria de alguém está ligada a felicidade de outras pessoas (Simmel, 2006).

Simmel (2006), aponta que este cenário da sociabilidade apesar de garantir um mundo onde se produz uma interação pura com a finalidade de proporcionar determinados valores sociais, não se pode cair no erro de que se entra numa sociabilidade sem pensar no verdadeiro “eu”. Sem pensar em todas as experiências de vida, em todos os fatores que afetam direta ou indiretamente a imagem pura de cada um. A vida moderna é dotada de muitas exigências e por vezes cai no esquecimento todas as responsabilidades e sobrecargas e sobressai a existência natural.

A sociabilidade é usada também como uma força ética da sociedade, em que as problemáticas colocadas nessa força baseiam-se na necessidade que o indivíduo tem de se ajustar a um determinado contexto comum e viver em função dele, tal como da importância que se dá ao regresso de determinados valores e aspetos importante ao indivíduo através desse mesmo contexto, pelo motivo de para que a vida do indivíduo se associe a um desvio para ir ao encontro das finalidades do conjunto, mas no entanto, a vida desse mesmo conjunto também seja associado como um desvio para os fins do indivíduo (Simmel, 2006).

É importante que seja referido que desde sempre que o homem é definido como um ser social. Apontando, primeiramente, para a grande e longa dependência de uma criança, desde que nasceu, das figuras parentais para desenvolver todas as capacidades no que toca ao relacionamento com o outro. É certo que todo o ser humano nasce com instrumentos inatos que enaltecem o contacto com os outros e que, de uma forma ou de outra, vão influenciar as suas trajetórias de vida. O que, numa fase inicial, se define como “necessidade de relação” para sobreviver fisicamente, mais tarde, torna-se num fator indispensável para a sobrevivência psicológica, isto é, um equilíbrio emocional e uma saúde mental estável e isto vai estar sempre dependentemente da qualidade das relações que o indivíduo adota com o mundo (“Outhwaite e Bottomore, 1996).

A sociabilidade define as redes por onde os laços são criados e estabelecidos de forma espontânea pelos indivíduos. Esses laços são resultado das relações que o indivíduo mantém com outros indivíduos. Neste sentido, pode distinguir-se dois tipos de rede de sociabilidade: uma rede de sociabilidade primária definida como um sistema de regras que ligam diretamente os membros de um grupo a nível familiar, da vizinhança etc. que criam redes de interdependência sem a mediação

de instituições específicas e uma rede de sociabilidade secundária que se gera de uma forma mais presente, sendo que é necessário a existência de finalidades comuns e de atividades especializadas (Castel, 1997).

Numa rede de sociabilidade os vínculos podem ser definidos como fortes ou fracos. A força de um vínculo de cada rede de sociabilidade é função do tempo que lhe é dado e da intensidade das emoções que consegue gerar, tal como da intimidade que se gera e da reciprocidade e serviços prestados. Quanto mais forte for o laço maior é a facilidade de se multiplicarem as superposições numa rede de um ponto ao outro. Define-se que quanto maior foi a intensidade dos laços numa rede, maior é a possibilidade dessa rede se fechar sobre si própria e de se desagregar de outras redes, ao contrário dos laços fracos que desenvolvem uma espera para o desenvolvimento gradual de pontes, que façam com que seja possível ir mais além que o círculo originário dos laços de sociabilidade (Baechler, 1995).

Segundo o Castel (1997), as características da sociabilidade abrangem campos diversos e estão relacionadas: quanto à integração; quanto à durabilidade e quanto à forma de pensamento. É importante destacar na sociabilidade que esta ocorre com a simples presença de um fator societário, no entanto só é realmente realizada se, com o passar do tempo, alguma comunicação for definida. O objetivo da sociabilidade é relacionar os seres humanos uns com os outros através do dia-a-dia. Caracteriza-se por uma organização que equilibra a quantidade de informação circulada e que leva ao aceite das normas, refletindo-se isto, numa fusão de desejos, ações e exigências.

Ao fazer a distinção entre sodalidade e sociabilidade pode entender-se que a sodalidade aponta para grupos que querem atingir em comum, objetivos comuns, fazendo com que o conceito de grupo não revele apenas a sua capacidade de agir de forma coletiva, como também ter sido criado exatamente com esse propósito. No que toca à sociabilidade esta caracterizava-se por vais agrupamentos organizados e formais com unidades do ponto de vista jurídico e administrativo, em que o seu objetivo é propor aos seus elementos espaços sociais onde seja possível atingir, cada um por si e todos em conjunto, certos fins específicos, podendo até ser apenas o prazer em estarem todos juntos. Talvez por isso a sociabilidade seja caracterizada essencialmente pelo fenómeno da conversação. Um círculo de sociabilidade integra e reúne os indivíduos sem nenhum objetivo específico, reúne-os apenas com o objetivo de reuni-los (Baechler, 1995).

Relativamente à socialidade, num primeiro termo, esta define as morfologias. Desempenha o papel de manter todos os aspetos coesos (Baechler, 1995).

A morfologia serve essencialmente para caracterizar o que Durkheim designou de “solidariedade social”.

Na ótica de Durkheim o fato social é um aspeto bastante importante a referir. O autor considera que os fatos sociais constituem uma espécie nova, ou seja, não conhecido, exterior no que toca às consciências individuais, repressivo em relação às individualidades e geral no aumento de uma sociedade. Caracterizam-se como os fenómenos que nunca pertenceram a nenhuma categoria de

fatos previamente determinados e determinam-se como suscetíveis de serem medidos ou até mesmo estabelecidos de forma estática. São caracterizados pela sua coerção e por serem exteriores ao indivíduo, eles revelam-se o domínio da sociologia. (Durkheim, 2007)

Depois da revolução industrial, Durkheim apontou a teoria da divisão do trabalho como um aspeto importante ao referir o tema da sociabilidade, na qual, esta não é baseada na liberdade, mas sim na dependência que existe entre os indivíduos.

Nesta linha, o livro “Da Divisão do Trabalho Social”

constitui a principal obra do autor que procura dar conta não só dos comportamentos regulares dos indivíduos, mas também dos fenómenos anômicos e, portanto, perturbadores das sociedades modernas (Silva, 2009, p. 5.).

Para Durkheim, além de existir uma consciência individual, existiria também uma consciência coletiva, isto é, um conjunto de valores, normas, signos e símbolos seriam partilhados por todos os membros de uma certa sociedade. Assim a consciência individual teria associada a uma personalidade individual e a consciência coletiva seria associada a uma personalidade coletiva, inserida nesta, a própria sociedade. (Silva, 2009). A consciência coletiva tem como objetivo produzir um efeito moral ao produzir um sentimento de solidariedade coletiva, isto é, um fenómeno que impulsiona, orienta, condiciona e determina os comportamentos e a próprias representações individuais, através a criação de vínculos, de ordem e de normas para que seja possível uma integração social. (Silva, 2009).

Essas normas morais são caracterizadas através de dois tipos aprovação, assemelhando-se estas a uma “solidariedade”.

Segundo Durkheim, esta solidariedade pode ser caracterizada por dois tipos: a solidariedade mecânica, de carácter repressivo que resulta dos processos de semelhança entre os vários membros da comunidade (Silva,2009) e onde se encontram indivíduos com os mesmos valores e com uma baixa quantidade da divisão do trabalho. Numa solidariedade mecânica, os ideais semelhantes são a base da sociabilidade e onde se vincula de forma direta o indivíduo à sociedade; e a solidariedade orgânica, de alcance restitutivo, caracterizada por ser uma sociedade moderna tradicional, ou seja, múltiplos trabalhos, múltiplas funções e tarefas específicas. Numa solidariedade orgânica a sociabilidade é reflexo da alta quantidade da divisão do trabalho (Durkheim, 2007).

3. Desqualificação Social

3.1. A propósito da noção de pobreza

Segundo Paugam, nas sociedades modernas, a pobreza não é reconhecida apenas como o estado de alguém em privação de bens materiais, paralelamente, designa também um status social específico, considerado inferior e desvalorizado, que determina a identidade de todos aqueles que vivenciam esta experiência.

Nas sociedades medievais cristãs, a pobreza assumia ideais bastantes diferentes, onde a caridade era um fator importante para aliviar a situação de pobreza, já numa mentalidade associada à sociedade moderna a pobreza assume um caráter negativo.

Nas sociedades que transformam o sucesso em valor suprema e em que predomina o discurso justificador da riqueza, a pobreza é o símbolo do fracasso social e frequentemente se traduz na existência humana por degradação moral (Paugam, 2003, p.46).

Apesar da prestação de apoio aos pobres se definir como um dos princípios das sociedades modernas, isto ocorre apenas numa parte da sociedade, pois a pobreza, por outro lado, é entendida como o aposto ao progresso ou até mesmo como uma “disfunção do sistema económico”.

A pobreza, entendida como um fenómeno de decadência humana, pode ser analisada de acordo com o modelo de Weber da estratificação social, tendo em conta três dimensões: a classe, o status e o poder. São três as dimensões que não se posicionam exatamente no mesmo nível, mas que adotam uma correlação entre ambos.

Nas sociedades modernas, a privação de recursos não é o único fator que se manifesta numa situação de pobreza, sobressai também a pouca influência relativamente ao poder político e o nível de respeito mede-se através da posição social inferior (Paugam, 2003).

Numa contextualização histórica, Paugam refere que em períodos de prosperidade económica a pobreza era lembrada apenas esporadicamente, deixando para os assistentes sociais o dever de ajudar aqueles que se encontravam numa situação de exclusão social. Nos dias de hoje, admite-se que o fenómeno da pobreza assume um caráter multidimensional e bastante complexo.

Vários cientistas na esfera social tentaram inúmeras vezes caracterizar os fatores de distinção entre as novas e as velhas referências da pobreza seguindo, maioritariamente, por noções do senso comum para tentar definir o “limiar da pobreza” (2003).

A pobreza nas sociedades modernas depende e varia do meio ambiente, dos hábitos culturais, tal como dos modos de vida. Desta forma, é sempre bastante complexo fazer uma comparação da pobreza entre as diversas sociedades, tendo em conta o facto de que nem todas alcançaram o mesmo nível económico. Nesta sociedade, a pobreza define-se, não por si mesma, mas comparativamente, a um nível de renda que aumenta de acordo com a riqueza (Paugam,2003).

A noção de pobreza que admite baixa renda, isto é, “aquele que não tem o necessário ou apenas o suficiente para viver” (Paugam, 2003, p.50), assume um caráter relativo e até equívoco.

Segundo Paugam, é possível considerar as implicações extramateriais em relação a pobreza ligada à baixa renda, por exemplo, o acesso à educação, a possibilidade de transmitir capital cultural aos filhos e com isto, atingir uma maior possibilidade de integração social e profissional.

É um conceito que move o poder e a energia de várias instituições que se deparam recorrentemente com os grandes obstáculos das populações desfavorecidas (2003).

3.2. O processo de desqualificação Social

Segundo Paugam, a desqualificação social, é um conceito que surgiu no final do século XX e que afetou inúmeros países ocidentais, classificando-se como um processo multidimensional que caracteriza “a nova pobreza”. É um termo que remete para diversas evoluções que ocorreram de forma simultânea e que, como resultado, provocaram uma grande degradação do mercado de trabalho e, conseqüentemente, o crescimento do número de empregos pouco estáveis, o aumento do tempo de desemprego e o enfraquecimento das relações sociais, revertendo-se isto, num aumento das separações conjugais e o decréscimo da solidariedade de classe e de proximidade (2003).

Os conceitos envolvidos na discussão relativamente à desqualificação social referem-se, essencialmente, à precariedade do trabalho, à ausência de qualificações, o desemprego, o futuro incerto, a crise da sociedade industrial e à exclusão social.

Para uma melhor compreensão do processo de desqualificação, Serge Paugam, define três categorias: a fragilidade; a dependência; a rutura.

A fragilidade é um conceito que está relacionado com a deslocalização social, ou com as dificuldades de inserção no mundo profissional. Nesta situação, as pessoas recusam-se a ser consideradas como assistidas e acumulam cada vez mais esforços para ganhar um melhor status social. Esta fase da fragilidade, pode impulsionar o alcance à fase da dependência dos assistentes sociais, pois a situação de precariedade profissional, leva a uma diminuição da renda e ao desgaste das condições de vida. No seguimento destas situações, em modo geral, as pessoas que experienciam esta posição, desistem de ter um emprego, fazendo com que passem para uma nova fase, a fase da rutura, definida pela degradação dos vínculos sociais, no momento em que se deparam com a realidade e se confrontam com inúmeras dificuldades (Paugam, 2003).

Serge Paugam, analisa de forma mais aprofundada estas três fases da desqualificação social. Numa situação de fragilidade, o desemprego, as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, a perda da habitação, são tudo experiências, de nível social, que causam bastante dor e

desconforto. Estas pessoas ganham a sensação de que estão deslocadas e posicionadas num nível social bastante inferior ao que conheciam. O autor faz referência a Dominique Schnapper, para introduzir no estudo o conceito de “desemprego total”, referindo que o desemprego é vivido como

(...) uma experiência humilhante por aqueles que já exerceram uma profissão estável e que vêm suas chances de reintegração profissional se restringir dia a pós dia (Paugam, 2003, p.34).

No caso dos jovens, os trabalhos ocasionais e os estágios que podem ir realizando durante a sua adolescência, podem impulsionar a perda da esperança que estes têm de encontrar um emprego estável e “verdadeiro”. Considerando o fator anterior, juntamente com a ausência de uma residência fixa, é frequente um crescimento do sentimento de angústia em relação ao futuro e sobressaí o medo das coisas se tornarem cada vez piores (Paugam, 2003).

No seguimento da ideia do autor, as pessoas deslocadas socialmente, depois de fracassarem a nível profissional, adotam uma forma pouco lúcida relativamente à distância que as separa da maioria da população. Ganham uma sensação de fracasso e pensam que tudo o que fazem é assumido, por todos, como inferior ao seu status ou como uma incapacidade social. Quando, por forças de motivo maior, são obrigadas a aceitar assistência, é insuportável assumirem a inferioridade que lhes é conferida e vêm essa ajuda como uma abdicação ao verdadeiro “status social” e como uma ausência da dignidade (2003).

Paugam, refere que a situação de instabilidade profissional pode provocar situações bastante complicadas. A crise do desemprego, além de impulsionar um enfraquecimento da vida social e da perda do salário, incita também a perda do status de trabalhador e a forma de gerir o tempo e o espaço. Em alguns casos mais específicos, perde-se relacionamentos que foram criados num final de dia de trabalho e que se tornaram um hábito diário e perde-se também, a sociabilidade nos cafés. Quem passa por esta situação, sente o medo de ter que se isolar em casa e é apoderado por um desencorajamento que, como reflexo, pode suscitar uma resignação. O sentimento de medo e de culpa existente provoca a vontade de refúgio e de isolamento, fazendo com que a pessoa fique apenas num espaço privado, ocupando-se de atividades individuais. Muitas vezes, as relações familiares são afetadas devido ao medo que a pessoa tem de desiludir todos aqueles que o rodeiam e de não ser capaz de assumir que não são, o que gostariam de ser. Quando se trata de complicações conjugais, é frequente estabelecer-se uma relação de causa-efeito entre a perda de emprego e as complicações em casa, resultando, muitas vezes, numa separação. Perante todas as dificuldades com que o desempregado se depara, facilmente perde os seus pontos de referência e pode entrar numa “crise de identidade” (2003).

Depois de uma longa fase de desmotivação e abatimento, Serge Paugam refere que os indivíduos começam a aceitar que precisam de depender das relações constantes com os serviços sociais para lhes ser possível ter uma renda garantida e outros tipos de auxílios necessários para ter o mínimo de subsistência, no entanto, enquanto existir uma remota possibilidade de encontrarem um

emprego estes tentam sempre manter uma determinada distância em relação aos prestadores de auxílio. Em certos casos, depois de várias tentativas que se revelaram inúteis, as pessoas chegam a conclusão que a possibilidade de voltarem a inserir-se no mercado de trabalho é bastante pequena e passado um ano em situação de fragilidade, declaram ter problemas de saúde que os impede de trabalhar e é essa fase que marca o início da dependência (2003).

Paugam, refere-se à fase da dependência a fase onde os indivíduos aceitam o seu status de assistido, provocando uma rápida alteração nas suas personalidades. Neste contexto, começam a procurar compensações que valorizem a sua identidade e tentam, de certa forma, racionalizar o porquê da necessidade de ser assistidos. Numa situação parental, muitos pais justificam essa assistência não só por si, mas principalmente, pelos filhos. Há quem suporte a ideia de ser assistido justificando essa ação com a crise económica (2003).

Relativamente às relações sociais, é notória uma preservação dos vínculos e na maioria das vezes a assistente torna-se uma espécie de confidente, que além de ouvir e perceber os problemas, ela tenta também solucioná-los e desta forma torna-se até mais fácil a cooperação do assistido com a própria assistente.

De modo a compensar e valorizar a sua identidade parental, o indivíduo tende a exercer diversas atividades no próprio lar e também no exterior, realizando alguns trabalhos solidários (Paugam, 2003).

A última fase do processo de desqualificação social, dá-se pelo nome de Rutura.

O processo de rutura

é o produto de uma soma de fracassos que conduzem a uma acentuada marginalização (Paugam, 2003, p. 39).

Os indivíduos que presenciam esta fase sentem uma aglomeração de dificuldades compostas pelo afastamento do mercado de trabalho, pela perda de relações sociais, pelos problemas de saúde e como reflexo disso, são alvo de uma grande sensação de inutilidade perante a sociedade e, muitas vezes, utilizam como refúgio a essas derrotas, a embriaguez. (Paugam, 2003)

Segundo Paugam, além das pessoas cujo foram abruptamente atingidas por uma rutura na sua vida profissional, é também possível encontrar jovens em situações de declínio, com uma saúde física e moral bastante abatida e revestidos de angústia. Muitos destes jovens passaram por uma marginalização precoce, em que da fase da fragilidade passaram diretamente para a fase de rutura, sem ter qualquer contacto com a fase da dependência e esta evolução brusca tem como principal razão a ausência de estabilidade relacional com a família (2003).

De forma sucinta, associando as tipologias das intervenções a nível social com os tipos de beneficiários dos serviços sociais, Paugam relaciona então a intervenção pontual com os fragilizados, a intervenção regular com os assistidos e a infra intervenção com os marginalizados. Os tipos de beneficiários referidos não são definidos como categorias administrativas, mas sim

como categorias analíticas construídas de acordo as várias necessidades de percepção sociológica (Paugam, 2003).

Paugam, definiu estes três grupos da seguinte forma:

I. Os fragilizados ocupam a posição no polo superior de todo o processo. Beneficiam, pontualmente, de ajuda social no plano do orçamento. As dificuldades económicas nesta dimensão são caracterizadas não só pelo desemprego, como também por casos intermediários, isto é, casos de trabalhos temporários, cursos, estágios, etc.

Os fragilizados são apoderados pela grande sensação de incerteza e até mesmo, da renda irregular, fazendo com que ofereçam, a sua contribuição na vida social e económica, apenas parcialmente.

II. Os assistidos, contrariamente aos fragilizados, estes beneficiam de uma intensa e constante intervenção social. São auxiliados com renda por parte da proteção social, quer seja por razões de carácter físico e mental, quer pela necessidade de promover a educação e sustentabilidade para os filhos dos assistidos.

III. O último grupo, os marginalizados, ocupam a posição no polo inferior do processo de assistência. É um grupo que não beneficia de qualquer ajuda social, isto é, rendas dos empregos regulares ou subsídios assistenciais. São pessoas que deixaram de ganhar as indemnizações do desemprego e mesmo assim, não foram alvo de uma intervenção social. São um grupo carenciado no que toca ao status e a poder.

O carácter relativo da condição social destes três grupos, faz com que seja extremamente necessário um estudo das diversas experiências ocorridas e na espera teórica da desqualificação social (2003).

3.3. Fragilidade e desqualificação social

Os fragilizados são um grupo caracterizado por uma precariedade económica que está muitas vezes relacionada com status jurídicos inferiorizados, isto é, realização de estágios de formação, trabalhos ocasionais, desemprego, etc. A intervenção social a este grupo é de carácter pontual e remete, na maioria das vezes, para questões de dificuldades financeiras.

3.3.1. A crise de status

Dominique Schnapper citado por Serge Paugam aponta que o autor reforçou a ideia de que os desempregados provenientes das categorias sociais mais desprezíveis são apoderados por uma grande sensação de humilhação que é reflexo do apego ao trabalho (2003).

Exercer uma atividade profissional não só estabelece uma maior segurança a nível material e financeiro, como também uma segurança a nível das relações sociais e da melhor gestão do tempo e do espaço (Paugam, 2003).

Neste contexto, é considerado relevante fazer a distinção entre trabalho e emprego, pois uma pessoa em situação de desemprego pode realizar vários trabalhos e assumir que tem um trabalho, por exemplo, realizar exercer trabalhos domésticos, cuidar dos filhos, prestar pequenos serviços a familiares ou vizinhos, fazendo isto com que o risco de “dessociação” diminua, no entanto não substitui o status oferecido pelo emprego e pelos fatores jurídicos de uma atividade profissional (Paugam, 2003).

A maioria das pessoas, segundo Paugam, quando falam em trabalho, estão a fazer referência ao emprego assalariado de carácter indeterminado. O status concedido por um emprego fixo impõe sempre a sua influência nas várias dimensões do sucesso social, por exemplo, não só influencia a vida familiar, como também exerce a sua força na realização das necessidades materiais, entre outros aspetos. No caso dos mais jovens estes enquanto não adquirirem estabilidade financeira e um emprego seguro com uma boa remuneração, não assumem a possibilidade de casar ou ter filhos (2003).

A inferioridade social e a falta de recursos reforçam-se mutuamente e explicam essa aspiração comum a um status social mais elevado ligado ao emprego (Paugam, 2003, p.94).

No grupo dos fragilizados, esta experiência não é vista por todos de forma igual, e por isso, Paugam, refere que é possível produzir a distinção de dois tipos de experiência. São as diferenças de idade, os diferentes status, as diferentes maneiras de encarar o fracasso e as opostas trajetórias que torna possível distinguir os dois tipos.

Numa primeira experiência a inferioridade social reflete-se de uma forma bastante negativa, produz sentimentos de humilhação e perturbação, causa o isolamento e a produção de ressentimentos. A esta experiência, está associado o nome de fragilidade interiorizada. No segundo tipo de experiência, as pessoas vivenciam-na de forma mais positiva, ao tentar arranjar sempre alternativas para evitar o fracasso e conseguir alcançar a “saída”. Neste tipo de experiência a inferioridade social ocupa-se apenas de uma questão temporária e as pessoas que a vivenciam não sentem qualquer tipo de constrangimento em recorrer aos serviços sociais. A esta experiência dá-se o nome de fragilidade negociada (2003).

3.3.2- A fragilidade interiorizada e a fragilidade negociada

- **Fragilidade interiorizada**

Seguindo a ideia de Paugam, é possível entender que nesta situação de fragilidade a ausência de visões de nível profissional transformam a maneira de viver cada dia mais insuportável, especialmente para quem nunca sentiu a sensação de fracasso e a experienciou a desqualificação social.

Esta experiência é vivida por aqueles que sentiram o verdadeiro peso da deslocalização social, seja de assalariados que ficaram desempregados, quer de comerciantes que entraram em falência. São essencialmente, pessoas acima dos 30 anos de idade.

A situação de desemprego, vivida por este tipo de pessoas, era assumida como um sinal de fracasso e as questões em relação ao status e ao modo de vida começaram a ser constantes e progressivas (2003).

Ao depararem-se com a escassez de oferta no mercado de trabalho, em determinados setores e ao adicionarem o fator idade, que por si só já dificulta a reinserção profissional ao atingir um determinado número, provoca um grande sentimento de angústia, que se relaciona diretamente com o peso da humilhação. Quando o fracasso de torna o sentimento dominante, muitas pessoas pensam que são o alvo de olhares por todos e que tudo o que fazem diariamente é interpretado como um sinal de inferioridade imposto pelo seu status, ou visto, até, como uma incapacidade social (Paugam, 2003).

Segundo Paugam, o fracasso reverte sempre para uma grande amargura, as pessoas sentem-se humilhadas e nem sempre demonstram o seu ressentimento, causado pelo castigo da ordem social, e por sinal, que se reflete em consequências insuportáveis (2003).

Esta experiência da fragilidade interiorizada tem sido estudada até ao momento, de forma similar de como é vivida nas relações sociais do dia-a-dia, no entanto, é importante dar relevância, de forma a complementar a análise deste tipo de experiência, ao comportamento dos fragilizados deste tipo, com os serviços sociais. Para as pessoas que estabelecem uma relação com a fragilidade interiorizada, a frequência a estas instituições provoca a consciencialização por parte do indivíduo, de que não está à altura da expectativa do que deveria ser (Paugam, 2003).

- **Fragilidade negociada**

A fragilidade negociada é uma situação sentida, geralmente, por jovens com uma idade inferior a 25 anos e são caracterizados pela sua origem de uma classe popular com um nível cultural infame (Paugam, 2003).

Segundo Paugam, estes fragilizados sentem-se socialmente inferiores, no entanto, compensam-se essa sensação ao produzir um conjunto de fundamentos que expliquem a sua precariedade social e nunca abdicam de tentar encontrar um emprego sólido e bem remunerado (2003).

Estes jovens desprezam o fracasso e sentem a necessidade constante da integração social. Para estes, o desemprego não é uma decisão individual, por conseguinte, não é encarada como uma face de lazer ou de reflexão e tendo em conta o facto de que o perigo para este grupo não é o da proletarização, estes não possuem tantas razões para apresentarem repulsão ao trabalho e a tudo o que este implica, desse modo, põe-se de parte a demanda de outro modo de vida ou de uma “resistência popular à diretriz instituída (Paugam, 2003).

Referindo Paugam, os jovens com menos de 25 anos podem ter o privilégio de beneficiar de diversas medidas de apoio à formação, medidas estas que têm o intuito de promover aos jovens a possibilidade de acederem a uma formação profissional eficiente e de apaziguar a experiência do desemprego àqueles que se definem mais suscetíveis. No entanto, esses métodos não, efetivamente, desejados por quem vive nesta experiência. Para muitos dos jovens, aceitar essas medidas é assentir um status social inferiorizado que fará com que os torne “mais pequenos” diante das empresas (2003).

Os jovens fragilizados aderem a um maior dinamismo para conseguir ultrapassar esta experiência e impõe-se fortemente ao fracasso, mesmo que situações pouco propícias tentem chocar contra isso. Quando conseguem ganhar esta luta, apodera-se dos jovens alguma esperança. É importante assim, definir que os ideais de sucesso são caracterizados, de uma forma geral, pela família, pela educação dos filhos. por uma significativa comodidade material, entre outros (Paugam, 2003).

Segundo Serge Paugam, para alcançar a mobilidade social ascendente muitos jovens ampliam a vontade de aproveitar todas as oportunidades que lhes surge e mesmo que o resultado não seja o expetável, reconhecem que estão a respeitar e a seguir os seus ideais, tal como, a combater o fracasso social.

Apesar de não terem vergonha em pedir auxílio financeiro, os jovens não querem ter filhos antes de ascender na hierarquia social e muito melhor de privilegiar de medidas de assistência adequadas a famílias com recursos escassos. Ao adotarem uma consciencialização da sua fragilidade, os fragilizados assumem um comportamento sensato no que toca à utilização dos serviços sociais (2003).

Ao depararem-se com a necessidade de recorrer a um auxílio financeiro de um serviço social, estes jovens não sentem qualquer tipo de humilhação. Primeiramente, esta atitude é explicada por assumirem que, apesar de ser uma situação complicada, tanto a nível material como a nível simbólico, é apenas temporária e para conseguirem ultrapassar este obstáculo tem de agarrar todas as oportunidades que lhes são apresentadas. Em segundo lugar, explica-se por serem jovens e ainda não terem filhos. No final de contas, é uma realidade de jovens solteiros ou de casais sem filhos, que, devido à idade, ainda não se inseriram tanto a nível social, como a nível profissional.

Esta experiência acaba por definir-se como uma extensão da adolescência e um pedido de ajuda não lhe causa qualquer transtorno a nível psicológico, nem assumem tal coisa, como um sinal de decadência (Paugam, 2003).

Numa situação em que é necessário expor as dificuldades perante a assistente social, os jovens não adotam, de forma alguma, uma atitude reservada, pelo contrário, expõe e explicam a situação e pedem o auxílio financeiro que necessitam. De certa maneira, esta é uma atitude que prevê o comportamento da assistente, deixando-a com pouco espaço de manobra, alterando a verdadeira natureza da relação e definindo os limites de resposta apenas, entre a distribuição de auxílio ou a oferta de cestos de alimentos. A isto Paugam define como uma “estratégia de consumo” (Paugam, 2003).

Esta atitudes de consumidores que os jovens adotam, é também visível nos momentos em que procuram as associações beneficentes, que além de ajuda financeira também põe à disposição roupas e alimentos. A atitude descontráida e a ausência de constrangimentos, faz com que seja possível analisar de uma maneira sólida as vantagens e as desvantagens das várias associações beneficentes (Paugam, 2003).

3.3.3. A carreira psicossociológica dos assistidos

Os assistidos são um grupo que favorece de rendas oriundas da proteção social, quer em caso de deficiência física e mental, quer para amenizar as dificuldades pelas quais este grupo passa e, assim, providenciar ajuda na educação e no sustento dos filhos.

A assistência é caracterizada por uma intervenção ativa, de caráter social, geralmente, associada a um contrato de acompanhamento, proveniente dos serviços sociais (Paugam, 2003).

Segundo Paugam, é possível fazer a distinção entre três tipos de experiência no plano da assistência: A assistência postergada; a assistência instalada e a assistência reivindicada. Estas três experiências estão relacionadas com as três fases de uma carreira de assistido. A noção de carreira passa por uma análise da trajetória dos assistidos, desde o momento em que os serviços sociais começam a responsabilizar-se por eles. Este conceito, foi primeiramente, criado com o objetivo de analisar as mudanças de um status para outro, experienciadas pelo trabalhador na espera profissional. Recorre-se, também, a este protótipo para estudar a forma de como uma pessoa assistida se vai tornando cada vez mais dependente da ajuda social e a perda da motivação não só para o trabalho como também, para produzirem racionalizações que justifiquem a assistência que necessitam (2003).

Durante a fase da assistência, pode pôr-se em hipótese uma mudança na identidade do assistido e constatar a existência de uma conexão entre as três experiências vividas, não entanto, não quer dizer que todos os assistidos tenham de passar por todas elas. A ocorrência de uma situação

pessoal, ou circunstâncias a nível individual, pode fazer com que haja uma interrupção ou adiamento do acesso de uma fase à outra.

A realização de uma análise à carreira psicossociológica dos assistidos tem o objetivo de examinar a possível transformação da personalidade ou identidade dos indivíduos, tal como o seu sistema de representação durante todo este processo.

- **A assistência postergada**

Todos os indivíduos que passam por a experiência da assistência postergada são incentivados, na maioria das vezes, por procurarem um emprego. Sem considerar o facto de possuírem um nível mínimo de dependência dos serviços sociais e dos próprios assistentes, é bastante complicado assumirem a necessidade de aceitar um acompanhamento social e um encargo assistencial de todas as suas dificuldades. Este tipo de grupo não se considera na condição de assistidos. Tendo em conta a análise a diferentes situações da assistência postergada, é possível concluir que esta não se adequa a um único status jurídico (Paugam, 2003).

Segundo Paugam, experiência da assistência postergada identifica-se, pelo menos, com um fato da experiência vivida pelos fragilizados. Os indivíduos nesta situação, sentem uma forte motivação para o emprego, fazendo com que seja dominante, a recusa em identificar-se com o status de assistido, e a expressão determinada em conseguir ascender socialmente. Este fator está relacionado com o que se chama, a primeira fase da assistência, isto é, a fase característica onde os assistidos são apoderados de sentimentos de humilhação e de fracasso social. Nesta fase, ainda não operacionalizaram uma teoria de racionalização da assistência, nem negociaram o seu status. Tendo consciência da categorização dos status, as pessoas sentem que já não estão posicionadas no nível hierárquico que era suposto estarem e anseiam melhorar, rapidamente, a sua situação (2003).

A relação regular com os serviços de ação social dos quais dependem diretamente para sobreviver representa uma experiência dolorosa para aqueles que vivem a experiência da assistência postergada (Paugam, 2003, p.132).

Os indivíduos evitam o máximo que conseguirem em pedir auxílio aos assistentes sociais, no entanto, sabem que, os limites de autonomia são bastante limitados. Quando o fazem, a influência provém sempre, das dificuldades financeiras. Tal como no caso da fragilidade interiorizada, todo o esforço para um pedido de auxílio financeiro, desperta a sensação de fracasso social, no entanto o nível de dependência, dos assistidos, em relação aos assistentes sociais é muito maior. Estas dificuldades sentidas pelos assistidos caracteriza, de certa forma, o início de um caminho específico, que geralmente, coincide com uma “cerimónia de degradação do status”. Após assumirem o seu status, os indivíduos devem fazer um esforço para se associarem a esse novo papel e tomar

consciência de que existem respostas de nível institucional para os seus problemas que possibilitarão beneficiar de direitos assistenciais (Paugam, 2003).

Segundo Paugam, em muitos casos, pode assistir-se nos indivíduos, uma profunda angústia gerada pela ideia de terem que se submeter aos serviços assistenciais. Por muito pequena que seja a intervenção social, é entendida por eles como uma ofensa à sua independência e à sua vida privada (2003).

As complicações que surgem nos indivíduos para se reconhecerem no status de assistidos e a negação de uma dependência mais forte dos serviços sociais revela, claramente, uma resistência pessoal às tentativas dos assistentes. O plano de distanciamento e a rejeição de uma pareceria duradoura, são fatores influenciados pela esperança, que permanece no indivíduo, de encontrar um emprego seguro. Ganhar um status de assalariado é a única forma que o indivíduo tem de se desvincular, de forma definitiva, do controle social, tal como, do que acarreta o simbolismo da assistência (Paugam, 2003).

De uma forma geral, assistência postergada está associada à fase inicial do status do assistido. Define-se como uma experiência vivida por pessoas jovens e pouco acostumadas aos serviços sociais dos quais necessitam. Para estes indivíduos a única solução que encontram para resolver as suas dificuldades, é o emprego, pois identificam o status de assistido e a orientação assistencial constante como uma “passagem indesejável”. Para o indivíduo conseguir tomar uma posição condescendente e admitir esse status, é necessário que vivencie pela experiência da assistência instalada (Paugam, 2003).

- **A assistência instalada**

Verifica-se, que na durante esta experiência, gera-se um reconhecimento progressivo da posição do status de assistido. Não significando isto, uma subjugação aos serviços sociais, no entanto, é importante identificar as seguintes particularidades: a pouca motivação para o emprego; a elaboração de racionalizações para justificar a necessidade de assistência e as estratégias eficientes na relação com os assistentes sociais (Paugam, 2003).

Analisando ponto a ponto, no que toca à pouca motivação para o emprego, a experiência da assistência instalada não assume uma abdicação definitiva ao emprego, no entanto, é possível compreender que o nível de motivação para procurar uma atividade profissional, é bastante ínfimo (Paugam, 2003). São inúmeros os casos que podem explicar esta posição, com explicações que, para quem vive esta experiência, são bastante plausíveis e que justificam a atitude conformista.

Segundo Paugam, no que toca às medidas de formação profissional, estas, inicialmente, não são rejeitadas por os que vivenciam a experiência da assistência instalada, mas encontram bastantes obstáculos em alcançar uma qualificação profissional respeitada e prestigiada pelos empregadores

e isso reflete-se num desencorajamento, principalmente quando as remunerações propostas não são aliciantes (2003).

Uma questão importante a referir, de acordo com Serge Paugam, é a questão do emprego das pessoas portadoras de deficiência. É importante referir que a deficiência não reflete sobre a vida profissional e que, além disso, a legislação definiu auxílios para aqueles cuja a inserção no trabalho é complicada. Se as pessoas portadoras de deficiência quiserem e tiver aptos podem favorecer-se dessas medidas. Um dos problemas que podem surgir, está relacionado com a negação de um deficiente, em trabalhar com outros e isso explica-se pela vontade de pôr de parte a deficiência e tentar mostrar, da melhor forma possível, a sua aptidão perante as pessoas que não foram alvo de um estigma (2003).

De mãos dadas com a pouca motivação, está também o segundo ponto, as racionalizações acerca do trabalho assistencial.

A ponte que interliga a assistência postergada à assistência instalada não se constrói espontaneamente. É imprescindível aprender conhecer de forma correta os procedimentos dos serviços sociais, onde está incluído os métodos de auxílio, a ação das instituições, o papel dos assistentes sociais, etc. Nesta passagem está implícito também, o reflexo de um extenso processo de negociação do status do assistido, significando isto:

1. Renunciar implicitamente ao status do emprego;
2. Relativizar a opinião desfavorável acerca dos assistidos;
3. Elaborar justificativas pessoais para eventualmente responder àqueles que se opõe ao recurso sistemático à assistência (Paugam, 2003, p.141).

O grupo dos assistidos têm consciência das irrevogáveis imposições relacionadas com a sua relação de dependência dos serviços sociais. Todos já sentiram o sentimento de angústia e humilhação como reflexo da inferioridade do seu status. Os assistidos para conseguirem identificar-se com esse status, é fundamental que produzam um conjunto de racionalizações e só se “instalam” definitivamente na assistência se essas racionalizações forem compostas por “raízes” resistentes (Paugam, 2003).

Segundo Paugam, pode identificar-se vários tipos de racionalização. Uns justificam o status de assistido não em benefício próprio, mas em benefício dos filhos, outros justificam a assistência por estarem doentes ou inválidos e outros justificam-se apoiando-se na crise económica para expor a assistência enquanto direitos sociais. De forma geral, o aprendizado dessas racionalizações provoca uma transformação da identidade do indivíduo para que consiga identificar-se com a sua condição social. Neste seguimento, é a partir deste momento que os indivíduos se tornam assistidos, já não influenciados pela pressão, como numa experiência de assistência anterior, como também pela nova interpretação individual, concedida ao sentido definido ao seu status e ao papel nele implícito (2003).

O terceiro ponto a abordar, está relacionado com o facto de, apesar das pessoas já não terem a motivação para encontrar uma atividade profissional, focam as suas energias ao elaborar estratégias para reforçar a sua relação com os assistentes sociais.

Ao definirmos a possibilidade de, no caso da assistência instalada, ocorrer uma progressão na identificação com o status de assistido, não implica, necessariamente a total dependência dos assistidos com os serviços sociais. É importante apurar é de que modo os beneficiários de auxílio social, têm a capacidade de manipular as relações que mantêm com as instituições sociais que os beneficiam. As expressões que melhor exemplificam a utilização objetiva dos serviços sociais, são aquelas que declaram a adequação da assistência social, como por exemplo, “a minha assistente social”. Quando expressões como estas são mencionadas pelos assistidos, significa, que estão contentes com os serviços presenteados (Paugam, 2003).

Segundo Paugam, verifica-se também uma estratégia de sedução para reforçar a tentativa de adequação da assistente social. Esta estratégia tem o objetivo de dar continuidade à boa relação para que beneficie sempre dos seus serviços com satisfação. Para que seja possível construir uma relação favorecida e com privilégios, é necessário que o assistido tente seduzi-la, isto é, consiga ganhar a sua confiança, demonstrando que na sua personalidade, a franqueza e a honestidade são duas características que o definem. Essa apropriação da assistente social desenvolve-se também quando se altera o sentido da relação desigual entre o assistente e o assistido (2003).

A preocupação dos assistentes sociais em estabelecer uma relação amigável com as famílias assistidas, mesmo quando o seu foco é uma ação educativa profunda, pode fazer com que sejam influenciados pelas estratégias de sedução e, dessa forma, perderem o controle, de forma progressiva, sobre os seus métodos de intervenção e depararem-se com um aumento de valores nos pedidos de auxílio financeiros e com a

“instalação” imutável das famílias na assistência (Paugam, 2003).

Citando Paugam, este mecanismo de sedução não é adotado por todos os assistidos. Alguns deles restringem-se a realizar a tarefa do assistente social, integrando em maior ou menos grau, o seu projeto educativo e, assim, a relação entre o assistente o assistido é assumida sem quaisquer investidas de apropriação ou sedução. No entanto, existem exemplos, onde a forma de cooperação trata-se apenas de uma estratégia para conseguir dominar a intervenção da assistente social. Revela-se um consentimento oportunista que resulta numa grande resistência à verdadeira razão didática da ação social. Nem sempre é plausível delimitar a intervenção social de acordo com os próprios interesses, em várias situações o assistido tem de ceder, cooperar e demonstrar a sua sinceridade, se quer manter a boa relação que estabelece com os serviços sociais (2003).

Em suma, a experiência da assistência instalada define-se como a fase onde os indivíduos assimilam as atitudes que correspondem com o seu status. As dificuldades que os assistidos têm em encontrar uma atividade profissional, reforça ainda mais a ideia de assumir o seu status de assistido e apesar do descrédito que isso acarreta, não representa um custo simbólico insuportável

para o indivíduo. O status vai tornando-se cada vez mais aceitável a partir do momento em que começam a desenvolver justificativas para a razão de necessitar de assistência social. Por último, a dependência em relação a estes serviços sociais, vai-se tornando cada vez maior, não querendo isto implicar uma renúncia à personalidade do indivíduo e à capacidade de tomar decisões (Paugam, 2003).

- **A assistência reivindicada**

A experiência reivindicada atenua os traços observados na assistência instalada, aparentando nenhuma motivação para o emprego e uma enorme dependência em relação aos serviços sociais. Nesta experiência, o indivíduo depara-se também com o aparecimento de conflitos, sejam eles momentâneos ou perduráveis, com os seus assistentes sociais (Paugam, 2003).

Esta experiência corresponde à última fase da carreira de assistido, de indivíduos geralmente mais velhos do que em experiências anteriores analisadas.

Segunda Paugam, uma das principais causas para a falta de motivação para o emprego está relacionada com a idade. Os indivíduos que ultrapassam os 40 anos, já possuem auxílio há bastante tempo e, por isso, não têm qualquer esperança em encontrar um trabalho. No que toca às qualificações profissionais, estas são inexistentes e pensam ser demasiado tarde para pensar em adquirir alguma formação. Aparte disto, a lógica da assistência e dos próprios serviços sociais, para eles já está bem percebida, pois conhecem todos os seus mecanismos envolventes e já estão bastante habituados a frequentá-los regularmente (2003).

A falta de motivação para o emprego, geralmente, acrescenta-se os conflitos nas relações com os assistentes sociais.

A experiência da assistência reivindicada é reflexo de uma forte dependência no que toca aos serviços sociais. Quando os serviços sociais demonstram não ter a capacidade para responder, de forma favorável, a todos os pedidos de auxílio, essencialmente auxílio financeiro, os assistidos demonstram o seu descontentamento, por vezes de forma agressiva, com críticas ásperas aos assistentes sociais (Paugam, 2003).

O grupo dos assistidos, nesta fase, não tem qualquer tipo de receio em pedir uma intervenção social, e entende-se que os assistentes sociais aos olhos deles são entendidos como alguém que está ao seu serviço, acabando por transformar a relação entre o assistente e o assistido numa relação meramente contratual entre um consumidor e um distribuidor. Nesta etapa o método utilizado para interagir com os assistentes sociais, ganha a forma de uma reivindicação (Paugam, 2003).

Citando Paugam, no momento em que os assistidos estão vinculados com o mecanismo de reivindicação, podem correr o risco de, a qualquer momento, perder os assistentes sociais, que

assumem que são manipulados a intervir sem definir condições. A partir do momento, em que uma família não demonstra abertura para respeitar o contrato estabelecido com os serviços sociais, tornar-se-á cada vez mais complicado serem atendidos nos seus pedidos de auxílio. Muitas vezes a carreira moral do assistido acaba num ambiente bastante conflituoso (2003).

É evidente que também existem casos, em que a assistência adota um caráter legítimo. Para isso é imprescindível ter a noção de que, por vezes, afeta a dignidade do ser humano, aumentando cada vez mais o sentimento de miséria moral. Por meios da assistência, uma grande parcela da população fragilizada perde cada vez mais a motivação para o emprego (Paugam, 2003).

Em conclusão, a análise da carreira moral dos assistido mostra que o status de assistido, sociologicamente, relaciona-se a expetativas concretas, sendo estas, assumir ser reconhecido como pobre, permitir que a sua vida privada seja controlada por profissionais dos serviços sociais e provar que tem o desejo de conseguir ultrapassar a situação, ao interiorizar os conselhos que lhes são dados e empregar as normas educativas definidas. A aceitação do status e a aquisição dos papeis sociais adjacentes são o resultado da negociação da identidade pessoal na relação com os assistentes sociais, que muitas vezes são determinam a repercussão da intervenção na mudança da personalidade dos beneficiários durante o processo de assistência. Desta forma, constata-se uma contradição nas expetativas dos assistentes sociais. Primeiramente, por um lado, querem realizar um trabalho educativo para que seja possível eliminar as dificuldades dos assistidos, mas por outro lado, só o poderão fazer esse tipo de intervenção quando os indivíduos prescindirem da sua autonomia. Em segundo, querem enaltecer a independência dos beneficiários na altura em que vivem a experiência da assistência instalada, isto é, o momento em que os assistidos começam a produzir racionalizações e justificativas da assistência e começam a comportar-se como indivíduos assistidos.

Enquanto for possível para o assistido manter a sua relação com o assistente controlada e ainda, ter a iniciativa de encontrar, com ele, soluções para recuperar a sua situação, está a corresponder às expetativas que o assistente social elaborou, fundamentando a manutenção da assistência. O jogo de sedução que está implícito entre o assistente e o assistido tem limites, pois os assistentes sociais não querem incentivar o círculo vicioso da assistência, pois para eles é impensável serem considerados apenas uns distribuidores de auxílio financeiro. O ambiente conflituoso que pode ocorrer durante a experiência reivindicada justifica-se pela recusa dos beneficiários de aceitarem as condições impostas pessoas assistentes sociais. Mantém-se uma relação, mas não há um consenso no que toca à definição do status de assistido (Paugam, 2003).

3.4.4. Marginalidade e estigma

Os marginalizados são um grupo de pessoas que não beneficiam de rendas provenientes de um emprego fixo ou de auxílios assistenciais. São indivíduos que não deixaram de receber, ou nunca

receberam, subsídios de desemprego e por isso, não são classificados como alvo de uma intervenção social de cariz assistencial. O modo de vida é bastante limitado, tendo em conta que apenas vivem de auxílios financeiros bastante baixos e cestas alimentares dadas por associações beneficentes (Paugam, 2003).

Segundo Paugam, os marginalizados não são levados a sério em virtude dos seus fracassos, que deixaram marca nas suas vidas e são rotulados de acordo com o seu meio social, obrigando-os a suportar todos os dias o olhar de reprovação social. Os marginalizados apresentam menos circunstâncias para defender uma identidade positiva, tal como para exigir outro modo de criar a sua vida, adotando outra cultura, do que teriam para lutar individualmente contra o peso da humilhação, movimentando defesas para conseguir retroceder o sentido da sua marginalidade (2003).

Na construção da personalidade é tido em conta todos os fatores envolventes na criação de um ser humano, isto é, todos os dados biológicos, o meio envolvente, as condições de formação social, tal como, a história pessoal de cada um. É a junção de todos estes fatores que produz o capital social que consolida a essência mental do indivíduo (Paugam, 2003).

Não se pode constatar, que em todos os casos existe uma relação causa-efeito entre a origem social do indivíduo e o sistema da marginalização. As dificuldades com que os marginalizados se deparam no seu dia-a-dia são reflexo de um passado familiar turbulento, de deficiências que são passadas de geração em geração e também, de uma identidade desonrosa. São inúmeras as trajetórias que podem levar à marginalidade, uma delas, é a “fuga”. Quando os indivíduos se sentem excluídos socialmente e não têm qualquer qualificação profissional, eles tomam a decisão de abandonar a sua região para ir ao encontro de algo melhor. Essa fuga é o resultado da incapacidade de se estabilizarem em algum lugar e de aceitar as condições rígidas de trabalho. É a incapacidade de estabelecer um equilíbrio na vida e é a expressão de uma crise de identidade onde a causa se relaciona com acumulação dos fracassos que foram vividos desde o período da infância até à adolescência (Paugam, 2003).

Durante essa fuga, apesar de se encontrarem livre de preocupações, confrontam-se com a realidade da precariedade. Segundo a ideia de Paugam, esses indivíduos são muitas vezes caracterizados como inúteis pelos empregadores, pois vêm na instabilidade profissional e geográfica sinais de incapacidade, esmorecimento e pouca vontade de reação. Deste modo, a reinserção profissional e social, torna-se um objetivo cada vez mais difícil de alcançar, pois é essencial ganhar a confiança do empregador, no entanto, essa desvalorização e rejeição afeta a autoestima do indivíduo desfavorecendo cada vez mais a sua readaptação (2003).

A última fase do processo da deslocalização social é a estigmatização, em que, na perspectiva de outro, quando um indivíduo se encontra “no limite” é logo definido como incapaz. Este estigma atribuído ao indivíduo faz com que ele se desvalorize cada vez mais, distorcendo qualquer perspectivas relacionadas com o progresso. No encadeamento desse processo está, muito

provavelmente, o alcoolismo. Confrontam-se com um ciclo vicioso, onde começam a beber porque não consegue sair da situação em que estão e não conseguem sair da situação em que estão, porque bebem. Todavia, o alcoolismo não é único fator que define esse estigma, muitas vezes é a despreocupação e o cuidado com a higiene, sendo comparados aos mendigos. A maneira mais fácil de sair dessa humilhação, é interiorizar a exclusão social e assumir que vive num mundo desfavorecido, aparte das imposições da sociedade global. Não obstante a esta situação, os indivíduos conseguem resistir a esse empobrecimento moral, desenvolvendo defesas que consigam enfrentar a estigmatização (Paugam, 2003).

Paugam refere que é possível fazer a distinção entre dois tipos de experiência da marginalidade: A marginalidade renegada, que demonstra as investidas de integração social dos que desejam por um fim à sua marginalidade, sendo possível perceber, com essa experiência, quais são requisitos necessários para promover as pessoas sem status; e a marginalidade organizada, que se relaciona com a regeneração simbólica de um cenário cultural razoável em um espaço controlado pelas experiências e pelas atividades do dia-a-dia. Através do espaço vivido, não só os seus fracassos, como também os momentos felizes, as pessoas acabam por produzir uma identidade positiva, não para alcançar um status diferente, mas para se adaptarem à sua condição, que é definida como o limite da exclusão social (2003).

- **Marginalidade renegada**

Nos nossos dias

Os marginalizados não conseguem, em sua maioria, encontrar um equilíbrio e se organizar para resistir à reprovação social. Cansados das dificuldades materiais e morais de sua situação, alguns tentam renegar esse modo de vida, que consideram inseguro, instável e, ao mesmo tempo, aviltante (Paugam, 2003, p.178).

O grupo de pessoas que vivencia uma marginalidade renegada julgam que a “fronteira” onde estão posicionados, significa que estão numa posição de desgraça e não conseguem aguentar o caráter absolutista desse status. Todavia, este grupo, tem consciência de que é necessário moldar os comportamentos e a sua aparência à situação, para que seja mais fácil encontrar um emprego. Não é condição fácil, pois muitos admitem sentir um grande cansaço em “correr atrás disso” e aguardam com esperança que a situação social atual, melhore rapidamente. Geralmente, os problemas financeiros provêm, exatamente, dessa crise de identidade (Paugam, 2003).

De acordo com Serge Paugam, entre os marginalizados que passam por uma crise de identidade, apura-se uma vontade, comum, de alteração de status, dividida por dois caminhos diferentes: uns reconhecem a necessidade de serem auxiliados, ganhando de forma imediata um status superior, outros esperam direcionar-se rapidamente para um emprego. Porém, esta vontade de reinserção a nível social e profissional, acarreta muitos obstáculos. É bastante difícil, que um indivíduo

caracterizado como vagabundo, com as várias complicações adjacentes a esse status, consiga ultrapassar todas as nocividades que o importunam (2003).

Na marginalidade renegada, assiste-se a uma grande vontade de ultrapassar essa experiência, ao mesmo tempo, que se observa alterações profundas que modificam a personalidade e as representações do indivíduo. Nesta situação, é bastante importante para os indivíduos terem o reconhecimento do esforço que estão a fazer para alcançar um status social, porque apesar das grandes dificuldades com que se deparam, conseguem mostrar também grandes potencialidades e isso é um fator de influência no que toca ao processo de reinserção (2003).

- **Marginalidade organizada**

Os indivíduos que experienciam a marginalidade organizada, tal como aqueles do primeiro tipo, deparam-se com situações de permanente insegurança e de grandes dificuldades financeiras, no entanto, fazem questão de obter um status de locatário. Estes marginalizados não beneficiam de qualquer tipo de renda regular, e por isso não podem pagar o aluguel, desta forma, contentam-se com soluções mais fáceis, nomeadamente, o *squat*, um albergue de caráter comunitário, uma cabana ou um trailer (Paugam, 2003).

Paugam explica, que o *squat* é uma forma de moradia com condições insuficientes e definido como o mais desqualificado que existe. Habitar no *squat* acarreta uma constante insegurança, dificultando assim, uma verdadeira adaptação do espaço. Este assume diversas formas no meio rural e é admitido por proprietários que não têm qualquer interesse por cabanas ou terrenos desvalorizados, ou pelos próprios municípios que querem encontrar soluções equidistantes para acomodar os marginalizados. Nas grandes cidades, esta situação já se manifesta de uma forma diferente. Os indivíduos que habitam no *squat*, muitas vezes são expulsos e é bastante notório as consequências de desestruturação na maneira de viver reflexo das mudanças constantes a que estão sujeitos. Essas famílias estão sempre sujeitas a que o proprietário os expulsem e por isso devem manter-se discretas para estabelecerem os riscos de expulsão (2003).

No que toca aos albergues, estes podem apresentar diversas vantagens. Neste tipo de moradia os marginalizados dispõem de divisões onde podem fazer a sua higiene, de lençóis lavados, de alimentação de dia e de noite... Trata-se de um lugar que é definido para oferecer os recursos necessários às pessoas sem domicílio, na condição de cumprir as normas coletivas definidas. O status do albergado não é visto como uma coisa boa pelos marginalizados, pois caracterizam a sua capacidade de organização limitada, ao assumirem a sua falta de autonomia e o controle por parte dos responsáveis (Paugam, 2003).

Habitar num trailer, apesar da pouca comodidade, pode tornar-se uma solução mais viável para certas pessoas, do que habitar num albergue, pois é usual causar-lhes a sensação de estarem presos, mas viver num trailer implica várias questões pouco favoráveis para um marginalizado: o

preço dos campings, a instalação perto de uma fonte de água, pois muitos não têm possibilidade de movimentação, ao instalarem-se num terreno isolado, não tem acesso à correspondência, dificultando o acesso com o mercado de trabalho, entre outras.

As cabanas, são espaços considerados como os mais vantajosos numa situação de marginalidade organizada, pois são refletidos nas “resistências simbólicas” para que se mantenha uma determinada liberdade e tranquilidade. Durante a experiência de marginalidade organizada, os indivíduos sentem a necessidade de criar um rumo para a sua vida e de se assemelhar com vários valores. A cabana, é para eles uma moradia onde podem dar uso à imaginação e construir um “horizonte” simbólico que equilibre a sua vida. Muitas vezes esse simbolismo foge à racionalidade económica e até mesmo às regras do consumo e por isso é importante reconhecer o significado desses espaços para ser possível alcançar uma nova visão de vida e a forma surpreendente de como muitas pessoas conseguem adaptar-se às dificuldades com que se deparam diariamente (Paugam, 2003).

Segundo Paugam, quando as pessoas se situam num local onde sentem alguma proteção no que toca à expulsão, gerem a vida cotidiana com base numa ou várias atividades em particular. O espaço onde habitam é criado de acordo com as imposições práticas dessa atividade. Neste seguimento, assume-se ainda uma melhor gestão do tempo (2003).

Como Paugam refere, segundo o seu estudo, a pesca é um desses trabalhos particulares realizados pelos marginalizados. O produto da pesca é, geralmente, comercializado para particulares de forma bastante pessoal. Dessa forma, é concebida uma fiel rede de trocas e de sociabilidade em volta da pesca, que é experienciada como um trabalho sério. Em torno disso, o reconhecimento social que lhes é atribuído propicia preservar a dignidade, como também, enfrentar o empobrecimento moral (2003).

As despesas são reduzidas, pois as necessidades são limitadas. Constatam-se que esses indivíduos não interiorizam as normas modernas de consumo e que as perspetivas de um nível de vida mais elevado não representam para eles um elemento mobilizador (Paugam, 2003, p. 193).

O exemplo da pesca é uma das muitas atividades que são praticadas pelos marginalizados, outro exemplo que Paugam demonstra, é a atividade da coleta de metais. É uma atividade que é considerada constrangedora, mas que não é realizada como uma exigência, por outro lado, até é necessário que o indivíduo tenha algumas qualidades pessoais e que sinta algum gosto no que está a fazer. A coleta de metais fundamenta-se numa rede de trocas noturna, secreta, onde os participantes são essencialmente empreendedores (2003).

Além das atividades pessoais, muitos marginalizados, recorrem à ajuda de associações beneficentes e não sentem qualquer tipo de humilhação ao fazê-lo, pois têm a consciência que, apesar de estarem situados numa hierarquia social baixa, não têm mais nada a perder (Paugam, 2003).

Em conclusão, os indivíduos que experienciam a marginalidade organizada ergueram um espaço pessoal moldado às normas que a vida precária exige, definem também o modo de vida que se integra nas atividades informais realizadas, de forma regular e racional, que está relacionado, conseqüentemente, com uma remodelação de um ambiente cultural suportável. Esta acomodação pelo qual este tipo de marginalizados passa, serve como um equilíbrio simbólico de todos os fracassos que sofreram e do descrédito social. Este tipo de marginalizados vão contra a ausência de status e de poder e demonstram um grande desejo em livrar-se do estigma que tanto os perturba. No que toca à marginalidade renegada, constata-se que um grande número de investidas para retroceder o caminho da marginalidade social. Os indivíduos pactuam a desqualificação social produzindo um conjunto de normas num contexto depreciado. Estas são duas experiências que proporcionam a compressão das ambições dos indivíduos que estão posicionados nos últimos lugares da hierarquia social, tal como, do sentido que concedem à sua existência (Paugam, 2003). Todas estas referências à desqualificação social, apontam para o conceito de vulnerabilidade, que é caracterizado por Castel, como uma conciliação entre a precariedade do trabalho e a ausência de relações sociais. Na ótica do trabalho, a vulnerabilidade mostrou-se estável com o aumento do quase pleno-emprego e também com o crescimento económico, no entanto essa situação alterou-se com a transformação do mercado de trabalho e o desaparecimento do apoio social, pois a inserção de uma pessoa depende não só da sua importância no seio familiar como também numa rede relacional. Ao aumento do desemprego, à precariedade do trabalho e até às fracas redes relacionais, está associado as várias quedas da vulnerabilidade, ao qual o autor chamou de desfiliação social. (Castel, 1997). Segundo Castel, o espaço da existência social que mais cresce é o espaço da desfiliação, pois esta relaciona-se com as alterações nas relações de trabalho, nas redes de sociabilidade e na maneira como surgem ruturas em relação ao status social onde o indivíduo está inscrito.

As situações de marginalidade começam a revelar-se ao fim de um duplo processo de desligamento, não só em relação ao trabalho, como também à inserção relacional. Em cada um destes polos foram definidos três fatores: o trabalho estável, o trabalho precário, o não trabalho; e no outro, inserção relacional forte, fragilidade relacional e isolamento social. Todos estes fatores foram dar origem a três zonas:

A zona de integração (trabalho estável e forte inserção relacional, que sempre estão juntos), a zona de vulnerabilidade (trabalho precário e fragilidade dos apoios relacionais) e a zona de marginalidade, que prefiro chamar de zona de desfiliação para marcar nitidamente a amplitude do duplo processo de desligamento: ausência de trabalho e isolamento relacional (Castel, 1997, p. 23).

De forma geral, Castel percebe que

a precariedade do trabalho ou o desemprego e a fragilidade das redes relacionais, estão frequentemente associadas e ampliam os riscos de queda da vulnerabilidade,

para o que eu chamei de desfiliação, isto é, a conjunção perda de trabalho-isolamento relacional. Da mesma forma, a fragilidade da estrutura familiar é acompanhada, frequentemente, das situações de degradação das redes de sociabilidade (Castel, 1997, p. 32).

4. Identidade e relações sociais

4.1. A construção de uma identidade negativa

De acordo com o estudo realizado por Serge Paugam, surge uma construção de uma identidade negativa no momento em que os indivíduos, que vivem em comunidade, começam a consciencializar-se da sua desqualificação social. Começam a rever-se num estatuto sem valor comparativamente aos outros habitantes dessa comunidade. São tidos em conta como desqualificados e começam a ser estigmatizados de uma forma bastante negativa. Este descrédito, criado pelo fenómeno da desqualificação social, é reflexo da construção social, que muitas vezes é injusta, generalista e superficial, pois é produzida sem o verdadeiro conhecimento da realidade. Essa imagem negativa, criada pelos traços desvalorizantes, com o tempo, foi começando a interiorizar-se na consciência moral dos indivíduos, fazendo com que, a partir desse momento, comecem a conformar-se com ela (2003).

Paugam, refere também, que nem todas as famílias em situação precária vivem neste tipo de comunidade, tal como, que nem todos aqueles que habitam este tipo de comunidade estão a passar por dificuldades em reinserir-se socialmente (Paugam, 2003).

Segundo Paugam, a identidade negativa, não se produz apenas como reflexo da desqualificação social, como também do poder das difamações discriminatórias. Estas difamações têm o poder de incorporar nos outros os problemas existentes na comunidade e assim, ter possibilidade de criar, por objeção, uma autoimagem positiva. Os alvos destas difamações discriminatórias, muitas vezes, produzem um sentimento de culpa que se interioriza no seio familiar e nas relações de vizinhança (2003).

Pode constatar-se, segundo Paugam, que nem todas as comunidades criam uma identidade negativa, tal como a acontece com a sua manutenção. Em vários casos, o que se desenvolve, é um sentimento de valorização perante a cooperação espontânea e mútua, relações de amizade e um fortalecimento das relações sociais existentes. Definindo-se isto, numa reapreciação da identidade coletiva e na aliança de todos os habitantes da comunidade para a defesa de um espaço comum (2003).

Outro motivo que Paugam apresenta para a manutenção da identidade negativa, é os efeitos da intervenção social no plano regulamentar. É possível assumir que os assistentes sociais podem dar o seu auxílio, pontualmente, como no caso dos fragilizados, ou num contexto contratual quando as famílias recorrem a esses serviços com alguma regularidade. Assim, como compensação à resposta a esses pedidos de ajuda, geralmente de carácter financeiro, o assistente social pede para que se respeitem algumas regras definidas num acordo comum, para que lhe seja possível difundir para essas pessoas as normas sociais e educativas que consideram necessárias. Os assistidos,

como já foi referido anteriormente, recusam muitas vezes esse modelo que é proposto pelo assistente, no entanto, fazem parecer que o aceitam para conseguir controlar o plano de intervenção. Muitos deles têm uma grande capacidade de manipulação, e é essa é uma questão que os assistentes têm de ter sempre em conta. No que toca aos indivíduos da experiência instalada, estes preferem aceitar os termos propostos pelo assistente para que continuem a ser atendidos com regularidade. Demonstrar a aceitação pelo contrato disposto pelo assistente social, significa também um afastamento daqueles que o rejeitam, para conseguirem demonstrar o desejo que têm de conseguir ultrapassar a experiência de assistido. A negociação desse contrato, não serve apenas para os assistentes transmitirem as normas sociais e educativas, servem também para incentivar a consciencialização dos indivíduos da sua posição inferior, na hierarquia social (2003).

4.2. A dinâmica das relações sociais

É ponto assente, que a vida social se fundamenta numa disposição hierárquica bastante complexa e inconstante. Em grandes comunidades, as práticas da sociabilidade estimulam todos o tipo de posição social e de relações com os diversos grupos sociais (Paugam, 2003).

No que toca à grande complexidade e instabilidade da ordem hierárquica, Paugam citando Colette Pétonnet, constata que por vezes é bastante complicado assimilar todos os significados das hierarquias que percorrem vários elementos da vida social de uma comunidade. São vários os valores sociais que acompanham esta questão, mas um dos mais importantes é, o trabalho. Pois é o trabalho, ou um emprego assalariado, que define o status profissional e garante alguns benefícios sociais (2003).

A identidade parental, também é uma questão bastante relevante, pois esta estabelece para os seus membros, um valor a nível moral que é caracterizado cada vez mais importante de acordo com o status social que os impossibilite de se elogiarem por um sucesso profissional ou material (2003).

Paugam, faz referências aos trabalhos de François de Singly, para referir a importância que é fazer a distinção entre duas categorias de famílias populares. Existem aquelas famílias que têm um projeto em mente para progredirem socialmente e por isso, decidem limitar o número de filhos, para terem uma maior possibilidade de conseguir concretizar os seus objetivos e aquelas que não produzem qualquer tipo de projeto de ascensão social, nem demonstram aspirações, e fazendo parte dos níveis mais baixos da classe operária, podem ter mais filhos. Este tipo de famílias sem valores materiais e recursos financeiros, não têm uma possibilidade tão grande de investir numa educação para os filhos, não querendo isto dizer que o interesse dos pais não seja exatamente o contrário. Muitas vezes as famílias nesta situação, são alvo de uma grande desacreditação, reflexo da responsabilização concedida aos pais por não terem tido a capacidade de educar os filhos, ou

por não terem conseguido controlar as suas más condutas. Quando a imagem dos pais é manchada desta maneira, a reação que adotam expressa-se por uma condescendência relativamente ao jovem desempregado e sem aspirações futuras, demonstrando aos outros que não merecem assumir toda a culpa pelo fracasso dos seus filhos (2003).

O êxito quanto à educação e ao futuro dos filhos determinada, então, a dignidade das famílias em situação de precariedade económica e social. Quando surgem evidências de falhas nos cuidados e na educação dos filhos, os pais devem então resistir ao sentimento de fracasso e à humilhação advinda dos rumores, ou tentar reverter o sentido da acusação (Paugam, 2003, p.246).

No seu estudo, Paugam faz referência ao “verdadeiro pobre” e à existência de outros valores morais que suportam as infra hierarquias.

No que toca aos fragilizados, e essencialmente aos assistidos, estes têm a necessidade de referir os “falsos pobres”, isto é, fazer referência aqueles que beneficiam de assistência, acomodam-se a essa situação e não se esforçam para “sair dela” por eles próprios. A noção de “verdadeiro pobre”, baseia-se nos indivíduos que apesar de estarem na condição de assistidos, para se valorizar, agarram-se à sua honestidade e à sua sinceridade (2003).

Os assistidos, nunca fazem comparações deles próprios com alguém que tenham um status social procedente do emprego, compara-se, essencialmente, àqueles que dispõe de um status social similar ao seu. Os “verdadeiros pobres” sabem que sofrem as consequências da deslealdade daqueles que se aproveitam da assistência e, conseqüentemente, entendem o porquê de os assistentes sociais adotarem uma posição desconfiada, pois têm medo de ser novamente enganados (Paugam, 2003)

Para os inválidos, Paugam refere que estes também têm uma grande necessidade de se afastarem das pessoas que são bastante desvalorizadas, pois são facilmente associados em tom de comparação, para dar valor às qualidades de outrem.

É através destes exemplos que se pode perceber que quando o status social é descreditado, principalmente o status de assistido, o indivíduo tem a necessidade de dar valor aos seus valores morais, ou às suas conquistas para equilibrar essa desvalorização. É tudo uma questão de conseguir enfrentar o fracasso social e de defender a imagem negativa que lhes está associada.

Os valores sociais e/ou morais que fundamentam a ordem hierárquica estão, portanto, fortemente ligados às necessidades e às estratégias de distinção social (Paugam, 2003, p.250).

Ao analisar os mecanismos deste processo, Paugam refere que é possível fazer a distinção de três tipos de estratégias de distância social, sendo elas, o evitamento, a reconstituição de diferenças e o desvio do descrédito.

É claro que todos os indivíduos numa situação precária, não só a nível económico como também a nível social, sentem a necessidade de caracterizar a sua identidade pessoal nas situações

relacionais que constrói no seu dia a dia. Esta é uma situação que permite distinguir algumas diferenças no que toca aos assistidos e aos fragilizados (Paugam, 2003).

No caso da primeira estratégia de distinção social, o evitamento, é revelado que os fragilizados visam um status social bastante alto e ao encontrarem-se na presença de pessoas com um status ainda mais inferior ao seu, evitam não criar relações diretas com elas. De certa forma, é manter a distância em relação a algo ao qual não se quer estar relacionado.

Uma segunda estratégia de distinção social, é a reconstituição das diferenças que é produzida com o objetivo de recriar diferenças entre aqueles que têm um status semelhante, dentro de um conjunto habitacional. Essa recriação tem como base, apoiarem-se nas pessoas que são definidas como inferiores para conseguirem demonstrar a própria diferença. É como uma necessidade pessoal que se reflete por um distanciamento daqueles que são considerados com uma má reputação. Esse esforço para ser considerado diferente reflete-se sobre os valores morais do “verdadeiro pobre” para conseguir distinguir de uma melhor maneira as diferenças que existe entre aqueles que se afastam.

A última estratégia de distinção social está relacionada com o deslocamento do descrédito que se baseia em rumores ou uma de imaginações. Sabe-se, primeiramente, que aqueles que experienciam o peso de uma desvalorização e descrédito, facilmente conseguem arranjar justificativas compensatória para tal ou até mesmo reverter o sentido da acusação. Há vários exemplos de deslocamento de descrédito, um deles é a transferência para os estrangeiros. Esta transferência condiciona a inferioridade social através da diferença étnica e impulsiona um afastamento rápido dos olhares de humilhação devido aos erros sociais. Apesar da reversão do sentido da acusação não ser suficiente para voltar a ganhar a dignidade perdida, se esta for acompanhada por um grande poder argumentativo relativamente aos contextos agravantes, é possível que consigam demonstrar a sua lealdade e dignidade e, conseqüentemente, diminuir o seu descrédito. Outro exemplo de deslocamento de descrédito que Paugam refere, é o desvio para as “mães solteiras”. Elas tornam-se alvo de uma grande desconfiança e de uma marca simbólica forte no que toca ao contexto da sociabilidade primária. Ao mesmo tempo que se afastam do padrão de uma família tradicional, essas mulheres começam a ser condenadas e os rumores transformam a imagem da “mãe solteira” como alguém que apenas se está a aproveitar dos benefícios da assistência, e uma pessoa mal-intencionada (Paugam, 2003).

Em síntese, os assistidos que beneficiam de auxílio social já há algum tempo, não tem a necessidade de alterar de status, então tendem a compensar essa situação a desenvolver diferente entre si, para não se compararem a alguém posicionado num status social mais alto e para irem contra o nivelamento. Já os fragilizados, contrariamente ao grupo anterior, comparam-se aqueles que possuem uma melhor posição social. Por se sentirem humilhados por uma crise de status relacionada com a sua posição social baixa, fazem todos os esforços para conseguirem subir de categoria na hierarquia social.

Como se pode perceber, a sensação de partilha e comunidade não é um aspeto paralelo no universo cultural das populações desfavorecidas. Assim

a emergência de vínculos comunitários e a necessidade de pertencer a um grupo financeiramente carente só são observáveis quando várias condições estão reunidas, sobretudo a homogeneidade social do grupo, a apropriação simbólica de um espaço dotado de uma história e de uma memória, bem como a renúncia, ao menos em curto prazo, à elaboração de uma estratégia de ascensão social (Paugam, 2003, p. 262).

5. Redes sociais e sociabilidade

Ao analisar o assunto das redes é possível constatar que este pode assumir várias dimensões, desta forma, entende-se que é um conceito que vai muito além do campo das diversas ciências existentes. A noção de redes assume uma multiplicidade de sentidos, ângulos e abrange inúmeros fenómenos sociais. Nesses fenómenos sociais ocorre uma explicação descritiva da noção de redes e, por isso, é essencial que se faça uma distinção entre a idealização de rede e à idealização de rede social (Fialho, 2015).

A partir da década de 90 do século XX, a análise do estudo das redes passou a ter o privilégio de uma pluralidade de significados ligados à globalização, sociedade de informação e cibercultura. Desta forma, a rede assume, nos dias de hoje, uma noção mais ampla alcançando diversas temáticas.

Refletindo sobre a conceção de redes sociais, estas definem-se atualmente, por redes de comunicação e de interação que abrangem relações de poder, sistemas simbólicos e fronteiras culturais. As redes sociais resultam de uma junção de diversas correntes teóricas que suportam a regularização da “nova forma” de interiorizar a realidade social e revelam-se como uma nova maneira de assimilar, conhecer e definir a realidade social, através do seu padrão organizacional. Consequentemente, surgem novas formas de pensar, novas maneiras de agir e sobrepõe-se novos valores (Fialho, 2015).

O autor explica a distinção entre as redes sociais e as redes naturais, descrevendo que a sua separação tem como base, a finalidade das relações e nos fins comuns que são definidos entre os atores que nelas interagem. Apesar dessas características, a operacionalização das redes sociais reflete-se em ideias bastante parecidos aos que conduzem os meios vivos. Metaforicamente, a conceção de redes sociais caracteriza-se pela noção da sociedade como algo que é produzido por redes de relações interpessoais ou intergrupais. Além disto, esta conceção é utilizada como uma ferramenta de análise de redes e vínculos que são caracterizadas de acordo com a sua quantidade, a sua intensidade e importância de cada nó (Fialho, 2015).

Fazendo referência a Mercklé, o autor refere que para este, realizar uma análise das redes sociais funciona também como um mecanismo que dá a possibilidade ao investigador de encontrar organizações dentro das redes, formular novas questões e conseguir respondê-las (Mercklé, 2004 p.93 in Fialho, 2015).

Fialho aponta que a análise das redes sociais provém de um axioma clássico que caracteriza a dimensão repressiva dos fenómenos sociais, e implica uma aproximação sociológica no seguimento de Durkheim. Este axioma tenta encontrar a razão dos fatos sociais nas propriedades dos desenvolvimentos estruturais onde eles estão inseridos. A condição das redes é considerada como um fator determinante para a explicação dos fenómenos sociais estudados, como por exemplo, a amizade, o poder, o prestígio, etc. (2015).

Molina, citado por Fialho, refere que o estudo das redes sociais se foca no estudo dos vínculos criados entre um conjunto estabelecido de componentes, sejam eles, grupos, pessoas ou organizações, diferenciando-se do estudo sociológico convencional que se foca, essencialmente, nas particularidades dessas componentes (2015).

A génese da análise das redes sociais está dividida entre várias teorias, nomeadamente, antropológicas, psicológicas, sociológicas e matemáticas.

As noções essenciais a reter numa rede social centram-se nos agentes, no “nós” e nas conexões que dão a possibilidade de ver as particularidades da estrutura social. Esses agentes podem ser qualquer fração social, como empresas, pessoas ou grupos, e as conexões são o vínculo criado entre dois agentes. À soma de todos os agentes, juntamente com as suas conexões, dá-se o nome de grupo e no momento em que esses agentes e as suas ligações estão inseridos num subconjunto de um grupo, são identificados como subgrupos. Ao aglomerado de todas essas conexões de um padrão distinto entre os constituintes de um grupo dá-se o nome de relação (Fialho, 2015).

Cronologicamente, o estudo das redes sociais começou nos anos 30 do século XX, com a intenção de analisar as relações sociais em grupos sociais reduzidos. Esses estudos foram desenvolvidos por vários autores, com o objetivo inicial de identificar a importância dos componentes psicológicos e sociais no rendimento dos trabalhadores. Destaca-se destas pesquisas para a análise das redes sociais, o reconhecimento de subgrupos no processo das relações sociais. Mais tarde, nos anos 40, surge uma nova perspetiva de rede social, baseada em estruturas de parentesco, onde esta é guiada para a investigação dos processos sociais que implicam ligações que vão para além das margens dos grupos e categorias. Nos anos 50 e 60, a noção de rede social surge, com base em fatos observáveis, como um conjunto de pontos que se organizavam numa cadeia de relações (Fialho, 2008; Molina, 2001 citado em Fialho, 2015).

Nos anos 70, Fialho refere que diversos autores desenvolveram vários modelos de análise para os sistemas sociais que possibilitaram uma passagem das relações entre os agentes para uma relação entre as posições estruturais. Concomitantemente, outras técnicas eram desenvolvidas com o mesmo objetivo, isto é, conseguir inserir os agentes em posições equivalentes ou diferentes, em relação às relações equivalentes ou diferentes que possuíam na rede. Esta evolução, permitiu que a análise da rede deixasse de estar inserida apenas num processo de estudo de grupos pequenos em prol de uma análise de estruturas macro. Ao mesmo tempo, surge também um mecanismo de identificação e explicação das posições e dos comportamentos em contextos sociais que tinham estruturas implícitas,

tais como, movimentos sociais, associações voluntárias e subculturas marginais (Fialho, 2015, p. 66).

Segundo Fialho, desde os anos 80, a importância da análise das redes sociais começou a aumentar progressivamente devido às evoluções que ocorreram em diversos campos e na atualidade é

empregue nas suas disciplinas de origem e nos campos da política, da economia, da física, etc. (2015).

No decorrer da segunda metade do século XX, o conceito de rede social centralizou-se nas teorias sociológicas e suscitou diversos debates sobre o que poderia ser um novo paradigma nas ciências sociais. Com o seu caráter dinâmico e a sua conservação organizacional foi exequível uma revisão da discussão em volta da nova forma de interiorizar e interpretar a realidade social (Fialho, 2015).

Neste seguimento, é possível pensar numa sociologia das redes, apesar de não ser uma função fácil, tendo em conta os obstáculos que se encontram para conseguir dar uma definição ao seu objeto.

Fazendo referência a Elias, Fialho sublinha

que o objetivo central das ciências sociais é observar o processo de interação entre os indivíduos, na medida em que considera a interdependência entre as ações singulares e as ações plurais no círculo societário. Deste modo, para os analistas de redes sociais, a unidade de análise nos estudos de rede não se baseia unicamente na avaliação do conjunto de indivíduos autónomos, mas na possibilidade de apreensão dos elementos que os unem, que os isolam e que os interligam em torno de características que lhes são próprias (Elias, 1994, citado em Fialho, 2015, p. 71)

Importa ainda sublinhar que

É hoje profundamente consensual o reconhecimento da sociologia como ciência. A afirmação metodológica, a consolidação do(s) objeto(s) de estudo e multiplicidade de perspetivas teóricas que fundamentam o campo social permite-nos, com alguma certeza e sem ambiguidades, o reconhecimento da sua cientificidade. Porém, toda a ciência é feita de avanços e retrocessos. Todavia, a complexidade inerente à fundamentação do rigor e da objetividade sociológica é hoje, mais do que nunca, um ponto que nos remete para uma crise feita de uma mescla de objetos sociológicos, proveniente das várias sociologias especializadas (Fialho, 2015, p. 71).

Desta forma, assumir uma sociologia das redes é um processo bastante complexo tendo em conta aos vários obstáculos com que nos deparamos ao alcançar a definição do seu objeto.

Elias, citado em Fialho (2015), realça que o foco principal das ciências sociais é analisar o processo de interação entre as pessoas, considerando sempre a interdependência entre os comportamentos individuais e os comportamentos coletivos no campo social. Assim, para os especialistas da análise das redes sociais, a unidade principal no estudo dessas redes não se restringe apenas na avaliação dos indivíduos independentes, mas também na possível assimilação dos membros que os conectam, que os excluem e que os relacionam de acordo as características que lhes são pessoais.

Fazendo referência a Michel Forsé, Fialho diz que o autor considera que um dos contributos de Simmel assente numa questão metodológica, onde a relação entre dois membros estabelece um formato sociológico. Na dimensão das redes, esta relação define-se como díade, e assenta numa “unidade relacional elementar”. No entanto, é muito limitativo associar a noção de rede apenas com uma simples ligação entre agentes (2015).

No campo da sociologia, a análise das redes sociais está definida pela sua condição afluyente das diversas correntes metodológicas e epistemológicas. É frequente a quantidade de vezes com nos deparamos com uma ligação do conceito a uma metodologia, ao mesmo tempo que, contrariamente, encontramos um uso deste termo numa dimensão normativa, ética e valorativa. Apesar disso, qualquer uma destas posições demonstra a ausência de consenso que em muitos aspetos poderia influenciar para fortificação das redes sociais como um padrão central na esfera da sociologia e da teoria social em geral (Fialho, 2015).

Segundo Fialho (2015), as redes impulsionam a criação de novos falar e novas maneiras de pensar e, reflexo disso, novas atitudes e comportamentos. A esta emergência de novos valores está relacionada o desenvolvimento das tecnologias de informação, às inovações e também à evolução que permitiu novas descobertas do pensamento científico. Pode reconhecer-se que a diferença entre as redes sociais espontâneas e naturais baseiam-se nos seus fins comuns que são estabelecidos entre os agentes que se relacionam entre si nessa rede, tal como do propósito dos relacionamentos. Cada membro de uma comunidade tem uma função essencial para oferecer equilíbrio dentro da rede. O homem é um ser que desde sempre teve a necessidade de trabalhar e viver em comunidade e as redes manifestam-se como os modos de representação de sistemas sociais.

A ideia de que os atores sociais determinam o comportamento da sociedade quando se agrupam de uma determinada maneira decorre de uma incompreensão da rede, ou seja, de uma incompreensão de que o 'ator' é produzido pela tal estrutura social, isto é, pela rede. É importante referir que os indivíduos não são atores se não interagem; e quando interagem já são rede (Fialho, 2015, p.74).

Fialho (2015) refere que os seres humanos são definidos como seres sociais e demonstram as suas qualidades pessoais através da troca de identidades que se criam na conexão com outros indivíduos. Assim, a pessoa atua em função da interiorização das várias experiências que vai vivenciando e dos relacionamentos que cria, e procede como um elemento essencial por estar dentro de um ambiente onde a interação é frequente, refletindo-se isto na sua organização pessoal.

Para compreendermos as formas de sociabilidade que configuram nossa "sociedade em rede", é interessante realizarmos uma distinção quanto às formas que caracterizam as relações sociais em nossa sociedade (Castells, 1999, citado em Salatino, 2014).

Primeiramente, é essencial fazer uma distinção das duas maneiras principais de vínculos da socialidade, sendo estes, os laços fracos e os laços fortes.

Segundo Salatino, os laços fortes definem-se pelas relações que assumem uma maior intimidade, sendo estas formas de sociabilidade representadas nas relações dos grupos ou familiares e socialmente, caracterizam-se como uma grande influência no que toca à comunicação interpessoal. Pelo contrário, a criação dos laços mais fracos nas relações interpessoais, vem muito antes da sociedade em rede, e caracterizam-se como a maioria dos laços que são criados pelas pessoas na

biografia pessoal de cada uma, tendo em conta que é bastante difícil termos uma relação profunda com todas as pessoas que conhecemos ao longo da vida. Estes laços mais fracos, podem tornar-se essenciais para as pessoas pois podem, de certa forma, beneficiar de forma rápida de informações, tal como, para incentivar possíveis encontros físicos (2014).

Capítulo II- Estratégia metodológica

6. Metodologia

6.1. Pergunta de Partida

Numa metodologia, são sempre propostas várias etapas que vão definir os passos do caminho a percorrer. Quivy e Campenhoudt (1998, p.6) definiram 7 etapas que se dividiram por 3 atos. O primeiro ato, é a rutura, caracterizado por 3 etapas: a pergunta de partida, a exploração e a problemática. O segundo ato é a construção e define-se exatamente pela etapa da construção do modelo de análise e o último ato, a verificação, que é caracterizada pela observação dos dados recolhidos, pela análise da informação e pelas conclusões. Sabendo que uma investigação é uma busca que envolve dúvidas, desvios e incertezas, ao investigar deve-se procurar o mais possível seguir um fio condutor bem definido, de modo a que todo o trabalho tenha uma estrutura coerente. Assim, segundo Quivy e Campenhoudt (1998 p.6) “O investigador deve procurar enunciar o projeto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor”.

A presente investigação orientou-se no sentido de encontrar respostas para a seguinte pergunta de partida: *“De que forma a vulnerabilidade social condiciona a estruturação das redes de sociabilidade das pessoas que se encontram nessa condição?”*.

6.2. Objetivos

É importante que, antes de tudo, o investigador consiga reconhecer e pôr em prática um mecanismo para não o desencaminhar da realidade. Os objetivos gerais foram então produzidos para ajudar na construção de uma dissertação onde o objetivo é entender e interpretar de forma profunda os fenómenos da vida coletiva (Quivy, 1998).

Os objetivos num trabalho de investigação assumem a função de eixos estruturantes na definição dos caminhos que o investigador irá trilhar. Deste modo, os objetivos a seguir identificados pretendem ir ao encontro de um conjunto de interrogações iniciais que carecem de amadurecimento científico ao longo de todo o processo de investigação.

Objetivo geral:

- Compreender as redes de sociabilidade das pessoas em condição de vulnerabilidade social;

Objetivos específicos:

- Identificar as trajetórias de vulnerabilidade social;
- Tipificar redes de sociabilidade das pessoas em condição de vulnerabilidade social;
- Identificar as dinâmicas inerentes às redes de sociabilidade;
- Identificar impactos da vulnerabilidade social nas condições de vida das pessoas;
- Identificar alterações nas redes de sociabilidade resultantes da situação de vulnerabilidade;

6.3. Pertinência do tema a investigar

Com esta investigação pretende-se decifrar as redes de sociabilidade das pessoas que se encontram em condição de vulnerabilidade social.

A escolha do tema, apesar de ser uma decisão consciente, é uma tarefa que é considerada até bastante árdua.

No início de uma investigação, sabemos vagamente que queremos estudar tal ou tal problema, mas não sabemos como abordar a questão (Quivy e Campenhoudt 1998, p.2).

Na maioria das vezes, existem muitas coisas que não devemos fazer, mas que se caí no erro de as fazer muitas vezes: a gula livresca ou estatística, a “passagem” às hipóteses e a ênfase que obscurece” Quivy e Campenhoudt (1998, p.6)

A gula livresca baseia-se na saturação de ideias dentro da cabeça com uma grande quantidade de artigos, esquemas, livros, na esperança de encontrar o objetivo e o tema do trabalho que se quer produzir. No entanto, é essencial, que se realize uma revisão e, conseqüentemente, uma reflexão para se consiga aprender a filtrar as informações necessárias.

Relativamente à “passagem” às hipóteses, é importante que todos os pontos estejam bem definidos e que se desenvolva de forma cuidada as primeiras etapas antes de se avançar para as próximas. “A “passagem” às hipóteses consiste precisamente em precipitar-se sobre a recolha dos dados antes de ter formulado hipóteses de investigação, e em preocupar-se com a escolha e a aplicação prática das técnicas de investigação antes mesmo de saber aquilo que se procura.” Quivy e Campenhoudt (1998 p.3) Em relação à ênfase que obscurece, na maioria das vezes as pessoas pensam ser necessário exprimirem-se de forma enigmática, no entanto, em grande parte dessas vezes não conseguem acompanhar o raciocínio da mesma forma.

Duas características dominam os seus projetos: a ambição desmedida e a mais completa confusão. Pode honestamente afirmar que se compreende bem a si mesmo e que os seus textos não contêm expressões imitadas e declarações ocas e presunçosas? (Quivy e Campenhoudt, 1998, p.3).

Escolher um tema expressa a necessidade de ter em consideração alguns elementos internos e externos. Os elementos internos baseiam em questões a nível mais pessoal, onde se escolhe um assunto de acordo com aptidões e inclinações da pessoa que vai realizar a investigação, onde se opta por assuntos que sejam similares às apreciações pessoais, relativamente a questões de formação académica e em que se define um objeto de estudo digno de ser estudado a nível científico e que se adequa a uma formulação e delimitação a nível da pesquisa. Os fatores externos estão relacionados com questões temporais, onde o tempo é um dos principais fatores para determinar se é possível realizar uma pesquisa aprofundada e sólida, com o número de obras que existem sobre o assunto e com a possibilidade de chegar aos especialistas da área de modo a garantir uma orientação não só para a análise, como para a interpretação e desenvolvimento dos documentos (Lakatos & Marconi, 2008)

Lakatos & Marconi (2008) refere que tendo em conta a quantidade de temas que existem para se poder realizar uma investigação, que não necessário duplicar os estudos e por isso “devem-se evitar assuntos sobre os quais recentemente foram feitos estudos, o que torna difícil uma nova abordagem” (Lakatos & Marconi, 2008, p. 44).

As fontes para escolher o assunto podem prover de experiências pessoais ou profissionais, de várias leituras e pesquisas e até mesmo da comparação entre vários trabalhos. No entanto, a escolha do tema não deve ser muito ampla ou pouco viáveis no que toca ao seu aprofundamento, pois podem criar algumas dúvidas e até mesmo discussões intermináveis que podem dificultar a fase da delimitação do assunto (Lakatos & Marconi, 2008, p.44)

Tentar-se-á perceber as redes de sociabilidade das pessoas em condição de vulnerabilidade social, identificando as trajetórias sociais de cada pessoa, bem como os efeitos que tiveram no desenvolvimento da sua vida pessoal, reconhecendo as dinâmicas inerentes às redes de sociabilidade e analisando os impactos da vulnerabilidade social nas condições de vida das pessoas, dando isto a possibilidade de tipificar as várias redes de sociabilidade existentes e de identificar as alterações nas redes de sociabilidade que podem resultar da situação de vulnerabilidade.

A sociabilidade faz parte do ser humano desde o nascimento até ao fim da vida. É a relação com outras pessoas que fortalece, não só o bem-estar psicológico como também o bem-estar físico. Deste modo, a presente investigação procura compreender o desafio das relações saudáveis, na existência não só de maneiras diferentes de ver o mundo, como também na existência de diferenças sociais, neste caso, das várias pessoas em vulnerabilidade social, procura conhecer os diferentes tipos de sociabilidade que podem existir e de que forma elas contribuem para cada pessoa.

O conceito de vulnerabilidade social, aqui, é importante para decifrar e desmistificar as várias realidades que muitas vezes são desconhecidas e que podem ser combatidas através de outras maneiras de ver e da identificação de potencialidades que influenciarão as pessoas nessas condições a resistirem e a lutar contra as situações socialmente negativas.

A escolha do tema foi influenciada por razões de nível pessoal, tendo em conta esta ser uma área que sempre me interessou e que mais tarde, espero, que não faça apenas parte do meu percurso académico, como também do meu percurso profissional e por analisar questões, como a sociabilidade, que acompanham as pessoas desde que nascem e como podem surgir situações que podem influenciar essa questão, como por exemplo, a vulnerabilidade.

6.4. Natureza do estudo

A metodologia aplicada tem como base um estudo de caso de natureza qualitativa. Face ao referido, torna-se pertinente distinguir estudos de natureza quantitativa dos de natureza qualitativa. Importa referir que ambas são de natureza diferente. Contudo, isto não significa que sejam opostas/contraditórias.

A investigação quantitativa atua em níveis de realidade e tem como objetivo trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis. A investigação qualitativa, ao contrário, trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (Minayo e Sanches, 1993, pp. 239-248).

Neste caso, é utilizado um estudo de natureza qualitativa para ser possível conhecer e analisar o fenómeno social em profundidade, pois trata-se de um universo demasiado “turbulento” para um estudo quantitativo.

Este tipo de pesquisa permite absorver uma visão geral e mais próxima do objeto de estudo.

Depois de criar um fio condutor do trabalho é necessário saber explorar da melhor maneira o terreno para encontrar a problemática adequada. As leituras vão servir como uma base para assegurar a qualidade da problematização e para definir o trabalho relativamente aos quadros conceptuais já conhecidos. (Quivy e Campenhoudt, 1998 p.6)

Como se sabe, o patamar inicial de uma investigação científica são as leituras sobre o tema definido inicialmente. Com a ajuda de bases de dados científicas, como a *B-on*, o RCAPP, a Scielo, foi-me possível seleccionar os artigos mais relevantes para poder iniciar a minha investigação.

Para uma melhor orientação da investigação a nível teórico, criei um índice, ainda que sujeito a mudanças de acordo com as leituras, que utilizarei para construir a minha metodologia.

Posteriormente, começou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica de artigos que estivessem relacionados com o tema do estudo e através destes artigos foi possível fazer desenvolver os objetivos da investigação.

6.5. Delimitação da investigação

○ Universo em estudo

Sempre que falamos em investigação, parte-se do princípio que existirá uma fase de recolha de dados e, numa fase posterior, o tratamento dos mesmos. O momento da recolha dos dados envolve sempre a decisão da população que vai ser analisada, ou seja, um universo, sendo este um conjunto de elementos compreendidos por a mesma definição e que demonstram uma ou várias características em comum, que abrangem a integridade total de casos da investigação. Geralmente, em grande parte dos casos, o investigador não consegue alcançar todos os recursos que são necessários para fazer a análise dos casos na sua totalidade e, como solução, delimita apenas uma parte desse universo, designada por amostra.

Foi criado dois tipos de delimitação da investigação, para uma melhor compreensão do pretendido:

Delimitação tipológica:

- Desempregados da cidade de Évora;
- Pessoas que beneficiem de apoio social (Rendimento de Inserção Social e apoio social Instituições Sociais) da cidade de Évora;

E uma delimitação cronológica:

- Pessoas que se encontrem na situação descrita anteriormente no período de maio a julho de 2018 (período do trabalho de campo)

Segundo a perspetiva de desfiliação de Robert Castel, as pessoas que se encontram nas categorias anteriormente referidas configuram um enquadramento numa situação de vulnerabilidade social.

○ Técnica de recolha de dados

Para técnica de recolha de dados, foram utilizadas uma pesquisa bibliográfica e uma observação indireta, através de uma entrevista semiestruturada que terá como base um guião construído para o efeito.

A entrevista semiestruturada interliga um conjunto entre perguntas abertas e fechadas em que o entrevistado pode falar do tema abertamente. É importante que o entrevistador tome atenção a determinados aspetos, mais concretamente ao facto de o entrevistado poder estar a dispersar relativamente ao tema, e assim, puder intervir elucidando questões que ficaram pouco claras, compondo o contexto da entrevista. Este tipo de entrevista é frequente para quando existe uma delimitação da informação desejada e para quando o entrevistado se quer focar apenas no tema em questão para que os seus objetivos sejam atingidos. (Quaresma & Boni, 2005)

Segundo os autores, Quaresma & Boni as vantagens deste tipo de entrevista são: o maior alcance na criação de uma melhor “amostra da população de interesse”; a sua flexibilidade no que toca à duração, fazendo com que seja possível, uma maior abertura e uma maior à vontade entre o entrevistador e o entrevistado, acabando por ser um fator essencial para o entrevistador, pois assim poderá questionar sobre assuntos mais delicados. A utilização deste tipo de entrevista, permite, ainda, uma maior facilidade na aproximação a questões afetivas e valorativas dos entrevistados, pois estes revelam significados muito pessoais dos seus comportamentos (2005).

As limitações das entrevistas semi-estruturadas estão relacionadas com as limitações do entrevistador, como exemplo disso pode referir-se a falta de tempo e a insegurança relativamente ao anonimato. (Quaresma & Boni, 2005). É então essencial que exista uma preparação prévia por parte do entrevistador e antes da entrevista começar deve criar um ambiente de confiança para que seja possível atingir o pretendido com sucesso.

Segundo, Quivy e Campenhoudt (1998, p.6) é bastante importante a escolha dos métodos de recolha dos dados, pois esta influencia os resultados do trabalho. É essencial que as perguntas selecionadas para o instrumento de observação caracterizem o tipo de informação que se irá alcançar e o uso que se fará dela na análise de dados. Relativamente a esta técnica de recolha de dados, esta será a técnica mais adequada para este estudo tendo em conta que consegue distinguir-se das outras técnicas pela aplicação dos processos fundamentais na comunicação e interação humana, fazendo com que seja possível ao entrevistador recolher dados e elementos de reflexão bastante ricos e matizados.

O tratamento e a análise dos dados processar-se-á através da técnica da análise de conteúdo.

A preparação da entrevista é uma das etapas consideradas mais importantes numa investigação que exige cuidado, tempo e reflexão para que vá de encontro ao que é realmente necessário alcançar. Deste modo é importante planear a entrevista de forma minuciosa para que vá de encontro aos objetivos definidos, que a seleção dos entrevistados seja feita com base na familiaridade que têm com o tema, que sejam cumpridas todas as questões temporais a nível da marcação da entrevista, para que se consiga realmente concretizar, que as condições do ambiente escolhido sejam as mais cómodas e favoráveis para que o entrevistador se sinta menos constrangido (Lakatos & Marconi, 2008).

Para que fosse possível realizar a entrevista, foi primeiramente desenvolvido um modelo de análise que vão de acordo aos objetivos do estudo e conseqüentemente, mais facilmente ser possível a construção do guião da entrevista.

A construção do modelo de análise o investigador deve centrar-se nas hipóteses que servem como uma resposta provisória que ainda precisa de verificação. A hipótese funciona como uma antecipação de uma relação entre um fenómeno existente com um conceito que o traduz. Neste contexto o modelo de análise trata-se de um sistema composto por hipóteses que funcionam de forma lógica entre si (Quivy e Campenhoudt, 1998).

O método hipotético- indutivo produz conceitos operatórios, hipóteses empíricas e um modelo mimético. O modelo hipotético-dedutivo produz conceitos sistêmicos, hipóteses deduzidas, e um modelo teórico. O primeiro modelo é descritivo, apenas o segundo tem poder explicativo (Quivy e Campenhoudt, 1998 p.15).

No momento da recolha empírica, previamente foi desenvolvido um guião de entrevista adaptado ao contexto em que iria estar a prova. As perguntas do guião foram divididas em 5 partes, cada parte correspondente a um objetivo específico.

No momento da recolha de dados, criou-se inicialmente um momento de descontração, onde foi explicado o objetivo do encontro, mais concretamente, os objetivos da investigação e a sua finalidade. Foi posto em prática o código deontológico, onde foi entre uma declaração de consentimento informado, com uma explicação detalhada da entrevista, onde foi frisado que todas as respostas seriam anónimas e que a sua única finalidade era exclusivamente de natureza académica em que o entrevistado assinava se concordasse com tudo o que foi apresentado.

Ainda antes de se pôr em prática o guião de entrevista, foi necessário ganhar a confiança das pessoas para que elas se sentissem mais à vontade a responder ao que lhes era pedido, tendo em conta não ser um tema nada fácil. Foi utilizado um telemóvel para gravar a entrevista para que fosse mais fácil fazer, posteriormente, a sua análise. A gravação foi permitida por todos os entrevistados após a explicação do objetivo da mesma.

As entrevistas terminaram a partir do momento em que se atingiu o ponto de saturação da informação.

A técnica a acompanhar a recolha de dados, será a técnica da bola de neve, pois segundo Quivy e Campenhoudt (1998 p.6) é uma técnica bastante pertinente para saber quando parar, que neste caso, é quando for atingida a saturação dos dados.

A técnica da bola de neve faz parte da forma de uma amostra não probabilística que utiliza cadeiras de referência. Tem de se ter em atenção às implicações deste tipo de amostragem tendo em conta que não deve ser utilizado se o objeto de estudo da pesquisa estiver ligado às probabilidades. (Vinuto, 2014).

Segundo Vinuto (2014), a amostragem em bola de neve é caracterizado como um processo de recolha de dados que aproveita as redes sociais dos entrevistados para oferecer aos entrevistados um maior número de contatos, fazendo com que o processo dê por terminado quando a investigação atingir um ponto de saturação. É essencial definir o ponto de saturação para que o investigador não caia no erro de terminar a pesquisa cedo de mais por ter dificuldade em analisar as informações dadas pelos entrevistados. (Vinuto, 2014).

Segundo a autora, a bola de neve é utilizada com três objetivos, sendo estas, ganhar uma maior facilidade em compreender o tema, pôr em prova a viabilidade de concretizar um estudo amplo e também fortalecer os métodos que vão ser utilizados nos estudos e em fases posteriores dos mesmos. Apontando as vantagens e as desvantagens da bola de neve, pode referir-se que no que

toca à eficácia é essencial para adquirir uma amostragem exaustiva, tal como, se for utilizada como uma primeira fase, para atingir uma amostragem representativa. Uma grande vantagem deste tipo de amostragem está relacionada com os entrevistados aos serem recrutados através das pessoas que se disponibilizam a partilhar a sua rede de contactos, demonstrando uma relação de confiança perante os entrevistados. (2014)

Os instrumentos de recolha de dados foram aplicados a 15 pessoas em condição de vulnerabilidade social, na instituição da Cáritas Diocesana de Évora, não com o objetivo de estudar a instituição, mas sim os utentes da mesma por se encaixarem no modelo teórico anterior.

7. Técnica de análise e Tratamento de Dados

Fazer análises num plano metodológico é importante saber que numa abordagem quantitativa o importante como informação é a quantidade de vezes que surge determinadas características do conteúdo, enquanto na análise qualitativa dá-se mais importância à presença ou a ausência de uma certa característica numa parte importante da mensagem (Bardin, 2004).

A análise de conteúdo

é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens (Bardin, 2004, p. 38).

e a sua intenção

(...) é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de receção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (Bardin, 2004, p. 38).

Os objetivos dos métodos de uma análise de conteúdo correspondem a dois polos, à ultrapassagem da incerteza, isto é, perceber se realmente o que a “visão pessoal” vê, é o que realmente lá está, e ao enriquecimento da leitura, que irá aumentar a pertinência e a produtividade devido à descoberta de determinados conteúdos, que relevam ainda mais o que se está à procura demonstrar e que está além da mensagem em si. Além disto, a análise de conteúdo padece da capacidade de enriquecer a parte exploratória, aumentando a facilidade à descoberta e põe hipóteses provisórias que servem de orientação e que irão estar sujeitas posteriormente para ter uma confirmação (Bardin, 2004).

Do domínio da análise de conteúdo fazem parte todas as iniciativas que através de um conjunto de técnicas sistematizam o conteúdo das mensagens e de como esse conteúdo de expressa, com a ajuda de um conjunto de técnicas de carácter complementar (Bardin, 2004).

Apesar da existirem várias categorias para a análise de conteúdo, como, a análise formal, estrutural e temática, no que toca a esta investigação, esta recai sobre uma análise temática, “As análises

temáticas tentam revelar as representações sociais ou os juízos dos locutores a partir de um exame de certos elementos constitutivos do discurso” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 28).

Iniciou-se assim o processo das entrevistas e da sua posterior transcrição, que foram reflexo num processo moroso na respetiva análise das mesmas.

Capítulo III- Análise e tratamento dos dados

8. Análise dos dados recolhidos

A delimitação tipológica dos entrevistados não teve como base uma amostra pré-definida, mas sim critérios de inclusão para um determinado perfil de pessoal vulneráveis de acordo com o modelo teórico desenvolvido.

As entrevistas foram integralmente realizadas com utentes da Cáritas Diocesana de Évora, instituição que foi interveniente de forma direta nas efetivações das mesmas, nomeadamente no contacto prévio com os utentes, tendo em vista a recetividade dos mesmos para realizarem a entrevista, assim como também a disponibilização do espaço físico.

O objetivo geral do estudo em apreço foi compreender as redes de sociabilidade das pessoas em vulnerabilidade social.

Dentro do enquadramento do objetivo geral descrito, foram definidos cinco objetivos específicos que ajudaram a compreender o pretendido.

8.1. Identificar as trajetórias da vulnerabilidade social

O primeiro objetivo específico foca-se no estudo das trajetórias de vulnerabilidade nas pessoas em condição de vulnerabilidade social e avaliou-se essa trajetória fazendo 15 entrevistas nas pessoas que eram características dessa condição.

Para responder a este primeiro objetivo foram definidas três categorias: O percurso pessoal, o percurso profissional e o percurso escolar.

Estas três categorias possibilitaram também a identificação do perfil dos 15 entrevistados, no qual 11 eram do sexo feminino e 4 do sexo masculino.

a) Percurso pessoal

O percurso pessoal foi dividido em subcategorias: Idade, naturalidade, com quem viveu, estado civil. No que toca à idade, a amostra incidiu numa faixa etária compreendida entre os 31 e os 63 anos de idade, sendo que 4 entrevistados estão na faixa etária dos 30 anos, 3 entrevistados estão na

faixa etária dos 40, três entrevistados estão na faixa etária dos 50 e dois entrevistados na faixa etária dos 60.

Relativamente à naturalidade, do universo dos entrevistados constatou-se que, 2 de Montemor-o-Novo, 1 de Arraiolos, 1 de Estremoz, 1 de Abrantes, 1 de Santarém, 2 de Lisboa e com maior predominância em Évora, são naturais 7 entrevistados.

Outra das subcategorias está relacionada com quem viveram os entrevistados durante o seu percurso pessoal. Constatou-se que dos 15 entrevistados, 13 viveram com os progenitores, 1 viveu com os avós e 1 não respondeu à questão.

Numa análise geral, todos os entrevistados à exceção de um que viveu com os avós e outro que não respondeu, todos viveram com os seus progenitores, apenas 3 destes, por motivos de separação dos cônjuges, ficaram a viver apenas com um progenitor.

Mais se concretizou que todos tiveram um companheiro(a) à exceção de um deles à qual esta realidade não se verifica.

Relativamente ao estado civil, dos 15 entrevistados 7 estão solteiros, 4 estão divorciados, 1 viúvo e 3 separados de facto.

Em conclusão, não obstante, ao número de idades e dos diferentes percursos de vida entre os visados na entrevista, constata-se que todos eles se encontram realmente com a mesma realidade, sendo esta, em situação de vulnerabilidade.

b) Percurso profissional

Relativamente à categoria do percurso profissional considerou-se alguns parâmetros:

- A idade de início de trabalho, que é compreendida entre os 11 anos e os 26 anos de idade.

De acordo com as respostas dadas apresenta-se o seguinte quadro:

Tabela 1- Idade de início de trabalho dos entrevistados

Idade de início de trabalho	Nº de entrevistados que começaram a trabalhar nesta idade
11-15	7
16-20	5
21-26	1

Fonte: Elaboração própria

Analisando o quadro anterior, entre os 11 e os 15 começaram a trabalhar sete entrevistados, entre os 16 e os 20 começaram a trabalhar cinco entrevistados e apenas um começou entre os 21 e os 26.

Mais concretamente, dois entrevistados começaram a trabalhar aos 11 anos, um entrevistado começou a trabalhar aos 13 anos, outros dois entrevistados começaram a trabalhar aos 14 anos,

outros dois entrevistados aos 15 anos, três entrevistados aos 16 anos, dois entrevistados aos 18 anos e apenas um entrevistado começou a trabalhar aos 26 anos de idade.

Três dos entrevistados não responderam de forma concreta, apenas referiram que começaram a trabalhar desde muito novos.

- A duração de condição de vulnerabilidade, que de acordo com as respostas dadas perante cada um dos entrevistados, o espaço temporal oscila entre os cinco meses e os 30 anos, podendo ser possível apresentar o seguinte quadro:

Tabela 2- Tempo de duração da condição de vulnerabilidade

Tempo de duração da condição de vulnerabilidade	Nº de entrevistados que estão identificados no tempo de duração
2 meses- 6 meses	3
1 ano – 3 anos	6
4 anos- 9 anos	4
17 anos- 30 anos	2

Fonte: Elaboração própria

Sendo que, 1 entrevistado está desempregado há 2 meses, 1 entrevistado há 6 meses, 1 entrevistado há 5 meses, 2 entrevistados há 1 ano, 2 entrevistados há 2 anos, 2 entrevistados há 3 anos, 2 entrevistados há 4 anos, 1 entrevistado há 6 anos, 1 entrevistado há 9 anos e entrevistado há 17 anos e um entrevistado há 30 anos.

- Os motivos da vulnerabilidade, relativamente a este fator, mediante as questões apresentadas, os motivos mais invocados pelos visados prendem-se com a não renovação de contrato de trabalho, com o fator idade e o fator saúde. O maior número de respostas incide sobre a não renovação de contrato e como exemplo, um dos entrevistados refere:

Fiquei desempregada porque era contratada e os contratados quando entrou a Manuela Ferreira Leite a ministra, os contratados vieram todos para a rua, vim eu e os outros dois vigilantes que eramos os três contratados, acabou o contrato e não renovaram, tinham renovado sempre até ali, tive desde 1997 até 2002, a partir dali quando ela entrou, ela disse que os contratados iam todos para a rua e nós os três tivemos de sair...E isto quanto mais velhos ficamos pior, a idade influencia muito e é cada vez mais difícil.

Outro exemplo disso, é o testemunho de outro entrevistado que diz:

Por término de contrato, o contrato terminou e já não houve renovação, para mim e para todos os trabalhadores, cumpria os 6 meses...”,

Relativamente ao motivo relacionado com a saúde, um entrevistado explica:

Fiquei desempregada em 2015, adoeci até hoje, sou muito descontraída, muito frontal, mas ninguém sabe aquilo que se passa, então é assim, em 2015 fui operada no ipo onde me foram retirados dois tumores, correu tudo bem, o meu ar positivo

acho que vence tudo, hoje levei outro balde de água fria, é grave, muito grave, mas vou vencer porque eu sei que sou forte.

Tal como outro que refere que:

Depois começaram a aparecer problemas de saúde e fui ficando assim e mesmo que eu queira exercer a atividade, que é a minha profissão, é-me impossível por nível de problemas de saúde.

Sendo que foram ainda referidas outras causas além das descritas anteriormente, como a violência doméstica

Deixei de trabalhar por causa da depressão e da violência doméstica também (...)
Não consigo trabalhar ao pé de muita gente, tenho fobia social.

A alteração de residência em que, num caso específico o entrevistado diz:

Eu estava empregada num restaurante na altura em Lisboa porque cá ainda não... só tive num estágio de 2 anos e agora estou à espera de arranjar um trabalho aqui estou à espera de resposta.

O analfabetismo

Sim, e também derivado a minha dor nas mãos e os diabetes e a tensão e pronto e as idades que eu tenho já ninguém me dá trabalho... Não tenho escolar nenhum, não sei ler não sei escrever, é muito complicado.

São apresentadas também as incompatibilidades horárias com as responsabilidades, aqui a entrevistada refere que

Devido aos meus horários de trabalho, como estou sozinha e não tenho aqui familiares que me possa auxiliar com as minhas filhas, os horários de saída era às duas da manhã e era-me impossível e estar a pagar a uma pessoa que me olhasse por ela, ela de todo impossível e então sai porque, entretanto, a ver se encontro um trabalho que consiga conciliar com os horários das minhas filhas", e a falência da própria empresa, como explica um dos entrevistados: "Portanto em 2001 eu comecei a trabalhar por conta própria, montei uma pequena empresa de serviços da minha área de formação onde eu trabalhava já por conta de outrem antes disso e pronto e trabalhei para os meus clientes e para os trabalhos que eu conseguia arranjar até 2015, ainda que em 2014 já tenha sido anos de algum sobressalto, a partir do momento que se instalou a crise a séria, pronto comecei a perder os clientes, os trabalhos até tentei aguentar o mais possível.

- Os impactos da vulnerabilidade a nível emocional, neste contexto, traduzem que, emocionalmente todos os entrevistados apresentam uma grande fragilidade emocional, tendo um deles até provocado um aumento de sintomas psicossomáticos, como refere o entrevistado:

É assim comecei a entrar, é assim foi tão dramático e tão triste que realmente eu comecei a ter esse impacto a nível psicossomático e comecei a ter patologias de cansaço extremo e de dores que mais tarde vieram revelar que era a patologia que

era e que tudo isso foi resultado e derivado daí, desse impacto estrondoso a nível emocional.

Desânimo, tristeza, saturação, instabilidade emocional, foram descritos de diferentes formas, apresentando um denominador comum para os mesmos, tal como a baixa autoestima, o sentimento de impotência para conduzir a própria vida, a sensação de dependência e a pouca ou inexistente perspectiva de futuro. Apresenta-se o exemplo de vários testemunhos dos entrevistados:

Uma pessoa sente-se... Uma vez sente aquela vontade aquele ânimo, mas há outras alturas que fico desanimado, vejo que a vida não avança... É muito complicado.

Ou então outro que reflete a sensação do pouco controlo que tem da sua própria vida nesta condição:

Fiquei mesmo muito em baixo principalmente por começar a perceber que não ia ter o controlo sobre isso.

Ou:

Muita coisa, muita coisa, psicologicamente fiquei muito afetada, porque é assim eu nunca dependi de ninguém e fui sempre independente e isto estremece uma vida toda, é complicado, mas há que seguir em frente..." que o desagrado perante a ideia de ter que depender de alguém.

Este ponto demonstra o que Paugam refere quando diz que uma das principais causas para a falta de motivação para o emprego está relacionada com a idade. Os indivíduos que ultrapassam os 40 anos, muitas das vezes já possuem auxílio há algum tempo e, por isso, não têm qualquer esperança em encontrar um trabalho. No que toca às qualificações profissionais, também é salientado a constatação do autor que refere que muitos pensam ser demasiado tarde para pensar em adquirir alguma formação.

- Os impactos da vulnerabilidade a nível pessoal, é um fator que afetou de forma direta as condições de vida de cada um dos entrevistados influenciando também determinados hábitos e costumes pessoais de cada um. Viram-se privados da sua identidade ao deixar de poder fazer coisas que gostavam, como por exemplo

É assim eu deixar de fazer tudo, não deixei, mas deixei de sair muito, deixei de ir de férias de comprar coisas que queria e gostava...

Ou,

As saídas mais, as férias então nunca mais tive férias e algumas coisas, deixei de fumar, deixei daqueles gastos supérfluos só por gastar...

Tal como:

Derivada da situação do desemprego... Uma coisa levou a outra, do desemprego levou a depressão e com a depressão deixei de jogar futebol, também sou músico,

tinha uma banda, tinha um projeto musical neste momento estou parada, tive de abdicar dessas coisas porque também pediam dinheiro, acho que foi mais por aí (...) costumava ir todos os anos de férias para Milfontes com colegas e deixei de o poder fazer,

Também:

Tinha “n” hábitos recorrentes, viajar, todos os anos viajava pronto, fazia uma semana de férias todos os anos para algures no estrangeiro, mesmo que fosse o mais barato a volta de Portugal e isso foi sempre assim”, sendo que outros foram ainda referidos, como “deixar de jantar fora”, “deixar de ir ao cinema”, “perder o carro”, “deixar de fumar” e “ir ao cabeleireiro.

De certa maneira, todas as entrevistas revelaram que perderam um bocadinho de si só por terem de prescindir de algo que gostavam e/ou que os fazia sentir bem.

- As iniciativas tomadas para reverter a condição de vulnerabilidade social, demonstram que, no geral, todos os entrevistados indicam comportamentos comuns. Vão desde enviar currículos, frequentar formações, ir à escola para aumentar o grau de escolaridade, a contínua procura de emprego, manter contacto com outras pessoas, fazer voluntariado, como, por exemplo, descreve um entrevistado

Enviei currículos e tenho estado a ser apoiado pelas vidas ativas, de vez em quando sou convocado, e falar com empresas e ir ao centro de emprego, e já tenho tido formações e já tive formações aqui também através da vidas ativas e escola esse também foi um grande apoio nisso tudo estar sempre em contacto com outras pessoas, não se fechar e isolar, se não aí então é que...

e testemunha outro

Procurado trabalho de forma incansável, currículos para tudo, seja para onde for e quando tenho de fazer formações faço para não estar parado em casa, e trabalhar é mesmo aquilo que desejava obviamente, mas como eu gosto de ver as coisas pelo lado positivo, acho que ainda não chegou a altura...

É possível salientar ainda que um deles até chegou a ir falar com o presidente da câmara como refere

Eu vou as entrevistas é tudo muito bonito, correm muito bem, mas eu não consigo arranjar trabalho em lado nenhum eu já fui falar com assistentes sociais, eu já falei com as pessoas todas possíveis e imaginais cá em Évora, já tive duas reuniões com o presidente da câmara eu já corri, já bati nas portas todas,

Outro deles deixou que o os comprimidos deixassem de tomar conta dele e explica:

Olhe comecei a retirar a medicação, não tinha reação para nada e agora sinto-me melhor, estou a tirar agora o curso na APPACDM.

Outro que decidiu procurar alguém profissional para orientação e refere:

Tive numa psicóloga que me encaminhou e segui os conselhos e fiz o que tinha de fazer... Fui a formações, entrei em contacto com várias pessoas...

Contrariamente a um único entrevistado que não teve qualquer iniciativa para sair da condição em que se encontra, pedindo apenas ajuda às assistentes sociais.

Dentro deste contexto, verifica-se da maior parte dos intervenientes vontade para sair da situação em que se encontram e voltar a fazer para integrante da população ativa da sociedade.

Relativamente à última categoria deste primeiro objetivo específico, o percurso escolar, definiu-se apenas uma subcategoria que reflete o grau de qualificação de cada um dos entrevistados. A escolaridade de cada um limita-se entre o quarto ano e a licenciatura, sendo possível apresentar o seguinte quadro:

c) Percurso escolar

Tabela 3- Grau de qualificação dos entrevistados

Grau de qualificação	Nº de entrevistados que possuem esse grau
Sem grau de qualificação	1
4º ano de escolaridade	4
6º ano de escolaridade	4
9º ano	2
11º ano	1
12º ano	2
Licenciatura	1

Fonte: Elaboração própria

Assim, observa-se que 1 dos entrevistados não possui qualquer grau de qualificação, que 4 dos entrevistados possuem o quarto ano, e outros 4 tem o sexto ano, 2 têm o nono ano e outros dois dos entrevistados padecem do décimo segundo ano, apenas um entrevistado tem o 11º ano, tal como apenas um tem a licenciatura.

8.2. Tipificar as redes de sociabilidade das pessoas em condição de vulnerabilidade social

As redes de sociabilidade referente ao grupo de pessoas em estudo, são diversificadas, com laços afetivos mais ou menos fortes, de acordo com a realidade de cada pessoa.

A projeção de um elo de ligação persiste no contexto de cada história de vida. No entanto de acordo com as respostas dadas destacam-se dois tipos de redes de sociabilidade, os amigos e a família.

a) Amigos

Dentro dos amigos, verificou-se alguma versatilidade existente nos laços afetivos:

- Os que criaram uma relação afetiva com as pessoas do seu quotidiano (Com os vizinhos, nos cafés...) como referem estes entrevistados

Eu sempre fui muito dada a fazer amizades e quando fui para ali morar, moro ali há 5 anos, um vizinho batia-me a porta a pedir uma cebola, bom dia para cá e para lá porque isso são bairros problemáticos, a outra pedia-me o azeite e pronto cria-se laços com duas ou três pessoas assim mais intimamente” e “(...) vou falando, conheci na rua, nos sítios onde trabalhei, por exemplo, nos cafés, também trabalhei nos cafés, e criamos sempre uma ligação, pessoal estudante, pessoal da universidade, e muitos casaram por cá e têm filhos cá e conheço n estudantes que estudavam cá e começaram ai, e já têm família deles...

- Os que mantêm os amigos de infância, passo a citar

Duas ou três amigas, são amigas desde infância, tenho amigas de 40 anos por incrível que pareça, brigamos e rimos e choramos almoçamos tudo isso, portanto estas são aquelas que sempre tiveram, as outras por exemplo.

- Os que mantêm contacto com os colegas de escola, como afirma uma das entrevistadas

Pronto a família, pelas razões que já sabe... Para mim, os meus amigos são a minha família, as pessoas que conheci lá em Braga no colégio, não lhe vou mentir batem o recorde, aí sem dúvida alguma.

- Os que se projetam no médico e o vêm como um apoio e orientação, como afirma com convicção a entrevistada

Sim, fala muito comigo com o meu médico, alguma coisa eu tenha vou logo lá ter com ele.

- Os que mantêm ligação com colegas de formação profissional que frequentaram, a saber

Entretanto... A pouco e pouco também comecei a conhecer pessoas e isto foi mais ou menos, eu vim para cá em final de 2015 e só comecei a sentir que tinha, que começava lentamente a ter alguma rede de contacto, de amizade, de pessoas que valiam a pena ser conhecidas e com quem eu minimamente podia contar, já no verão do ano passado já há precisamente um ano, mais coisa menos coisa sendo que a partir de novembro do ano passado foi quando isso se intensificou mais comecei a fazer uns cursos de formação que foram aparecendo e quer dizer entretanto também já tinha começado a fazer voluntariado, depois comecei a fazer cursos de formação financiados à noite e fui conhecendo pessoas, como todos nós, há umas com quem nos identificamos mais, outras que não e pouco a pouco fui estabelecendo alguma rede de pessoas que pronto felizmente apareceram na minha vida também no momento certo porque mal sabia eu, quer dizer, as coisas já não estavam bem com o marido, mas então é precisamente a partir dessa altura,

que as coisas começam progressivamente a ficar mal e depois essas pessoas acabaram por ser muito importantes.

E por último, os que não referiram qualquer tipo de ligação.

b) Família

Nesta vertente as respostas foram praticamente concordantes em que os entrevistados referiram ser a família o seu elo mais forte, oscilando entre os pais, filhos, netos ou bisnetos, como referem,

A mais forte para mim, o grande amor e carinho que tenho será sempre as minhas filhas e os meus netos.

Dizem que:

As minhas filhas são as minhas melhores amigas.

E também:

Com o meu pai, e dois ou três vizinhos, o essencial, a ligação mais forte é com o meu pai”

Ainda referem:

É o meu bisneto... uma grande ajuda para mim, estar com ele, já sinto menos a solidão, mas pronto, ele tem o infantário, mas agora ele está de férias.

Em conclusão, a maior parte dos entrevistados apresentaram a nível emocional necessidade de um relacionamento, com a criação/consolidação de laços afetivos de acordo com a sua vivência atual.

E esta é uma das situações que demonstram a situação de desfiliação preconizada por Robert Castel onde ocorre a conjunção perda de trabalho-isolamento.

8.3. Identificar as dinâmicas das redes de sociabilidade das pessoas em condição de vulnerabilidade social

Para conseguir uma melhor análise, o binómio fator interno (indivíduo)/ fator externo (rede), foi considerado um padrão de estudo subdividido em quatro categorias:

a) Como de desenvolveram

Para a resposta ao objetivo relacionado com as dinâmicas das redes de sociabilidade, as respostas dadas divergem de cada entrevistado e estão diretamente ligadas com o percurso de vida de cada um: Através de atividades em comum como explica uma das entrevistadas:

Também sou revendedora da AVON”,

Em locais em comum:

Vou a papelaria e a pessoa que lá está a gente cria um elo de amizade, começamos a beber um cafezinho, locais comuns, a vezes estamos no restaurante ou estamos

na pastelaria cria-se ali... ficamos com os telefones fica-se com os e-mails com o Facebook com isso tudo, é mais ou menos isto.

Em proximidade de habitação:

Tenho lá uma senhora muito amiga da mercearia ao pé de mim que já me conhece há quarenta e tal anos que fui para ali tinha 17 anos (...) Vivemos perto umas das outras e ali toda a gente se conhecesse tenho é pessoas cá para o meu cantinho, todos temos né, uns mais que os outros, como a senhora da mercearia está e gosto deles e eles também gostam de mim.

Em partilha de habitação:

Então uma pessoa que me abre a porta vai fazer 3 anos agora, que lá estou, uma pessoa que só me conhecia de vista, hoje somos grandes amigos, como se fosse pai e filha, somos muito amigos, abriu a porta da sua casa, deixar-me lá ficar até ter uma habitação social, tem muito que se lhe diga.

Em antigos locais de trabalho:

Trabalhei nos cafés, e criamos sempre uma ligação, pessoal estudante, pessoal da universidade, e muitos casaram por cá e têm filhos cá e conheço n estudantes que estudavam cá e começaram aí, e já têm família deles...

Como também em sítios por onde vão passando.

b) Nível de ligação

Para esta questão, as respostas dadas concluíram que, ainda mantém ligações fortes com as suas redes, como exemplificam:

É assim, eu mantenho sempre, mantenho sempre o contacto mais forte com algumas pessoas porque faz mesmo parte de mim, mantenho três ou quatro amigos selecionados que foram aqueles que se mantiveram quando eu tive bem e foi aqueles que se mantiveram quando eu tive mal e outros uma ligação fraca ou quase nula.

Como também dizem:

Tenho uma grande ligação com as minhas filhas...Além de mãe, somos amigas e sempre...

Outros uma ligação fraca ou quase nula, citando

Tive muito tempo fora daqui. A ligação nunca é muita, porque eu também tenho a carta de pesados também andei a trabalhar em Portugal e foi sempre fora praticamente, por isso nunca foi uma ligação muito forte” e

“(…) Alteraram, algumas alteraram, alguns aspetos ficaram mais fracas com alguns amigos e também na família também houve um abanão mesmo que nós não queiramos deixa sempre marcas na família também.

c) Opinião das redes em relação à condição de vulnerabilidade

Todos os entrevistados referiram solidariedade por parte das suas redes, com demonstração de apoio e incentivo, como se pode exemplificar em algumas citações:

Eles gostam de me ver bem né, estão sempre a incentivar para arranjar qualquer coisa”

Tal como:

Eles não, eles não reagem, como hei-de explicar... Eles não reagem muito porque eu por parte das coisas eu não as conto...

Referem ainda:

Já tenho falado assim com uma amiga minha que tenho, estas coisas assim ela diz: “Mas tens de levantar a cabeça”,

Como também em:

Certamente também não estão contentes né com a minha situação porque são pessoas que gostam de mim e não reagem... ficam tristes, não reagem bem ficam tristes, também tentam ajudar como for possível, se sabem se alguma coisa avisam-me logo, “olha tens aqui uma oferta, concorre” e eu concorro e tentam ajudar da melhor forma que podem, não me posso queixar, costumo dizer que podem não ser muitos mas são suficientes, até porque os amigos contam-se pelos dedos, sempre ouvi dizer.

d) Posição das redes perante a condição de vulnerabilidade

Verificou-se através dos testemunhos dos entrevistados a existência de ajuda económica, alimentar e a promoção de convívios, como referem:

Tudo, se calhar o meu estilo de vida também, eu continuo a sair e continuo a beber um copo continuo a beber um café, continuo a ir a almoçar e a jantar mas eu pago o café os amigos que são meus amigos que sabem como eu estou pagam o almoço e o jantar porque sabem que eu não posso fazer isso e quando eu posso fazer isso não vamos jantar fora, um leva um vinho, outro leva uma sobremesa e eu se calhar faço os bifes e juntamo-nos assim até mesmo na casa deles”

Como também:

Um amigo ou outro, vamos beber um copo, jantar, convidaram-me para ir para a praia, mas eu não posso porque eu não tenho dinheiro...Ficam chateados quando

não vou, mas epá não se não posso não vou, mas de vez em quando lá me oferecem o dia.

8.4. Identificar os impactos da vulnerabilidade social nas condições de vida das pessoas

Para responder a este objetivo determinamos as seguintes categorias:

a) Condição Social

Para melhor analisar esta categoria foi mantido o foco em três aspetos, sendo estes, os níveis de rendimento, o agregado familiar e as condições básicas.

- **Nível de rendimentos**

Ao apurar as respostas obtidas conclui-se que o nível de rendimentos é insuficiente para fazer face às necessidades de cada um, citando:

Porque o que se ganha é muito pouco é muito pouco, recebo 300 euros né para 250 fico com 50”

Ou:

Achas que eles se governavam com 180 euros na casa deles... 60 ou 70 vão para a farmácia estás a ver... Não sabem o que é a vida e se não fosse esta ajuda, era tudo a base de pão com um bocado de manteiga e pronto...

E ainda:

É complicado... Estar a ganhar 180 e pago 100 euros de quarto, o que vale é que eu tenho uma pessoa que me ajuda, não é fácil... tenho já a casa, já me deram algumas coisas, mas não tenho o suficiente.

- **Agregado familiar**

Quase todos os entrevistados, precisamente por falta de recursos económicos encontram-se a viver sozinhos. Um dos entrevistados vive com um amigo que o acolheu, e outros três vivem com os filhos.

- **Condições básicas**

A situação económica precária conduz ao agravamento das condições básicas de vida, uma vez que, muitas vezes, não conseguem fazer face aos pagamentos necessários (gás, eletricidade, medicamentos). Fazendo alusão...

Tive uma semana inteira sem gás, sem poder fazer comer, sem tomar um banho de jeito porque não tinha gás para o fazer e é muito complicado...

Ou

Olha, sou franca, não tive dinheiro para a farmácia, cortaram-me a luz duas ou três vezes, a vida é muito difícil, eu sofri sempre toda a vida.

Como ainda

(...) Claro que já houve, isso já houve... Já tive sem luz, já tive 1 dias ou 2 sem gás...

Alguns entrevistados perante esta questão não quiseram responder sobre o assunto e duas das entrevistas começaram a chorar.

b) Instabilidade profissional

Relativamente à segunda categoria pré-definida, instabilidade profissional, de acordo com algumas das respostas dadas pelos entrevistados (os restantes não fizeram qualquer tipo de referência) foram considerados dois aspetos que refletem substancialmente a falta de estabilidade profissional: O trabalho esporádico e o emprego temporário, ambos sem garantias de futuro, serviços de pouca duração e sem qualquer vínculo laboral, como referem alguns entrevistados

(...) Fez-me uns cartõezinhos para eu entregar porque como eu tive no irene lisboa gosto muito de crianças e as vezes umas horitas que os pais precisam de ir aqui e precisam de ir ali, resultou em algumas vezes, mas pronto...

Tal como:

Embora já tenha feito um mês aqui, um mês ali, mas isso não conta... tenho estado a fazer ou baixas ou férias das pessoas.

Também

(...) Mas eu já estava só que ainda arranjava uns trabalhos esporádicos, ou num café ou num restaurante, uns biscates...

c) Problemas de saúde

Concluindo com a terceira categoria e considerando os dois fatores anteriores – falta de recursos económicos e instabilidade profissional -, os problemas de saúde estão na maior parte das vezes interrelacionados.

A falta de ocupação, a carência económica, a impotência para poder mudar a sua condição são fatores que contribuem para uma instabilidade emocional que leva na maior parte das vezes a depressões, a doenças psicossomáticas e a fortalecer doenças já existentes principalmente a nível neurológico. Citando cinco entrevistados:

Na altura como disse, mais uma vez atrás, tive que ir estar num psicólogo, estava muito em baixo sem ânimo para nada...

Tal como

Cheguei a estar numa fila de hipermercado, ninguém me dizer nada e eu desatar a chorar, as pessoas olhavam para mim, “mas o que é que aconteceu?” e eu “nada” e eu não conseguia controlar, depois falei com a médica de família e ela disse que eu estava a entrar numa depressão, vamos ter que ajudar com medicamento porque você está a entrar numa depressão.

Explicam ainda...

O problema é sempre o mesmo, estes problemas já existiam só que eu não dava por eles, pensava que era um simples acontecimento, mas já me acontecia com as viagens, só que começaram a agravar-se precisamente quando fiquei desempregado quando fiquei sem nada...

Que...

A ansiedade, também faz parte de tudo, há 3 anos para cá que sofro com uma depressão e desde que fiquei desempregada ando mais ansiosa, o meu problema é muito grande, uma pessoa a trabalhar espairece a cabeça, pensa noutra coisa e quando vamos a olhar ao relógio já são horas de sair...”

Também que

É assim comecei a entrar, é assim foi tão dramático e tão triste que realmente eu comecei a ter esse impacto a nível psicossomático e comecei a ter patologias de cansaço extremo e de dores que mais tarde vieram revelar que era a patologia que era e que tudo isso foi resultado e derivado daí, desse impacto estrondoso a nível emocional.

Dos quinze entrevistados apenas seis não revelaram problemas de saúde.

8.5. Identificar as alterações nas redes resultantes da condição de vulnerabilidade

a) Enfraquecimento das redes

Ao longo do percurso de vida testemunhado pelos entrevistados, houve dinâmicas nas redes que se alteraram ou simplesmente desapareceram. A falta de comunicação por parte dos entrevistados relativamente aos seus problemas sociais, onde cinco dos entrevistados relataram que evitam falar sobre eles, promove o conseqüente distanciamento por parte das suas redes influenciando o enfraquecimento de ligação e ajuda, como referem os entrevistados...

Não falo dessas coisas, cada um tem os seus problemas...

Ou:

Eu podia falar, mas com o tempo percebi que temos de saber escolher bem com quem falar porque nem todos realmente nos ouvem, então as vezes nem o faço

Ainda:

(...) Eu também não estou a pedir nada, nem quero, nem quero meter os meus problemas neles porque eles têm os deles... os meus problemas são meus eu é que os tenho de resolver.

A falta de apoio emocional, foi outro dos fatores que levou ao enfraquecimento da rede, os entrevistados encontram-se emocionalmente fragilizados por diversos motivos, tais como, sentimentos de desânimo que os levam a pensar que não têm amigos, mudança de zona geográfica que implica e um corte de ligação nas suas redes sociais e familiares. Citando alguns entrevistados...

Nestas alturas é sempre complicado, tinha poucas pessoas em que pudesse realmente contar cá, porque os meus verdadeiros amigos estão lá em Braga e não cá, às vezes sinto-me um pouco desamparada.

Ou:

Às vezes há momentos em que parece que não podemos contar com ninguém, em situações de desespero não percebemos bem a realidade, mas o que se sente é isso...

Como também

Alteraram, algumas alteraram, alguns aspetos ficaram mais fracas com alguns amigos e também na família também houve um abanão mesmo que nós não queiramos deixa sempre marcas na família também e depois também tive outro problema, o meu filho mais novo estava fora do país, teve de voltar para Portugal e

abalou um bocado a estrutura porque se ele era um dos meus apoios também quando ele veio para cá, tive de ser eu e também tive o apoio dele e tivemos de nos equilibrar mais ou menos os dois mas mais nos amigos que alguns deles não eram amigos, afastaram-se...

De um modo geral, a situação de vulnerabilidade está condicionada ao fator económico e ao fator emocional.

A sua conduta, de acordo com o estado de espírito, promove a resposta da sua rede, assim como também a perda de relacionamentos, como ainda se poderá verificar.

b) Surgimento de novas redes

As instituições surgem então como recorrentes ou então se já existiam em paralelo, começam a evidenciar-se como uma identidade de recorrência. Sendo que, nenhum dos entrevistados a assume como uma rede de sociabilidade e apenas como uma ajuda.

c) Perda de relacionamentos

Tal como já foi referido anteriormente, a condição de vulnerabilidade, além de enfraquecer as redes de sociabilidade, pode, conseqüentemente, levar à perda de relacionamentos.

De acordo com os testemunhos dados por cada um dos entrevistados, foi possível definir duas razões principais para a perda de relacionamentos: O isolamento e as amizades por interesse.

Perante os factos, foi possível constatar que a vulnerabilidade social não é um fenómeno individual e que é capaz de provocar alterações drásticas na identidade de quem por esta experiência passa. De acordo com os resultados obtidos e de conclusões tiradas durante todo o percurso da entrevista, é essencial referir que esta condição afeta não só a maneira de estar, como também a maneira de ser perante a sociedade. Muitos entrevistados que antes poderiam ter uma vida mais ativa e gostar de se relacionar com os pares, hoje preferem ficar sozinhos a lidar com a sua dor, como referem

Olhe comecei a fechar-me em casa e isolei-me de toda a gente agora no curso sinto-me melhor.

Ainda explicam,

Eu não tenho muitos amigos, fico ali no meu cantinho, vejo a minha televisão...

E

Prefiro ficar ali no meu cantinho, sossegada.

No entanto, nem todos tomam esta atitude derrotista e adotam a socialização como um refúgio para os problemas. Num apanhado geral, pode afirmar-se que há uma questão comum a quase todos

os entrevistados, relativamente ao facto de terem perdido relacionamentos, sendo esta, as amizades por interesse.

Sentiu-se em praticamente todos o rancor que sentem ao referir que a maioria das relações que perderam, deveu-se ao facto de terem entrado numa condição vulnerável. Explicaram que os amigos é uma palavra muito forte no que toca ao seu verdadeiro significado, pois nas piores situações é que se percebe quem são aqueles que realmente importam, como refere uma entrevistada que engloba todas as respostas dadas pelos outros entrevistados...

(...) É assim, eu tinha muitas amigas, mas quando nós ficamos mal vê-se os amigos e todos me viraram as costas e podem-se contar pelos dedos, eu costumo dizer que não tenho amigas tenho conhecidas porque não... vê-se que não são amigas...há uma ou outra que pergunta “então está tudo bem?” “precisas de alguma coisa?” mas isso é muito raro acontecer... (...) Claro... É como lhe digo, nós temos muitos amigos enquanto temos dinheiro, almoçamos juntos, bebemos um café juntos, temos muitos amigos, a gente fica na situação má, toda a gente se afasta, e aí é o que eu costumo dizer, no hospital e na prisão é que nós vemos os amigos...

A conclusão geral de todas estas questões insere sobre as diferenças nos seus relacionamentos ao passarem de uma condição de vida estável para uma situação de vulnerabilidade.

Como última referência ao enfraquecimento das redes, foi considerado importante incidir sobre uma questão que poderá influenciar fortemente a auto estima de cada um, e, numa cadeia de acontecimentos afetar todos os aspetos da sua vida, incluindo a perda de relacionamentos. A questão tem como base o peso da humilhação que sentem das redes e perante as redes, a vergonha inerente à sua situação e as situações constrangedoras que experienciaram dada a sua condição de vulnerabilidade.

No seguimento destas situações, são questões que Serge Paugam configura de um modo geral, que as pessoas que experienciam esta posição de vulnerabilidade, desistem de ter um emprego, fazendo com que passem para uma nova fase, a fase da rutura, definida pela degradação dos vínculos sociais, no momento em que se deparam com a realidade e se confrontam com inúmeras dificuldades. Tal como a inferioridade social se refletir de uma forma bastante negativa, ao ponto de produzir sentimentos de humilhação e perturbação, de causar o isolamento e a produção de ressentimentos.

Conclusões

Esta investigação possibilitou-me a compreender melhor o objetivo do meu estudo, as redes de sociabilidade nas pessoas em condição de vulnerabilidade social.

Pude verificar que de acordo com a trajetória de vida de cada um, a sua condição social está diretamente relacionada ou interfere com a sua idade, o seu grau académico e o tipo de emprego/trabalho que tiveram, sem descontar a estrutura familiar.

Aliado também à condição social estão as condições precárias de moradias, e simultaneamente, os meios escassos ou inexistentes de subsistência.

São pessoas, onde o modo de vida é bastante limitado, tendo em conta que apenas vivem de auxílios financeiros bastante baixos e cestas alimentares dadas por associações beneficentes, como Serge Paugam também salienta.

Ao longo do estudo foi possível fazer uma divisão de todas as pessoas entrevistadas em condição vulnerável, e perceber que cada uma delas se encaixa em diferentes patamares de acordo com a maneira de viver, a maneira de ser e a forma de encarar as coisas, juntamente com a trajetória de vida. Como foi possível entender no modelo teórico, com o autor Serge Paugam e Robert Castel, existem três posições das pessoas em vulnerabilidade, os fragilizados, os assistidos e os marginalizados. Com a análise individual e, posteriormente, geral, foi possível observar a existência dessas três diferentes realidades.

Aos longo das entrevistas, fui constatando que perante estas realidades, a sensação de inferioridade é a comum a todos eles, pela perda de identidade e por dependerem de auxílios para garantirem a sua sobrevivência.

Verifiquei também que o espaço temporal dentro de determinado enquadramento sociocultural é de soma importância. Muitos dos entrevistados nasceram num regime em que a escolaridade obrigatória era apenas a 4 classe, as condições económicas familiares eram de baixos recursos, o que os levou a parar de estudar e começar a “ganhar dinheiro”, delimitando à partida a sua projeção para uma melhor estabilidade económica, sem perspectivas de um melhor emprego.

Atualmente, na conjuntura económica existente, os contratos não renovados e o fator idade, são os principais responsáveis pela situação do desemprego. Neste contexto, os entrevistados apresentam-se com dois tipos de perfil, o crónico, onde o desemprego se instalou há vários anos, promovendo nessas pessoas o desânimo e passividade em que a possibilidade de começar a trabalhar é quase nula, e o desemprego mais recente onde os entrevistados se encontram desempregados há menos tempo e ainda persiste a expectativa e confiança que irão voltar a trabalhar.

Também os impactos da vulnerabilidade social alteraram comportamentos, hábitos e costumes, afetando os entrevistados ao nível social, económico e emocional.

Apesar de todos os entrevistados terem tomado medidas (uns mais que outros) para reverter a sua condição atual, até à data ainda não foram sucedidos.

No que toca às redes de sociabilidade, é possível concluir que é um fator que é influenciado de diversas vertentes pela condição de vulnerabilidade, no sentido em que é notório um enfraquecimento, e uma alteração das mesmas derivado da alteração de identidade da pessoa que se encontra nessa condição.

O testemunho de todos os intervenientes, denota claramente que apesar dos diferentes percursos vividos, que existe um denominador comum: O poder económico (ou a falta dele) que afeta substancialmente o grau de integração social, não podemos ignorar, no entanto, alguns parâmetros que estão diretamente relacionados:

- O fator social em que se denota um certo alheamento perante a precariedade dos mais favorecidos;
- A falta de alicerces das instituições responsáveis, para a sua integração na sociedade, e acima de tudo, dos órgãos estatais competentes, que não implementaram incentivos às entidades empregadores para integrar pessoas que, quer pela faixa etária ou limitações, não apresentam os padrões de exigências instituídas atualmente, independentemente das competências.

Perante estes cenários cai por terra a motivação, a tendência para o isolamento e por consequência o leque de ligações afetivas torna-se mais restrito ou quase nulo.

É possível então conseguir compreender o principal objetivo do estudo, ou seja, compreender, as redes de sociabilidade das pessoas em condição de vulnerabilidade social. Foi possível entender a trajetória de vulnerabilidade de cada entrevistado, em que a maioria deles sempre trabalhou desde muito novos e que as principais razões para estarem na condição de vulnerabilidade são consequência de problemas de saúde e da não-renovação de contrato.

Quanto à tipificação das redes de sociabilidade, foram destacados três tipos: a família, os amigos, e a instituição que esta a auxiliar, neste caso, a Cáritas.

Relativamente as dinâmicas das redes de sociabilidade, foi possível concluir que a ligação mais forte que os entrevistados têm é com a família e que são muito poucos os amigos que têm.

Neste contexto da vulnerabilidade, quanto aos impactos que esta teve na condição de vida das pessoas, é possível referir que afetou de forma drástica e individual a vida de cada um, influenciando o estilo de vida, e dos filhos, em certos casos, impossibilitando por vezes o acesso às condições mais básicas e levando à procura de auxílio para conseguir sobreviver. Com tudo isto, o estado emocional de cada um é influenciado negativamente, provocando sensações de frustração e desânimo perante a vida, uma grande tristeza por perceberem que tudo está a desabar e que não podem falar nada em relação a isto. Reflexo disto, é o isolamento e a pouca vontade que cada pessoa demonstra em não conseguir continuar cada dia da mesma maneira, é o apoderamento de uma falta de confiança e de uma autoestima baixa. Com isto, ocorrem alterações nas redes de sociabilidade de cada um provocado pelo isolamento, negação e pela solidão que se apoderam

deles, levando a um afastamento ou até mesmo à perda de relacionamentos. Outra questão para as alterações das redes referido com mais peso pelos entrevistados teve foco nas “amizades por interesse” que demonstraram a sua veracidade quando tempos maus surgiram e simplesmente deixaram de querer saber.

Assim sendo penso que para diminuir a vulnerabilidade social, terá de se apostar na qualidade de educação e de cultura e potenciar a qualidade de vida de cada indivíduo.

Certamente grande parte dos problemas sociais acabavam por ser suprimidos.

Bibliografia

- Abrantes, P. (2011). Para uma teoria da socialização. *Sociologia, Revista Da Faculdade de Letras Da Universidade Do Porto*, XXI, 121–139.
- Almeida, M. A. (n.d.). *Sociedade em rede & redes de sociabilidade: algumas considerações sobre as relações entre tecnologia, cultura e sociabilidade*.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo. Revista Educação* (Vol. 22).
<https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Boni, V., & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, 2(3), 68–80.
- CASTEL, R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à desfiliação. *Caderno CRH*, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez., 1997
- Catel, Robert. Da indigência a exclusão, a desfiliação. Saúde e Loucura, Grupos e coletivos. Ed. HUCITEC, nº04
- Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, 1987. p. 218.
LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral*. 7º ed. São Paulo: Atlas. 2006
Leonel, G. G. (n.d.). Festa e sociabilidade : reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos, 35–57.
- Diogo, F., Castro, A., & Perista, P. (2015). Pobreza e Exclusão Social em Portugal - Contextos, Transformações e Estudos, 1–25.
- Dubar, C. (1997). *A socialização - Construção das identidades sociais e profissionais*. Porto Editora.
- Durkheim, É. (2007). *Durkheim, Émile - As Regras do Método Sociológico* (3ª). São Paulo: Martins Fontes.
- Faculdade, P., & Salatino, T. (2014). Entre laços e redes de sociabilidade.
- Fialho, J. (2015). Pressupostos para a construção de uma sociologia das redes sociais, XXIX, 59–79.
- Giddens, A. (2008). *Sociologia* (6ª). Lisboa.
- Grejo, Cb. Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros: entre o científico e o político. Pensamento racial e identidade nacional na Argentina (1880-1920) [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 131 p. ISBN 978-85-98605-98-2.
- Horton, P. B., & Haunt, C. L. (1980). *Sociologia*. São Paulo, Brasil: McGraw-Hill do Brasil.
- Marconi, M., & Lakatos, E. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. Editora Atlas S. A.
<https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100005>

- Minayo, M. C. de S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, 9(3), 237–248. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300002>
- Outhwaite e Bottomore, 1996. Sociabilidade, Grupos Sociais e Socialização, Dicionário do Pensamento Social do século XX
- Paugam, S. (2003). *Desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: Cortez Editora e educ.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. Van. (1998). Manual de investigação em ciências sociais. *Gradiva*, 289. <https://doi.org/10.1145/2018602.2018605>
- Recuero, R. (2008). Práticas de sociabilidade em sites de redes sociais: interação e capital social nos comentários dos fotologs. *Encontro Da Compós XVII*, 1–16.
- Renata Miguel. (2013). As Reflexões De Robert Castel Sobre Os Conceitos De “Risco” E “Vulnerabilidade Social.” *Journal of Chemical Information and Modeling*, 53(9), 1689–1699. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Rodrigues, E., Samagaio, F., Ferreira, H., Mendes, M. M., & Januário, S. (1999). A Pobreza e a exclusão social: Teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal. *Sociologia*, (9), 63–101.
- Santos, F. C. dos, & Cypriano, C. P. (2014). Redes sociais, redes de sociabilidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29(85), 63–78. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200005>
- Silva, C. . (2009). Desigualdade e exclusão social: de breve revisitação a uma síntese proteórica. *Configurações - Revista de Sociologia*, 11(2), 11–40. <https://doi.org/10.4000/con>
- Simmel, Georg, 1858-1918. (2006). *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Tavolaro, S. B. F. (2000). Sociabilidade e construção de identidade entre antropocêntricos e ecocêntricos. *Ambiente & Sociedade*, (6–7), 63–85. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2000000100004>
- Tratado de sociologia / sob a direção de Raymond Boudon, com a colaboração de J. Baechler... [et al; tradução de Teresa Curvelo; revisão técnica-de Renato Lessa. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995
- Vinuto, J. (2014). A amostragem bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203–220.

Anexos

Anexo 1- Declaração de consentimento informado

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Título do estudo: O tema da minha dissertação é:

Redes de Sociabilidade nas pessoas em condição de Vulnerabilidade Social.

Enquadramento: Esta investigação enquadra-se no âmbito da tese que está neste momento a ser desenvolvida no contexto do mestrado em Sociologia, com especialização em desenvolvimento regional, orientada pelo Professor Doutor Joaquim Fialho, na Universidade de Évora.

Explicação do estudo: Como técnica de recolha de dados será utilizada uma entrevista estruturada que terá como base um guião construído para o efeito, para que consiga ter uma maior profundidade da informação que necessito. A entrevista irá ser gravada para mais tarde me ser possível fazer o tratamento dos dados, mas garanto a sua destruição no final do tratamento de todos os dados.

Condições e financiamento: Não estão envolvidos quaisquer tipos de pagamento de deslocações e o estudo é financiado apenas pela investigadora, neste caso, por mim. A participação no estudo é de carácter voluntário, não havendo qualquer tipo de constrangimento, ou prejuízos a nível assistencial e outros, caso não queria participar.

Confidencialidade e anonimato: Garanto confidencialidade e uso exclusivo dos dados recolhidos para o presente estudo, tal como é garantido o anonimato da pessoa envolvida no estudo (não registo de dados de identificação), desta forma, em qualquer situação e em qualquer caso, a identificação dos participantes nunca será tornada pública, pois os contactos estabelecidos serão feitos em ambiente de privacidade.

Agradeço desde já a disponibilidade para participar na minha investigação. O meu nome é Marisa Oliveira, sou estudante na Universidade de Évora e estou a tirar o mestrado em Sociologia, na especialização de desenvolvimento regional. O meu mail é: marisa.oliveira-1994@hotmail.com, onde estarei sempre disponível para qualquer tipo de questão.

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Assinatura/s de quem pede consentimento:

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que acima assina/m. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

Nome:

Assinatura _____

Data: ___ / ___ / _____

SE NÃO FOR O PRÓPRIO A ASSINAR POR IDADE OU INCAPACIDADE

(se o menor tiver discernimento deve também assinar em cima, se consentir)

Nome: _____

BI/CC N.º: _____ **Data ou Validade:** ___ / ___ _____

Grau de parentesco ou tipo de representação: _____

Assinatura: _____

Anexo 2- Guião da entrevista

Guião de Entrevista

1. Género:
2. Idade:
4. Estado civil:
3. Nível de Escolaridade:
4. Qual a sua situação atual a nível de emprego?
5. Beneficia de algum tipo de apoio social?

6. Pode falar-me um pouco do seu percurso pessoal?
7. Que fatores é que estiveram envolvidos na origem da sua situação de vulnerabilidade social?
8. Pode descrever os impactos que esta condição teve/tem na sua vida?
9. Como se sentiu ao aperceber-se que estava a entrar nesta condição?
10. Neste momento, quais são os tipos de redes de contacto que mantem com regularidade?
11. Como caracteriza os laços que criou na sua rede de sociabilidade? Qual é a ligação mais forte que mantém?
12. De que forma se desenvolveram as suas redes de sociabilidade?
13. Quais são as motivações que sustentam as suas redes de sociabilidade atuais?
14. Essa situação de vulnerabilidade provocou alterações nas suas condições de vida?
15. Alguma vez se sentiu na incapacidade de reverter a sua condição de vulnerabilidade?
16. Que iniciativas tomou para tentar mudar a sua situação de vulnerabilidade atual?
17. Esta sua condição de vulnerabilidade alguma vez lhe provocou algum problema de saúde?
18. As suas redes de sociabilidade alteraram-se desde que entrou nesta condição de vulnerabilidade?
19. Como reagem os indivíduos das suas redes de sociabilidade à sua condição de vulnerabilidade social?
20. Tinha algum hábito recorrente antes de entrar nesta condição de vulnerabilidade, que teve de prescindir?
21. Alguma vez passou por alguma experiência mais constrangedora, ou de humilhação, ou até mesmo teve a sensação de fracasso, derivado da sua condição de vulnerabilidade?

FONTE: Elaboração própria

Anexo 3- Análise de Conteúdo – Modelo de Análise

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Unidades de contexto	Unidade de Registo
Trajetória de vulnerabilidade	- Percurso pessoal;	- Idade	- 49 anos -64 anos -59 anos -63 anos -57 anos -44 anos -38 anos - 31 anos - 50 anos - 36 anos - 40 anos - 32 anos - 51 anos	e1 e e2: “49” e3: “64” e4: “59” e5: “63” e6: “57” e7: “Um ar muito jovem, mas 44 anos (risos)” e8: “38” e9: “Tenho 49 anos” e10: “31” e11: “50” e12: “36” e13: “40” e14: “32” e15: “51”
		- Naturalidade	- Nasceu em Évora -Nasceu em Montemor -Nasceu em Arraiolos	e1: “Nasci em Évora” e2: “Nasci em Montemor” e3: “Eu não sou daqui sou de arraiolos (...)”

			<p>- Nasceu em Estremoz</p> <p>- Nasceu em Abrantes</p> <p>- Nasceu em Lisboa</p> <p>- Nasceu em Santarém</p>	<p>e4: “Portanto, nasci em Estremoz, ah depois fui viver para Evoramonte”</p> <p>e5: “Fui batizada em Estremoz, mas nasci cá em Évora, mas fui batizada em Estremoz</p> <p>e6: “É assim, nasci em Abrantes, fiz o percurso escolar normal, casei muito nova, mas vivi em Abrantes até aos 26 anos”</p> <p>e7: “Eu nasci cá em Évora (...)”</p> <p>e8: “Nasci em Lisboa”</p> <p>e9: “Pronto, eu nasci no hospital de Montemor o novo”</p> <p>e10: “Então olhe eu nasci em Évora, sou mesmo eborense”</p> <p>e11: “Sou de santarém, vim para Évora para uma comunidade terapêutica para a toxico dependência”</p> <p>e12: “Nasci em Évora, sou natural de cá da Sé”</p> <p>e13: “Nasci em Évora (...)”</p>
--	--	--	---	--

				<p>e14: “Nasci em Évora, fui criada em nossa senhora de Machede”</p> <p>e15: “Nasci em Lisboa, onde vivi até aos 41 anos, mais ou menos há dez anos é que vim viver para o Alentejo, só que vivi os primeiros 7 anos em borba e agora aqui em Évora no fim de novembro é que vai fazer 3 anos”</p>
		- Com quem viveu	<p>-Viveu com os pais e mais tarde com o ex-marido;</p> <p>- Viveu com os pais, depois só com a mãe porque os pais se separaram e depois com a ex-mulher</p> <p>-Viveu com os pais, depois com o ex-marido e os filhos</p> <p>-Viveu com os pais depois com o ex-</p>	<p>e1: “Tão... Tive com os meus pais”, “tive um marido, mas agora não estou né”</p> <p>e2: “E: Com quem é que vivia?”</p> <p>e2: “Ah... Com a minha mãe. Os meus pais também se separaram, isto são coisas da vida</p> <p>E2: Exatamente</p> <p>e2: Separaram-se e eu fiquei com a minha mãe, estudei, pronto e depois casei mas acabei também por me divorciar”</p> <p>e3: “Vivi com os meus pais, depois casei com o pai das minhas filhas, ao fim de uns</p>

			<p>marido e com os filhos</p> <p>- Viveu com os pais, depois com o ex-marido, e quando se divorciou voltou a viver com a mãe para acompanhá-la na sua doença até ela partir.</p> <p>- Viveu com os pais e mais tarde num colégio interno de freiras e agora vive na casa de um amigo</p> <p>- Criada com os avós e depois viveu com o companheiro e os filhos</p> <p>-Viveu com os pais e depois só com o pai</p> <p>- Viveu com os pais, viveu com o companheiro e com os filhos</p>	<p>anos nós divorciamo-nos (...) e uns anos depois já muito atrás casei novamente com uma pessoa que faleceu há pouco tempo”</p> <p>e4: “(...) Depois voltei para Estremoz e passado um tempo vim para Évora uma semana antes de fazer os sete anos, vim para Évora onde me mantenho até aos dias de hoje. Fui casada tenho dois filhos neste momento vivo sozinha (...)”</p> <p>e5: “vivi com os meus pais, pronto tenho dois filhotes vivi com eles só que eles agora já estão na casinha deles e eu moro aí nas quintas”</p> <p>e6: “Vivi com os meus pais, depois casei e em 2010 divorciei-me, em 2012 tive a acompanhar a minha mãe numa doença oncológica, depois ela partiu, depois tive 2 ou 3 anos sem estar cá em Évora, tive em Sousel a viver e a acompanhar a minha mãe e quando ela partiu voltei... Estou sozinha desde 2010”</p>
--	--	--	---	---

			<p>- Viveu com os pais, casou e viveu com o marido, agora vive só com o filho</p> <p>- Viveu com os pais, depois só com o pai, depois com o marido e agora vive só com as filhas</p> <p>- Viveu com os pais, a irmã e a avó e depois com o ex-marido</p>	<p>e7: “Eu nasci cá em Évora, vivi com os meus pais até a uma determinada altura principalmente com a minha mãe que nós somos quatro irmãos, inclusivamente eu sou gémea, e tenho dois irmãos mais velhos e o que é que eu posso dizer de mim a nível de percurso familiar... não é um percurso famoso, por parte da minha mãe, são sempre assuntos delicados de falar mas eu falo, com a minha mãe não tenho qualquer tipo de ligação, até aos 4 anos tudo bem, mas não era uma relação como deve ser... a minha mãe rejeitou dois dos quatro filhos, eu e o meu irmão mais velho porque a minha mãe não queria ter nem meninas nem gémeas, nós nascemos prematuras depois mais tarde manifestou-se que eu tive meningite já era uma rejeição muito grande mas é uma pessoa que eu adoro, não lhe vou mentira, porque mãe só temos uma e não lhe guardo rancor, depois aos 15 fui para Braga viver, onde eu vive muitos anos, foram os melhores anos da minha vida (...)</p>
--	--	--	--	---

				<p>Vivi 14 anos em Braga e regressei a Évora (...). Estou a viver na casa de uma pessoa amiga minha, um amigo meu, é como se fosse um pai, extraordinário"</p> <p>e8: "(...) fui criada com os meus avós e depois sai de casa aos 16 e juntei-me pronto, arranjei trabalho, trabalhava numa padaria e depois juntei-me passado um bom tempo, tenho 2 filhos, com 2 e 7 anos, mas sofri de violência doméstica por isso é que vim para o Alentejo, não posso estar no mesmo sitio... Morava em Odivelas, depois vim para cá por causa disso, os meus filhos agora já estão no lar dos espinheiros, agora estou a morar num quarto, já tenho casa da ABEVORA mas falta-me mobílias e isso..."</p> <p>e9: "Vivi perto de Montemor até aos 3 anos de idade e depois, sempre juntamente com os meus pais mudamos para Santiago do Escoural e quando já tinha 13 já tinha deixado a escola, aos 11, 12 faleceu-me um irmão e por essa razão viemos para Évora,</p>
--	--	--	--	--

				<p>casei, vivi com a minha ex-mulher mas depois acabei por me divorciar anos depois e agora vivo sozinho”</p> <p>e10: “Vivi com os meus pais até aos 11 anos, depois separaram-se infelizmente, entretanto decidi ficar a morar com o meu pai, fiquei em Évora, depois a minha mãe abalou para o Algarve a procura de trabalho e foi um pouco isso...”</p> <p>e12: “Cresci com os meus pais e depois juntei-me e vivi com o pai das minhas filhas, tenho 5 filhos, 1 neta, a mais velha tem 21 anos, o mais novo tem 7 e a minha neta tem 5”</p> <p>e13: “Fui criada com o meu pai e a minha mãe ai até aos 18 anos, casei aos 18, tive até aos 39 anos com aquele senhor, como fui vitima de violência domestica grave, ele acabou por sair de casa para me trocar por outra mulher o que era normal, era normal</p>
--	--	--	--	---

				<p>ele ter amantes mas nunca tinha saído de casa”</p> <p>e14: “aos dois anos a minha mãe abandonou-me fiquei com o meu pai e o meu irmão aos 17 casei-me, noiva tudo, como manda o figurino, vivi até presente data com o pai das minhas filhas, tenho uma filha com 14 anos e outra com 6, há três anos ele abalou para um jantar e nunca mais apareceu e abalou com uma mulher para França”</p> <p>e15: “Nasci em Lisboa, onde vivi até aos 41 anos, mais ou menos há dez anos é que vim viver para o Alentejo, só que vivi os primeiros 7 anos em borba e agora aqui em Évora no fim de Novembro é que vai fazer 3 anos, cresci com pai, mãe e irmã, 4 anos mais nova e avó materna e nasci mesmo no centro de lisboa, mas nunca vivi mesmo em lisboa, vivia em Algés, e pronto até me autonomizar, depois mudei para outros sítios mas ali também próximo, neste momento</p>
--	--	--	--	--

				vivo sozinha, mas já fui casada e divorciei-me a pouco tempo”
		- Estado civil	- Solteira -Casado/Separado de facto - Viúva -Divorciada -Divorciado -Solteiro - Casada	e1 e e7 e e8 e e12: “Solteira” e2: “Estou casado, mas estou separado de facto” e3: “Sou viúva” e4 e e6 e e13: “Divorciada” e5: “Solteira, sou mãe solteira” e9: “Divorciado” e10: “Solteiro” e11: “Solteiro e bom rapaz” e14: “Separada de facto” e15: “Casada ainda, estou separada de facto”
		- Com que idade começou a trabalhar	Aos 18 anos Aos 15 anos Aos 26 anos Aos 16 anos Aos 13 anos Aos 14 anos	e1: “Comecei a trabalhar aos 18” e2: “Depois saí aos 15 e fui trabalhar” e3: Já nem me recordo de quando comecei, mas era muito nova... e4: Oh... Já lá vai os anos, comecei muito cedo, muito cedo...

	<p>- Percurso profissional</p>		<p>Aos 11 anos</p>	<p>e5: Comecei cedo a ganhar dinheiro para mim, tempos difíceis...</p> <p>e6: “comecei a trabalhar a sério aos 26 anos fui colocada na creche do lar dos pequeninos em Montemor, tive lá 11 anos”</p> <p>e7: “Trabalhei numa creche cá em Évora, num orfanato em Braga, mas comecei há mais de 20 anos, a trabalhar mesmo, mesmo num hipermercado que era o feira nova de braga que agora são os pingos, ou seja pouco tempo depois de ir para lá aos 15...”</p> <p>e8: “Depois sai de casa aos 16 e fui trabalhar”</p> <p>e9: “(...) portanto já estou em Évora desde os meus 13 anos, foi quando comecei a trabalhar numa drogaria bastante conhecida”</p> <p>e10: “comecei a trabalhar quando tinha acho que 18 anos, passou desde nadador salvador, nas piscinas municipais de mora, até trabalhar no quiosque do jardim publico, trabalhar para a tyco, para a câmara municipal de Évora...”</p>
--	--------------------------------	--	--------------------	---

				<p>e11: “Sai do liceu para trabalhar na restauração, atrás de um balcão, aí aos 14 anos...”</p> <p>e12: “Aos onze, tinha irmãos pequenos, não tinha mãe, teve mesmo de ser...”</p> <p>e13: “Comecei a trabalhar aos 14”</p> <p>e14: Com 16, deixei a escola, comecei logo a trabalhar”</p> <p>e15: “Comecei a ganhar dinheiro para mim aos 16 anos , mas a trabalhar mesmo no regime mesmo de ter descontos já foi so em 89, só mais tarde, acho que aos 22 foi quando comecei a descontar para a segurança social, portanto a ter empregos mais...”</p>
		-Há quanto tempo está na condição de vulnerabilidade	<ul style="list-style-type: none"> - 2 anos - + 6 meses - 4 anos - 3 anos - 30 anos 	<p>e1: “Agora há dois anos”</p> <p>e2: “Há mais de seis meses”</p> <p>e3: “Há já há muito tempo, há muito tempo, para ai quase há 4 anos talvez, sim 3 4 anos não sei precisar bem”</p>

			<ul style="list-style-type: none"> - 9 anos - 7 meses - 6 anos - 1 ano - 17 anos - 5 meses 	<p>e4: “e a partir dai, há já 3 anos, não sei se pela idade por uma série de coisas nunca mais consegui arranjar trabalho...”</p> <p>e5: “Já há uns poucos já, se calhar uns 30... Trabalhei quando era aí mais nova quando eu podia mais pronto (...)”</p> <p>e6: “Estou desempregada desde 2015, ou seja, há 3 anos...”</p> <p>e7: “A serio a sério foi na creche, desde 2009, há 9 anos...”</p> <p>e8: “Eu tirei o curso... Estou desempregada desde janeiro/fevereiro, há 7 meses pronto, estava a tirar um curso na Cercidiana de hotelaria, estava a estagiar pronto”</p> <p>e9: “Estou desempregado desde 2012, há 6 anos penso”</p> <p>e10: “Há um ano...”</p> <p>e11: “4 anos sim...”</p> <p>e12: “Isso... Eu estou desempregada já há um ano, fez um junho”</p> <p>e13: “Já há muitos anos, para aí há 17 anos”</p> <p>e14: “Desde Abril... ou seja à 5 meses”</p>
--	--	--	--	--

				<p>e15: “Bom, isto foi um processo de muitos altos e baixos que já começou em 2016, porque até 2015 eu tive muitos altos e baixos, mas como ia tendo algum trabalho depois também não podia pedir subsídios não tinha direito, depois a partir de 2016 fiquei mesmo sem trabalho nenhum e então foi isso...Dois anos, isso...”</p>
		<p>Motivos da vulnerabilidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Contrato não renovado - Idade; - Problemas de saúde - Falta de escolaridade - Mudou de cidade e ainda só conseguiu realizar um estágio de 2 anos - As condições propostas não foram cumpridas - Depressão e violência doméstica 	<p>e1: “Então... não aceitaram o novo contrato depois acabou”</p> <p>e2: “e: Como é que fiquei...Vêm as cartas e surgiu uma oportunidade de ir lá para (...) depois tive um ano de contrato, depois entretanto vim e tive ai dois ou três meses, foi quando eu vim para Évora, entretanto entrei em contacto com um engenheiro da SOMAE e fui para a SOMAE mais um ano, só depois eles é por contratos, depois terminou o contrato lá e eles disseram para aguardar que ia começar uma nova obra de 500 km mas só que a SOMAE teve muitos problemas e começaram a despedir muita gente, isto depois com a nossa idade já não é nada fácil (...)”</p>

			<p>- Horários de trabalho não compatíveis com as filhas e não tinha ninguém para auxiliá-la</p> <p>-Trabalhava numa empresa por conta própria e com a crise perdeu clientes e acabou por perder, fez cursos, mas começou a ter sintomas de doenças nas articulações</p>	<p>e3: “Tive empregada várias vezes em vários sítios, trabalhei num colégio de crianças na rua de Machede, 3 anos, terminei o contrato sai, fui trabalhar 2 anos para a universidade e o meu último contrato foi aí”</p> <p>e4: “No meu desemprego, portanto eu trabalhei muito tempo numa empresa que fechou por morte do dono da empresa, que era o vídeo clube de mora, depois tive no Arcada a trabalhar e depois fui para o desemprego, fui operada, tive um problema e fui operada e já não consegui manter-me ali muitas horas de pé, foi quando vim aqui para a Cáritas trabalhar por intermedio da Doutora Maria João também gostei muito de ali estar, entretanto depois a formação, que era tipo um curso de formação acabou e depois fui chamada pelo desemprego para irene lisboa para o colégio, o contrato acabou e a partir dai não sei se pela idade por uma série de coisas nunca mais consegui arranjar trabalho...”</p>
--	--	--	---	---

				<p>E4: É complicado...</p> <p>e4: Porque infelizmente nós respondemos a anúncios e a primeira coisa que nos perguntam é qual é que é a idade</p> <p>E4: Exato...</p> <p>e4: Não adianta neste momento ter-se responsabilidade, nem se ter experiência, não adianta, infelizmente não adianta”</p> <p>e5: “Sim, e também derivado a minha dor nas mãos e os diabetes e a tensão e pronto e as idades que eu tenho já ninguém me dá trabalho... Não tenho escolar nenhum, não sei ler não sei escrever, é muito complicado”</p> <p>e6: “Fiquei desempregada porque era contratada e os contratados quando entrou a Manuela Ferreira Leite a ministra, os contratados vieram todos para a rua, vim eu e os outros dois vigilantes que eramos os três contratados, acabou o contrato e não renovaram, tinham renovado sempre até ali, tive desde 1997 até 2002, a partir dali quando ela entrou, ela disse que os</p>
--	--	--	--	---

				<p>contratados iam todos para a rua e nós os três tivemos de sair...E isto quanto mais velhos ficamos pior, a idade influencia muito e é cada vez mais difícil”</p> <p>e7: “Fiquei desempregada em 2015, adoeci até hoje, sou muito descontraída, muito frontal, mas ninguém sabe aquilo que se passa, então é assim, em 2015 fui operada no ipo onde me foram retirados dois tumores, correu tudo bem, o meu ar positivo acho que vence tudo, hoje levei outro balde de agua fria, é grave, muito grave, mas vou vencer porque eu sei que sou forte”</p> <p>e8: “Eu estava empregada num restaurante na altura em lisboa porque cá ainda não... só tive num estágio de 2 anos e agora estou à espera de arranjar um trabalho aqui estou à espera de resposta”</p> <p>e9: “Depois começaram a aparecer problemas de saúde e fui ficando assim e mesmo que eu queira exercer a atividade,</p>
--	--	--	--	--

				<p>que é a minha profissão, é-me impossível por nível de problemas de saúde, eu comecei a aperceber-me disso ainda estava lá fora no estrangeiro, pronto mais ou menos via qualquer que não estava bem (...)o facto de estar muita gente, a mim faz-me uma grande confusão é uma espécie de fobia, mas não me dá sempre, mas de vez em quando dá, e eu ou me piro dali muito rápido ou tenho tendência a fugir pela janela, não é agredir ninguém, mas tenho de ir embora, tenho de me safar e isso representa um bocadinho de depressão”</p> <p>e10: “Por término de contrato, o contrato terminou e já não houve renovação, para mim e para todos os trabalhadores, cumpria os 6 meses...”</p> <p>e11: “ O meu último emprego foi na câmara, através de um programa do instituto de emprego com a câmara, as novas oportunidades ou o que era, foi um ano,</p>
--	--	--	--	--

				<p>impecável, sempre fiz o meu trabalho com aquela esperança de eles renovarem, mas não renovaram, começaram logo a avisar “não vás por aí”, tive na camara na seção das águas e acho que... tentei entrar, tentei ir sempre lá, ia uma altura lá todos os dias sempre a por coisas, e eles diziam-me “desiste, neste momento a camara só está a aceitar pessoas que estão no desemprego a receber, e não com o rendimento mínimo, depois é o meu dia-a-dia... (...) Mas mesmo com idade não tens muita hipótese, numa firma fazem-te um contrato de seis meses olha aplica-te, tu fartaste de trabalhar, mas ao fim de seis meses, venha outra, epah é mesmo assim”</p> <p>e12: “estava a trabalhar numa herdade, entretanto as condições que nos propõe não foram as que foram cumpridas e acabei por sair por vontade própria, de toda a maneira estar lá ou não estar, eu estava a trabalhar e não via nada...”</p>
--	--	--	--	---

				<p>e13: “Deixei de trabalhar por causa da depressão e da violência doméstica também...(...) Não consigo trabalhar ao pé de muita gente, tenho fobia social”</p> <p>e14: “Devido aos meus horários de trabalho, como estou sozinha e não tenho aqui familiares que me possa auxiliar com as minhas filhas, os horários de saída era às duas da manhã e era-me impossível e estar a pagar a uma pessoa que me olhasse por ela, ela de todo impossível e então sai porque, entretanto, a ver se encontro um trabalho que consiga conciliar com os horários das minhas filhas”</p> <p>e15: “Portanto em 2001 eu comecei a trabalhar por conta própria, montei uma pequena empresa de serviços da minha área de formação onde eu trabalhava já por conta de outrem antes disso e pronto e trabalhei para os meus clientes e para os trabalhos que eu conseguia arranjar até 2015, ainda que em 2014 já tenha sido anos</p>
--	--	--	--	---

				<p>de algum sobressalto, a partir do momento que se instalou a crise a séria, pronto comcei a perder os clientes, os trabalhos até tentei aguentar o mais possível, tentei encontrar novos trabalhos depois entretanto nessa altura já estava inscrita no centro de emprego embora não tivesse direito a nenhuma prestação social e pronto depois fiz um curso de cozinha, como também era uma coisa que eu gostava muito, ainda validei uma serie de módulos, isto através do centro de formação profissional aqui de Évora, so que depois tentei trabalhar em restauração só que entretanto, antes disso, na transição de 2015 para 2016 pronto comecei a aparecer com muitas dores de articulações e muitas dores de ossos e muito cansaço e cada vez mais, depois não sabia o que é que era depois comecei a queixar-me aos médicos, e a fazer exames e a andar de consulta em consulta e entretanto para além de ter os ossos todos escavacados com artroses e problemas vários, ah pronto também tenho fibriomialgia que me foi</p>
--	--	--	--	---

				<p>diagnosticado mais ou menos há um ano e pronto e isso dificultou quer dizer para trabalhae rem restauração, ainda fiz duas tentativas que foram só de um dia cada uma e foram o suficiente para perceber que trabalhos muito braçais e físicos para estar dez e doze horas não dá, tanto que eu agora vou ter uma consulta no hospital com a médica que me segue de especialidade por causa da fibromialgia e pronto vou pedir se ela passa um relatório mais detalhado possível para uma junta médica e para explicar qual é a situação, e essa situação numa cidade como Évora em que os empregos que há aos montes é tudo físicos e braçais que ou é na restauração ou fazer limpezas em hotéis e coisas assim, então vou tentar essas coisas assim peço a junta médica com os exames que tenho e com o relatório que espero que ela me passe, para ver se consigo 60% de incapacidade e se daí posso vir a ter uma pensãozita, que é uma coisa durante 5 anos que já me explicaram na segurança social que é pelo</p>
--	--	--	--	--

				<p>menos durante 5 anos não há cortes e a pessoa pode acumular com o RSI se não começar entretanto a trabalhar e pronto mas que justifique o caso dessa situação, de me chamarem para algum tipo de emprego que nunca aconteceu vamos lá ver, mas que eu não possa desempenhar pela dificuldade das funções pelo menos estou salvaguardada a esse nível, isto uma desgraça nunca vem só e pronto é inclusivamente o problema da fibromialgia é um problema que os médicos já me explicaram e tudo aquilo que eu também já li e que esta na net e que é um problema que realmente a maior parte das vezes aparece por a pessoa estar há muito tempo a sofrer um stress emocional agudo e estar num processo de angústia muito dramático e prolongado e foi o que aconteceu comigo”</p>
			<p>- Apoio da Cáritas; - Apoio das formações;</p>	<p>E1: “Ah...Beneficia de algum tipo de apoio social? Tem a Cáritas não é? e1: “Sim” E1: “Recebe mais algum?”</p>

		- Apoio social	- Apoio do Rendimento Social de Inserção; - Não recebe apoio social;	<p>e1: “Da formação só”</p> <p>e3: “Tive a trabalhar... é o rendimento social”</p> <p>E4: Ah... Beneficia de algum tipo de apoio social? e4: Do RSI”</p> <p>e5: “Pronto é o RSI, e aqui as Cáritas uns alimentozitos”</p> <p>E6: “Ah... Beneficia de algum tipo de apoio social? e6: Do RSI”</p> <p>E7: “Recebe algum tipo de apoio social?” e7:” Recebo o RSI”</p> <p>e8: “Estou desempregada, recebo o rendimento social”</p> <p>e9: “Sim, recebo do rendimento social de inserção”</p>
--	--	----------------	---	---

				<p>E10: Beneficia de algum tipo de apoio social?</p> <p>e10: Não</p> <p>e11: “Sim, o RSI e aqui a doutora aqui da Cáritas dá-me uns alimentos, a massa, o arroz...É uma ajuda boa né”</p> <p>e12: “E beneficia de algum tipo de apoio social?”</p> <p>e: Agora de momento não”</p> <p>e13: “Aqui da Cáritas e do rendimento mínimo”</p> <p>e14: “Agora presentemente não, só da Cáritas uns alimentos”</p> <p>e15: “Estou desempregada, sou beneficiária do RSI e neste momento estou a fazer uma formação numa agência imobiliária para ver se arranjo...”</p>
--	--	--	--	---

		Impactos da vulnerabilidade a nível emocional	<ul style="list-style-type: none"> - Desanimo - Tristeza - Muito em baixo sem ânimo para nada - Saturação - Instabilidade muito grande - Um vazio muito grande - Começar a tomar medicamentos - Mágoa - Cansaço - Triste e dramático e começou a tr patologias de cansaço extremo e dores que vieram revelar a doença atual 	<p>e2: “Uma pessoa sente-se... Uma vez sente aquela vontade aquele ânimo, mas há outras alturas que fico desanimado, vejo que a vida não avança... É muito complicado”</p> <p>e3: “Mal... mal, muito triste”</p> <p>e4:” Na altura como disse, mais uma vez atrás, tive que ir estar num psicólogo, estava muito em baixo sem ânimo para nada...entretanto o meu pai também faleceu foi um conjunto de situações todas que marcaram ali a minha vida e tive de tentar dar a volta por cima porque uma pessoa não sentindo isso, uma pessoa começa-se a aperceber que está a ir para a velhice, não tem já capacidade para competir por muita responsabilidade que se tenha, por muito mais experiência que se tenha porque eu costumo dizer porque nós aprendemos sempre com os mais novos e com os mais velhos e assim nós aprendemos com os mais novos porque são mais novos e os mais novos aprendem com a gente, vocês</p>
--	--	---	---	--

				<p>ganham-nos em juventude e nós ganhamos em experiência e na altura foi um bocado marcante e foi um conjunto de situações que muito infelizmente para mim juntaram-se todas na mesma altura que são idades, são alturas que marcaram as mulheres e que a gente tem de dar a volta e os meus filhos sem cá estarem infelizmente eu não tinha um bom relacionamento com a minha mãe, que às vezes esse é o pilar que nos apoia que nos segura e há outra situação para mim que foi muito importante na altura os amigos, os amigos são a nossa segunda família, os amigos ficam contentes quando nós estamos bem e ajudam-nos quando nós estamos mal e foi muito aquilo que aconteceu algum tempo, mas como você sabe também as coisas não estão bem no nosso país e quem ajuda não pode ajudar sempre e quem precisa, muitas das vezes precisa sempre, foi um fator que me marcou muito marcou (...) Há bocados que uma pessoa está saturada...”</p>
--	--	--	--	--

				<p>e6: “Muita instabilidade... Portanto a nível psicológico como a nível financeiro é uma instabilidade muito grande...”</p> <p>e7: “É assim, em 2015 quando eu adoeci, há pessoas que vêm o mundo a desabar... Mas eu vou lhe dizer uma coisa, eu não estou a trabalhar, nem vou voltar a trabalhar, não vou mesmo, já fiz os três anos de baixa e ao fim dos três anos já se sabe como é, já não voltarei e custa-me um bocado porque detesto estar parada e a única coisa que eu penso atualmente é aquilo que eu fui e aquilo que eu sou porque eu tou na iminência de perder os meus movimentos e por isso é que eu quero aproveitar todos os momentos, minutos e segundos da minha vida, o impacto maior talvez seja uma tristeza muito grande, um vazio muito grande, tenho uma ferida muito grande por dentro” “e: Quando fiquei desempregada, tudo mudou quando eu fiquei doente, já estava com baixa, ao inicio tudo me revoltava, por eu saber que não tinha como</p>
--	--	--	--	--

				<p>me entreter, não tinha o meu posto de trabalho...”</p> <p>e8: “Foi um bocadinho complicado, fiquei muito em baixo... o que é que eu vou fazer, o que é que eu não vou fazer, antes os meus filhos não estavam comigo, estavam em Portalegre, depois é que vieram para cá, e senti-me um bocadinho desamparada (...) Desde que me separei que tive de começar a tomar um calmante a noite por causa dos pesadelos que tinha e com a situação de ter ficado desempregada agravou-se, e hoje em dia ainda tomo”</p> <p>e9: “Fiquei mesmo muito em baixo principalmente por começar a perceber que não ia ter o controlo sobre isso...”</p> <p>e10: “Foi bastante difícil, não tinha vontade de nada, que cheguei a entrar em depressão mesmo, foi um bocado complicado, felizmente isso já passou, porque é muito muito difícil, deixou-me bastante em baixo”</p>
--	--	--	--	---

				<p>e11: “Fiquei um bocado magoado, mas estou com a cabeça erguida, neste momento... foi complicado, olha não vou dizer... vou dizer que caí com os pés outra vez no fundo do poço, mas quando olhei para cima pensei, não pode ser não podes estar aqui outra vez e uma ou duas pessoas amigas fizeram-me ver isso também”</p> <p>e12: Muita coisa, muita coisa, psicologicamente fiquei muito afetada, porque é assim eu nunca dependi de ninguém e fui sempre independente e isto estremece uma vida toda, é complicado, mas há que seguir em frente...(...) A nível psicológico... a gente as vezes... Eu nunca fui uma pessoa de me encostar e de ficar parada e de deixar as coisas acontecerem porque têm de acontecer, não, às vezes temos de ir a procura e acho que fiquei... E agora depois de me ter separado, ainda agravou mais, fiquei um bocado balançada, sinto-me um bocado cansada”</p>
--	--	--	--	---

				<p>e13: “Foi uma fase muito triste, precisava daquilo para me distrair e depois fiquei muito sozinha sem nada para fazer”</p> <p>e14: “Eu de mal já não passava, sinto-me mal, muito desanimada, principalmente pelas minhas filhas, a mais velha já consegue distinguir, já consegue perceber, que antes eu podia dar-lhe mais do que atualmente eu lhe estou a dar e pronto os miúdos hoje em dia sentem...”</p> <p>e15: “É assim comecei a entrar, é assim foi tão dramático e tão triste que realmente eu comecei a ter esse impacto a nível psicossomático e comecei a ter patologias de cansaço extremo e de dores que mais tarde vieram revelar que era a patologia que era e que tudo isso foi resultado e derivado daí, desse impacto estrondoso a nível emocional”</p>
--	--	--	--	--

		<p>Impactos a nível pessoal da vulnerabilidade nas condições de vida</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Deixar de ir de férias -Deixar de jantar fora - Deixar de ir ao cinema - Perder o carro -Deixar de fumar - Deixar de sair -Mudar de casa -Deixou de jogar futebol e tinha um projeto musical e teve de abdicar dessas coisas porque pediam dinheiro; - Perdeu a privacidade, para ele a privacidade era tudo, deixou de conseguir comprar certas coisas necessárias para os filhos 	<p>e2: “Sim, oh claros os rendimentos tornam impossível ir comer fora, de ir ao cinema de ir aqui e ali, porque eu tinha carro também E: Já não tem? e: Não neste momento não”</p> <p>e3: “A minha vida neste momento está má, não tenho meios praticamente para sobreviver (...) tive de prescindir de muitos hábitos”</p> <p>e4: “(...) as saídas mais, as férias então nunca mais tive férias e algumas coisas, deixei de fumar, deixei daqueles gastos supérfluos só por gastar...”</p> <p>e6: “e: Alterou tudo... Eu tinha uma casa, tinha tudo, e neste momento vivo num anexo, que é um quarto, uma casinha de banho e uma cozinha miniatura (...) sim ia de férias, ia sempre o mês de agosto 15 dias e nunca mais fui”</p>
--	--	--	---	---

			<p>- O nível de vida mudou completamente, até com a comida em casa, as férias, os passeios aos fins de semana</p> <p>- Fazer as unhas e ir ao cabeleireiro</p> <p>- Deixar de viajar, de tratar da saúde com rigor deixar de ir a reuniões que podiam trazer trabalhos mas não ir por não ter roupa ou um cabelo arranjado para isso, e é um ciclo vicioso</p>	<p>e8: “É assim eu deixar de fazer tudo, não deixei, mas deixei de sair muito, deixei de ir de férias de comprar coisas que queria e gostava...</p> <p>e9: “Foi um impacto, foi um choque, porque eu estava habituado a outro tipo de vida não estava habituado a este, eu sempre... desde os 13 anos que trabalho, a partir dos 18 comecei a ganhar para mim, sempre tive desde os 18 , sempre tive o meu dinheiro, sempre gastei, sempre fiz a minha vida, tinha férias, tinha uma vida normal e foi um grande impacto quando me vi sem nada praticamente... são dias e dias a por a mão dentro do bolso e só existe as chaves de casa”</p> <p>e10: “Derivada da situação do desemprego... Uma coisa levou a outra, do desemprego levou a depressão e com a depressão deixei de jogar futebol, também sou músico, tinha uma banda, tinha um projeto musical neste momento estou</p>
--	--	--	--	---

			<p>parada, tive de abdicar dessas coisas porque também pediam dinheiro, acho que foi mais por aí (...) costumava ir todos os anos de férias para Milfontes com colegas e deixei de o poder fazer”</p> <p>e11: “Ah... ir jantar fora, ia de férias uma semaninha... (...) Não tenho a minha casa, não tenho a minha privacidade, e tudo, não tenho as minhas coisas pessoais, aquilo que tinha e que gostava de ter, poder comprar as minhas coisas, fazer uma poupança, acaba por ser a privacidade, não tenho, se tivesse coiso, vivia sozinho, a privacidade era tudo, lógico a viver sozinho tinha lá sempre a casa cheia de amigos há sempre aquele mais interesseiro, “tão não tens um cigarrinho” “tão almoça aqui” “queres beber um copo” “anda vamos para aqui para casa” e se calhar tinha sempre a casa cheia, mas não são bem amigos, está a perceber...”</p> <p>e12: “Na minha maneira de viver não alterou nada...”</p>
--	--	--	--

				<p>e14: “Muitos...O nível de vida mudou completamente, deixei de fazer tudo, tive de mudar praticamente tudo, até o comer em casa, só quando há um dinheiro extra é que se pode comer certas e determinadas coisas e tanta coisa, como ir de férias, passear todos os fins de semana, ir a Lisboa, ou whatever, mas pronto jantar fora todas as sextas-feiras (...) Fazer as unhas (risos), ir ao cabeleireiro e depois penso, o dinheiro que vou gastar ali depois pode fazer falta para outras coisas...”</p> <p>e15: “Isso é indescritível nem que tivéssemos aqui o dia todo... Mas tudo, não ter dinheiro para nada, mas nada de nada, ao ponto de pronto ainda comecei a recorrer à caridade e à segurança social quando ainda estava a viver em borba portanto isto nos finais e nos últimos meses de 2015 portanto já nessa altura foi a primeira vez que tive de pedir algum auxílio que era alimentar, que era para pagamento de rendas em atraso</p>
--	--	--	--	---

			<p>quer o pagamento da luz, e pronto, e isso para uma pessoa que tinha sido sempre super independente e autonoma desde muito nvaio, eu aos 26 anos já vivia sozinha e pronto até tinha sempre trabalhado muito e esforçado muito mas as coisas tinham acontecido, e portanto até tinha tido uma vida mais ou menos boa, e pronto assim de repente deixei de ter tudo”</p> <p>e15:”Tinha “n” hábitos recorrentes, viajar, todos os anos viajava pronto, fazia uma semana de férias todos os anos para algures no estrangeiro, mesmo que fosse o mais barato a volta de Portugal e isso foi sempre assim até 2013, o tratar da minha saúde também se tratou muito complicado porque os medicamentos que me fazem efeito são medicamentos homeopáticos que não são comparticipados pelo serviço nacional de saúde e mesmo que sejam coisas entre 20 a 40 euros por mês... já hove alturas muito complicadas... situações de querer ir a reuniões que podiam ou encontros ou</p>
--	--	--	--

				<p>meetings de coisas que podem trazer redes de contacto e que podem a vir trazer trabalhos e não ir por ter o cabelo todo branco por pintar por não ter roupa para ir aquele sitio, ter os sapatos rutos, já me aconteceu isso tudo... Depois é muito complicado porque você quer sair de um ciclo mas se não tem o mínimo suporte para sair desse ciclo e ter ali 40 ou 50 euros para comprar uns sapatos e arranjar o cabelo e ir aquilo é um ciclo vicioso...”</p>
		<p>- Iniciativas tomadas para reverter a condição de vulnerável</p>	<p>-Frequentar formações; -Ir à escola; - Enviar currículos - Procurar trabalho nos jornais -Ir ao centro de emprego - Estar sempre em contacto com outras pessoas</p>	<p>e1: Tão, andei aí nas formações, foi só mesmo isso que andei nas formações”</p> <p>e2: “Enviei currículos e tenho estado a ser apoiado pelas vidas ativas, de vez em quando sou convocado, e falar com empresas e ir ao centro de emprego, e já tenho tido formações e já tive formações aqui também através da vidas ativas e escola esse também foi um grande apoio nisso tudo estar sempre em contacto com</p>

			<p>-Falou com o presidente da câmara</p> <p>- Não tomou iniciativas, só pediu ajuda a assistentes sociais</p> <p>- Fez voluntariado e ações de sensibilização</p> <p>- Falou com um psicólogo que a encaminhou</p> <p>- Falou com uma psicóloga para lhe ser paga uma prestação social de sobrevivência por não conseguir trabalhar</p> <p>- Estar sempre a circular a procura de alguma coisa</p> <p>- Deixou de tomar medicação e foi tirar um curso</p>	<p>outras pessoas, não se fechar e isolar, se não ai então é que...”</p> <p>e3: “Eu ia pessoalmente, eu via no jornal, ia ao desemprego (...)</p> <p>e4: “Mandeí currículos, tive em formações, aqui havia duas ou três formações que gostei muito mas sou sincera fique bem explicito eu sou contra as formações, peço desculpa, porque é assim eu estou desempregada há dez anos não são dez dias são dez anos, quando eu tinha dez anos secalhar uma ou duas formações ter-me-iam dado jeito, agora repare, eu neste momento preciso é dinheiro, preciso de um emprego que me pague as minhas despesas, as minhas dividas e que me ajude a sobreviver, porque se nós formos as estatísticas só desemprego por muito que eles digam que baixou e não sei quantos, não, não baixou e depois o que aconteceu é que no verão há trabalhos sazonais como se costuma dizer e o emprego desce, porque</p>
--	--	--	--	---

			<p>- Trabalhar em casa, fazer coisas para fora, tirar formações</p>	<p>eu neste momento tenho quase 60 anos vou fazer uma formação de quê? Então se há jovens desempregados com canudos, a saberem línguas, não arranjam emprego, então eu vou para formações para quê? eu já não tenho cabeça para uma série de coisas eu preciso é de um emprego! E já me neguei a uma ou duas formações eu gastei mais dinheiro porque não recebi nada porque tinha de me deslocar, tinha de fazer uma série de coisas, portanto mandei currículos, havia uma situação que não sei se ainda está a ocorrer no desemprego, tínhamos de andar a assinar uns papelinhos três meses por mês e toda essa situação (...)"</p> <p>e5: “É o que eu penso, tou tão arrependida de não ter abandonado o nosso país, quando era mais nova devia ir para Espanha tou tão arrependida de não ter ido embora, e dizer vou trabalhar para “isto” pode ser que se ganhe mais com qualidade , mas agora nunca o fiz, fui uma mãe galinha para os</p>
--	--	--	---	--

				<p>meus filhos, pobrezinha mas tinham o colo da mãe e tinham um bocadinho para eles e nunca tive coragem de abandonar a minha casa” (...)</p> <p>“Pedi e tive de pedir a assistentes sociais rendimento de inserção social e é assim, por enquanto agora estou sozinha, os filhos estão arrumadinhos, só tenho uma netinha mas os pais também ganham para ela, pronto agora graças a deus é assim, já sofri mais, graças a deus hoje tenho um bocadinho de pão, tenho as minhas coisinhas para eu fazer comer tenho o bocadinho que me dão que não me chega, quando eu vou aviar as receitas não me chega mas pronto, vou...”</p> <p>e6: “Eu vou as entrevistas é tudo muito bonito, correm muito bem, mas eu não consigo arranjar trabalho em lado nenhum eu já fui falar com assistentes sociais, eu já falei com as pessoas todas possíveis e imaginais cá em Évora, já tive duas reuniões com o presidente da câmara eu já corri, já</p>
--	--	--	--	--

				<p>bati nas portas todas e todas as pessoas me dizem assim “está inscrita no centro de emprego?” Mas o centro de emprego não arranja trabalho a ninguém, arranjam 20% se calhar e é quando arranjam... Porque eu ainda há uns dias lá tive e a senhora disse-me que tinha lá muitos trabalhos, mas era para homem, porque para mulher não tinha nem um... Portanto acho que nunca mais vou conseguir sair desta situação...</p> <p>e7: “Fiz voluntariado na cruz vermelha e foi só, o resto são as ações de sensibilização...Era só o que podia ir fazendo para me mandar ativa o resto não dependia de mim, mas sim da minha condição de saúde...”</p> <p>e8: “Tive numa psicóloga que me encaminhou e segui os conselhos e fiz o que tinha de fazer... Fui a formações, entrei em contacto com várias pessoas...”</p>
--	--	--	--	---

				<p>e9: “Fui ao médico, contei-lhe o que se estava a passar pronto de forma que o médico entendeu, mas mas é medico de família não é psicólogo, e ele aconselhou-me e arranjou-me uma psicóloga, e então agora neste momento, não sei se recebo se não recebo, estou a espera de um certificado multiusos para a inclusão que é para me ser paga uma prestação social de sobrevivência”</p> <p>e10: “Procurado trabalho de forma incansável, currículos para tudo, seja para onde for e quando tenho de fazer formações faço para não estar parado em casa, e trabalhar é mesmo aquilo que desejava obviamente, mas como eu gosto de ver as coisas pelo lado positivo, acho que ainda não chegou a altura...”</p> <p>e11: “Levantar-me da cama e ir pela pista... Mas a pista é ir ali acolá, é que as pessoas quando estás nesta situação tu não vais fazer um acomodismo, ou ficas no teu espaço, não ligas a ninguém, e viras bicho,</p>
--	--	--	--	--

				<p>ou se não estas em casa a espera batem-me a porta “toma lá 5 eurinhos, toma lá 10”, é circular a pista, ir aqui ir acolá, as vezes tou aqui e depois já estou ali nas portas de aviz ou vou aos alámos, pessoal da obra “olha ainda bem que te vejo queres vir trabalhar amanhã”? Se eu ficasse em casa eles não iam lá e sabem onde é que eu moro, portanto é circular é viver, por isso é que os cemitérios são quadrados, porque circular é viver, sempre a andar...”</p> <p>e12: “Procuo emprego, deixo currículos em todo o sitio, sei lá falo com amigos, amigos lá está... Meto anúncios, mas vou sair disto”</p> <p>e13: “Olhe comecei a retirar a medicação, não tinha reação para nada e agora sinto-me melhor, estou a tirar agora o curso na APPACDM”</p> <p>e14: “Tantas... Desde trabalhar em casa, passar a ferro para fora, porque ai já posso estar ao pé das minhas filhas, já consigo</p>
--	--	--	--	---

				<p>controlar os horários, fazer doces para fora, bolos... também tirei formação em maçapão, tanta coisa... Mando currículos por e-mail e tudo...”</p> <p>e15: “Fiz de tudo, nunca tive parada, sempre a mandar currículos, a fazer formações, tirei um curso de cozinha e ainda completei vários módulos, fiz voluntariado... Tentei sempre integrar-me de uma maneira ou de outra</p>
	- Percurso escolar;	-Grau de qualificação	<ul style="list-style-type: none"> - Quarto ano de escolaridade - Sexto ano de escolaridade -Nono ano de escolaridade - Sem escolaridade - Décimo segundo ano de escolaridade - Décimo primeiro ano de escolaridade - Licenciatura 	<p>e1 e e3: “Quarta classe”</p> <p>e2: “Tenho o sexto ano, fi-lo há pouco tempo”</p> <p>e4: “Nono ano”</p> <p>e5: “Nunca fui à escola...”</p> <p>e6 e e7: “Décimo segundo ano”</p> <p>e8: “Sexto”</p> <p>e9: “4ª classe”</p> <p>e10: “Nono ano”</p>

				<p>e11: “Epá eu tirei o nono ano do liceu na minha altura, mas acho que agora é considerado o sexto ano, por isso é que agora querem que tiremos formações mas para mim isso não dá, hoje em dia é considerado o sexto ano”</p> <p>e12: “6º ano”</p> <p>e13: “4ª classe”</p> <p>e14: “Secundário incompleto, 11º ano”</p> <p>e15: “Licenciatura”</p>
Tipos de redes de sociabilidade	Amigos;	Vizinhos	<ul style="list-style-type: none"> - Boa ligação com a senhora das quintas (Vizinhas) - Grande ligação com a senhora da mercearia - Dá-se bem com dois ou três vizinhos 	<p>e5: “(...) Com as senhoras das quintas com quem eu me dou, a senhora da mercearia também, lido lá bem com elas</p> <p>E5: E qual é a ligação mais forte delas todas?</p> <p>e5: As pessoas que me apoiaram sempre, quem me deu mais a mão foi a pessoa da mercearia, e a família também, mas também pouco me deram porque eles também não o tinham...” “Pronto, as minhas vizinhas muito</p>

			<p>amigas, tive vizinhas que me aturaram meu deus e ajudamo-nos umas as outras...”</p> <p>e14: “Eu sempre fui muito dada a fazer amizades e quando fui para ali morar, moro ali há 5 anos, um vizinho batia-me a porta a pedir uma cebola, bom dia para cá e para lá porque isso são bairros problemáticos, a outra pedia-me o azeite e pronto cria-se laços com duas ou três pessoas assim mais intimamente”</p>
		- Cafés	<p>- Conheceu os amigos no café</p> <p>e2: “E: E de que forma é que se desenvolveram essas suas redes? Pronto com a família eu percebo, mas com os amigos? como é que com os amigos que mantém agora, como desenvolveram a vossa amizade e a vossa ligação</p> <p>e2: Foi no café, para conversar um pouco</p>
		- Escola	<p>- Mantém ligação com colegas da escola</p> <p>- Mantém ligação com as meninas do</p> <p>e4: “Mantenho mantenho...E até com colegas de escola do tempo da Gabriel pereira e santa clara”</p> <p>e7: “Pronto a família, pelas razões que já sabe... Para mim, os meus amigos são a</p>

			colégio que frequentou	minha família, as pessoas que conheci lá em Braga no colégio, não lhe vou mentir batem o recordo, ai sem duvida alguma (...)“Vou convivendo com as meninas que eram meninas problemáticas, que eram órfãs tinham problemas com tribunais”
		- Médicos	- Fala muito com o médico de família	e3: “Sim, fala muito comigo com o meu médico, alguma coisa eu tenha vou logo lá ter com ele”
		Infância	- Ligação mais forte com amigas de infância	e4: “Duas ou três amigas, são amigas desde infância, tenho amigas de 40 anos por incrível que pareça, brigamos e rimos e choramos almoçamos tudo isso, portanto estas são aquelas que sempre tiveram, as outras por exemplo”
		- Colegas	- Intensificou amizades nos cursos de formações, em voluntariado e foram relação que acabaram por se revelar importante	e15: “Entretanto... A pouco e pouco também comecei a conhecer pessoas e isto foi mais ou menos, eu vim para cá em final de 2015 e só comecei a sentir que tinha, que começava lentamente a ter alguma rede de contacto, de amizade, de pessoas que valiam a pena ser conhecidas e com quem eu

			<p>numa fase má da sua vida</p>	<p>minimamente podia contar, já no verão do ano passado já há precisamente um ano, mais coisa menos coisa sendo que a partir de novembro do ano passado foi quando isso se intensificou mais comecei a fazer uns cursos de formação que foram aparecendo e quer dizer entretanto também já tinha começado a fazer voluntariado, depois comecei a fazer cursos de formação financiados à noite e fui conhecendo pessoas, como todos nós, há umas com quem nos identificamos mais, outras que não e pouco a pouco fui estabelecendo alguma rede de pessoas que pronto felizmente apareceram na minha vida também no momento certo porque mal sabia eu, quer dizer, as coisas já não estavam bem com o marido, mas então é precisamente a partir dessa altura, que as coisas começam progressivamente a ficar mal e depois essas pessoas acabaram por ser muito importantes”</p>
		Amigos de circunstância	-	e4: “vou a papelaria e a pessoa que lá está a gente cria um elo de amizade, começamos a

			<p>beber um cafezinho, locais comuns, a vezes estamos no restaurante ou estamos na pastelaria cria-se ali...</p> <p>e11: “vou falando, conheci na rua, nos sítios onde trabalhei, por exemplo, nos cafés, também trabalhei nos cafés, e criamos sempre uma ligação, pessoal estudante, pessoal da universidade, e muitos casaram por cá e têm filhos cá e conheço n estudantes que estudavam cá e começaram ai, e já têm família deles...”</p> <p>e12: “Tenho poucos amigos, os que tenho fui conhecendo por aí...”</p> <p>e13: Uma das minhas grandes amigas conhecia por causa do meu ex-namorado, que era irmão dela...</p>
		- Pais, irmãos e/ou Filhos	<p>- Ligação mais forte com a mãe e com a filha</p> <p>- Ligação com a mãe os filhos e o irmão</p> <p>-Ligação com os filhos</p> <p>e1: “A mais forte é com a minha filha e com a minha mãe né...”</p> <p>e2: “Família é a mais forte, a minha mãe o meu irmão e os meus filhos, tenho um casal (risos) mais ou menos da sua idade, ela tem 21 e ele tem 16</p>

			<p>-Maior ligação com os filhos</p> <p>-Ligação forte com as filhas</p> <p>- Ligação forte com a família, mas nem sempre a família de sangue é a mais próxima</p> <p>- Ligação mais forte com as filhas</p> <p>-Ligação mais forte com o pai</p>	<p>e5: “Com os meus filhos...Vão lá todos os dias...</p> <p>e6: “É assim com quem me dou mais é com os filhos, o mais novo está em Viena de Áustria e o mais velho está na Holanda geralmente falamos, não todos os dias, mas pelo computador... Também falo com o meu ex-marido... “Ah, o flávio fez isto e isto e isto e não gostei” e continuamos a falar quando nos encontramos bebemos café juntos porque não ficamos inimigos mas só conseguimos ficar dez minutos, um quarto de hora mais que isso não depois começa logo...”</p> <p>e8: “É os meus filhos, claro... Sem dúvida, ajudamo-nos os três”</p> <p>e9: “A mais forte para mim, o grande amor e carinho que tenho será sempre as minhas filhas e os meus netos”</p>
--	--	--	--	---

				<p>e10: “Mais forte? Família possivelmente, os amigos também são bastante forte às vezes essas perguntas é difícil de responder, porque nem sempre a família de sangue por vezes está mais próxima, depende, mas são duas redes bastante fortes, nisso tenho forte, ajudam-me e apoiam-me”</p> <p>e12: “As minhas filhas são as minhas melhores amigas”</p> <p>e14: “Com o meu pai, e dois ou três vizinhos, o essencial, a ligação mais forte é com o meu pai”</p>
		- Bisnetos	- Ligação forte com o Bisneto	<p>“E3: Então e, ou seja, no meio disso tudo, qual é a pessoa com quem se dá mais? Qual é o laço mais forte que pode ter? e: É este menino (Bisneto) E: É o meu bisneto... uma grande ajuda para mim, estar com ele, já sinto menos a solidão, mas pronto, ele tem o infantário, mas agora ele está de férias”</p>

<p>Dinâmicas das redes de sociabilidade</p>	<p>- Como se desenvolveram as redes</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades comuns - Locais em comum - Proximidade de habitação - Partilha de habitação - No sítio onde trabalhou e nos sítios por onde passa 	<ul style="list-style-type: none"> - Conheceram-se através do trabalho de revendedora. - Conheceram-se num determinado local, neste caso, a papelaria - Vivem perto umas das outras - Viveu com as amigas - Quando foi viver com o amigo - Em trabalho e lazer - Nos cafés onde trabalhou e na rua - Namorou o irmão da amiga - Maneiras de pensar comuns experiências de vida parecidas 	<p>e1: “Também sou revendedora da AVON”</p> <p>e4: “vou a papelaria e a pessoa que lá está a gente cria um elo de amizade, começamos a beber um cafezinho, locais comuns, a vezes estamos no restaurante ou estamos na pastelaria cria-se ali... ficamos com os telefones fica-se com os e-mails com o facebook com isso tudo, é mais ou menos isto”</p> <p>e5: “Tenho lá uma senhora muito amiga da mercearia ao pé de mim que já me conhece há quarenta e tal anos que fui para ali tinha 17 anos (...)” Vivemos perto umas das outras e ali toda a gente se conhecesse tenho é pessoas cá para o meu cantinho, todos temos né, uns mais que os outros, como a senhora da mercearia está e gosto deles e eles também gostam de mim”</p> <p>e7: “Com os amigos? Foi quando fui para Braga, quando estava no colégio das freiras</p>

				<p>e vivi muito tempo com elas (...) Tenho também um exemplo lá de casa... Então uma pessoa que me abre a porta vai fazer 3 anos agora, que lá estou, uma pessoa que só me conhecia de vista, hoje somos grande amigos, como se fosse pai e filha, somos muito amigos, abriu a porta da sua casa, deixar-me lá ficar até ter uma habitação social, tem muito que se lhe diga, os meus amigos são a minha família, ou seja, fazem tudo, talvez façam mais que a própria família, o que eu lamento ter de por os meus amigos a frente da minha família, mas como deve calcular não tenho qualquer tipo de ligação, a minha mãe e a minha irmã gémea estão cá em Évora e não as vejo há muitos anos, e normalmente os gémeos são muito ligados...”</p> <p>e10: “Em trabalho, em lazer, e isso engloba café, mas as maiores amizades que mantenho foi mesmo em lazer, trabalho, é mais conhecidos”</p>
--	--	--	--	--

				<p>e11: “Com o que conhecimento, com o falando, com atitudes, mas também tenho inimigos desde que cá estou em Évora, há ai uns que não me podes ver fazem-me logo a folha e andamos a batatada, olha que eu não tenho dentes à pala de brigas, vou falando, conheci na rua, nos sítios onde trabalhei, por exemplo, nos cafés, também trabalhei nos cafés, e criamos sempre uma ligação, pessoal estudante, pessoal da universidade, e muitos casaram por cá e têm filhos cá e conheço n estudantes que estudavam cá e começaram ai, e já têm família deles... É a base disso, da conversa da amizade e pronto, do diálogo, não me fecho, também não me posso fechar, tudo dentro do respeito”</p> <p>e12: “Os poucos amigos que se mantém são de há muito tempo, que fui conhecendo com o tempo por uma razão ou por outra, em vários contextos”</p>
--	--	--	--	---

				<p>e13: “Fui eu que comecei a namorar o irmão dela e depois começamos a ser muito amigas, eu não sou pessoa que dê confiança a muita gente”</p> <p>e15: “ Das amizades que tenho aqui em Évora, que são amizades de um ano ou de menos, felizmente ninguém está numa situação assim como a minha, tenho algumas amigas que não estão numa situação famosa mas... Temos maneiras de pensar em comum e de alguma forma, as pessoas têm um discurso comum né, podem não fazer muita coisa em comum mas há ponto em que se identificam, ou de gostos pessoais ou culturais ou de experiências de vida, ou porque passaram por situações de relações sentimentais parecidas ou relações familiares parecidas, é um pouco disso tudo...”</p>
		- Fraca	- A ligação com as suas redes nunca é muita;	e2: “Tive muito tempo fora daqui. A ligação nunca é muita, porque eu também tenho a carta de pesados também andei a trabalhar

	<p>Nível de ligação com redes</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Não quer envolver os problemas dela nos outros - Algumas redes ficaram mais fracas - O nível de ligação ficou um pouco mais fraca com a falta de possibilidade de os ir visitar - Nunca se deu com ninguém porque o ex-marido não deixava 	<p>em Portugal e foi sempre fora praticamente, por isso nunca foi uma ligação muito forte”</p> <p>e3: “nem quero meter os meus problemas neles porque eles têm os deles... os meus problemas são meus eu é que os tenho de resolver”</p> <p>e4: “Alteraram, algumas alteraram, alguns aspetos ficaram mais fracas com alguns amigos e também na família também houve um abanão mesmo que nós não queiramos deixa sempre marcas na família também”</p> <p>e9: “Já não os vejo há bastante tempo, porque eu não tenho dinheiro para ir a vila viçosa...”</p> <p>e13: “Não, eu nunca fiz nada, nem me dava com ninguém porque o meu ex-marido ficava-me com o dinheiro e não me deixava, agora é que estou a aprender...”</p>
--	-----------------------------------	--	--	--

		- Forte	<p>- Ligação forte com algumas pessoas que sempre se mantiveram</p> <p>- Está sempre em contacto com os filhos</p> <p>- Rodeada de pessoas que lhe dão amor e carinho</p> <p>- Muita aproximação no seio dos amigos, são todos diferentes e por isso é que funcionam</p> <p>- Ligação forte com as filhas</p>	<p>e4: “É assim, eu mantenho sempre, mantenho sempre o contacto mais forte com algumas pessoas porque faz mesmo parte de mim, mantenho três ou quatro amigos seleccionados que foram aqueles que se mantiveram quando eu tive bem e foi aqueles que se mantiveram quando eu tive mal”</p> <p>e6: “A gente podemos estar longe, mas estamos sempre em contacto, podemos não estar fisicamente mas... estão ausentes mas há sempre um telefonema ou uma carta ou computador, uma mensagem “está tudo bem?” ou só perguntar “está ai a chover”, mas isto acontece...”</p> <p>e7: “(...) depois também rodeada de pessoas muito positivas e são pessoas que me têm dado carinho, amor são pessoas que tive o privilégio de ter conhecido, com quem trabalhei e desenvolvi”</p>

			<p>- Ligação forte com uma amiga</p>	<p>e10: “É assim o meu grupo de amigos, obviamente as pessoas são todas diferentes, mas somos mesmo bastante diferentes, e acho que é mesmo por esse motivo que existe tanta aproximação, no meu seio de amigos, não há ninguém que eu diga “ esta pessoa é muito parecido comigo”, são todos diferentes, acho que é por ai que a coisa funciona...”</p> <p>e12: “ Tenho uma grande ligação com as minhas filhas...Além de mãe, somos amigas e sempre...Este casamento, não foi o meu primeiro casamento, as minhas duas filhas mais velhas são filhas do primeiro relacionamento que eu tive e eu vivi com elas, fui mãe aos 16 anos tinha duas filhas para criar sozinha, não tinha ninguém, e essa força que elas me deram, não é porque eu tinha 16 anos e tinha de me desenrascar, a família, enfim... E ai vez de... só aquele bocadinho de mãe aquilo passou a</p>
--	--	--	--------------------------------------	---

				<p>dependem-nos muito umas das outras, se não fossem as minhas filhas eu não sei...”</p> <p>e13: “Ela desabafa comigo e eu desabafo com ela, se eu preciso alguma coisa ela ajuda-me, se ela precisa de alguma coisa eu ajudo-a a ela e estamos na mesma situação”</p>
	- Opinião das suas redes em relação à condição de vulnerabilidade		<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de opinião; -Gosto pelo bem-estar e incentivo para melhorar -Ajuda de familiares, apoiam e incentivam -Alguns ajudam e outros lamentam - Ficam tristes e ajudam como for possível e da melhor forma que podem - Dizem que tem de orientar a vida para poder ir buscar os 	<p>E1: “Então e o que dizem as suas famílias e os seus amigos do facto de estar desempregada? Como é que eles olham para esta situação?”</p> <p>e1: “Não, agora por enquanto não dizem nada” E1: “Mas quando começou, quando ficou desempregada”</p> <p>e1: “Nada, não tenho essas conversas”</p> <p>e2: “Eles gostam de me ver bem né, estão sempre a incentivar para arranjar qualquer coisa</p> <p>e3: “Eles não, eles não reagem, como hei-de explicar... Eles não reagem muito porque eu por parte das coisas eu não as conto... e: Já</p>

			<p>filhos e isso dá-lhe força</p> <p>- Dizem que tem de ter força e calma e que o dia de amanhã vai ser melhor</p>	<p>tenho falado assim com uma amiga minha que tenho, estas coisas assim ela diz: “Mas tens de levantar a cabeça””</p> <p>e4: “É assim como eu disse atrás, tive muitas ajudas de alguns familiares por exemplo aquilo que acabei de dizer do meu filho, só que quando ele veio para cá, as coisas alteraram-se um bocadinho só que é o seguinte, infelizmente isto toca a todos porque como eu disse também, quem precisa, precisa sempre e quem ajuda não ajuda sempre, uma das pessoas que era o meu pilar que me ajudava bastante quando tudo isto aconteceu e que me apoiou sempre foi uma das minhas tias só que há dois anos ela teve de deixar de trabalhar para ficar com o meu tio porque infelizmente o meu tio é doente oncológico e já teve vários casos e ela também tem um filho que é pai de um casal de um menino e de uma menina, só que já não me ajuda tanto como me ajudava mas eu tou sempre recetiva a tudo aquilo que me dão a tudo aquilo que me ajudam eu</p>
--	--	--	--	--

				<p>aceito tudo, e alguns amigos também mantem-se alguns amigos, que gosta de mim é que me apoiam e incentivam e não me deixa baixar os braços”</p> <p>e6: “Não dizem nada de especial... Apoiam-me sempre e incentivam-me, e perguntam porque é que eu não consigo e eu digo sempre que é por causa da idade, e eles sabem que se eles já são “velhos” que imaginam eu”</p> <p>e7: “Eles ficaram tristes por saber que eu já não ia voltar ao mundo do trabalho e eles apoiam-me nas minhas decisões e em tudo...”</p> <p>e8: “Ajudam-me, apoiam-me, em termos financeiros também e em termos emocionais, às vezes faz falta, peço a opinião e ajudam-me...”</p> <p>e9: “Alguns ajudam da forma como podem outros lamentam, e outros é assim...”</p>
--	--	--	--	--

				<p>e10: “Certamente também não estão contentes né com a minha situação porque são pessoas que gostam de mim e não reagem... ficam tristes, não reagem bem ficam tristes, também tentam ajudar como for possível, se sabem se alguma coisa avisam-me logo, “olha tens aqui uma oferta, concorre” e eu concorro e tentam ajudar da melhor forma que podem, não me posso queixar, costumo dizer que podem não ser muitos mas são suficientes, até porque os amigos contam-se pelos dedos, sempre ouvi dizer...”</p> <p>e11: “Falamos pouco nisso, às vezes ajudam, quando sabem de um trabalho dizem, mas falamos, conversamos, e passamos um bom bocado, quando nos encontramos e muitos também me dizem; “podias te estar a rir de quem se ri de ti”, olha pois...”</p>
--	--	--	--	--

				<p>e12: “Eles apoiam, e estão sempre a dizer que isto vai mudar e que temos de pensar positivo”</p> <p>e13: “Que tenho de arranjar um trabalho e de me orientar na vida para ir buscar os meus filhos e dá-me muita força”</p> <p>e14: “Então dizem que sou capaz e que sou forte e já passei por tanto e é só uma fase e vai passar, tenho é de ter calma e pensar que o dia de amanhã vai ser melhor, é o que eu peço todos os dias e tento fazer, mas pronto”</p>
	Posição das redes perante esta condição	<ul style="list-style-type: none"> - Atitudes - Comportamentos 	<ul style="list-style-type: none"> - Pagam o almoço e o jantar: - Juntam-se todos numa casa - A senhora da mercearia dava alimentos mesmo quando não podiam pagar 	<p>e4: “Tudo, se calhar o meu estilo de vida também, eu continuo a sair e continuo a beber um copo continuo a beber um café, continuo a ir a almoçar e a jantar mas eu pago o café os amigos que são meus amigos que sabem como eu estou pagam o almoço e o jantar porque sabem que eu não posso fazer isso e quando eu posso fazer isso não vamos jantar fora, um leva um</p>

			<p>- Dão umas coisinhas</p> <p>- Avisam quando sabem de algum trabalho</p> <p>- Convidam para beber um copo, passear, jantar e como não posso de vez em quando oferecem-se para pagar</p>	<p>vinho, outro leva uma sobremesa e eu se calhar faço os bifes e juntamo-nos assim até mesmo na casa deles”</p> <p>e5: “e: Mal... É muito difícil e a minha sorte pronto, na verdade é uma, tenho lá uma senhora muito amiga da mercearia ao pé de mim que já me conhece há quarenta e tal anos que fui para ali tinha 17 anos e quando eu não tinha dinheiro ia a deles e eles davam-me e depois “quando tivesse pagava os alimentos que trazia para a minha casa”, “Sim, algumas dão, sempre dão umas coisinhas, o que é que elas hão de dizer, isto agora com as nossas idades já não podemos ir muito além...”</p> <p>e10: “se sabem de alguma coisa avisam-me logo, “olha tens aqui uma oferta, concorre””</p> <p>e11: “Um amigo ou outro, vamos beber um copo, jantar, convidaram-me para ir para a praia mas eu não posso porque eu não tenho dinheiro... Ficam chateados quando</p>
--	--	--	---	--

				não vou, mas epah não se não posso não vou, mas de vez em quando lá me oferecem o dia”
impactos da vulnerabilidade social nas condições de vida das pessoas	Nível dos rendimentos		<ul style="list-style-type: none"> - Rendimentos baixos tornam-se insuficientes para todas as despesas - Ganha-se muito pouco - É complicado e não tenho o suficiente - Não recebe nada da formação que está a tirar e o rendimento que recebe é insuficiente 	<p>e2: “E: Então diz-me que a suas condições de vida acabaram por baixar relativamente a como estava antes</p> <p>e: sim claro, os rendimentos são baixos, é muito complicado”</p> <p>e3: “Porque o que se ganha é muito pouco é muito pouco, recebo 300 euros né para 250 fico com 50”</p> <p>e5: “Achas que eles se governavam com 180 euros na casa deles... 60 ou 70 vão para a farmácia estás a ver... Não sabem o que é a vida e se não fosse esta ajuda, era tudo a base de pão com um bocado de manteiga e pronto...”</p>

				<p>e8: “É complicado... Estar a ganhar 180 e pago 100 euros de quarto, o que vale é que eu tenho uma pessoa que me ajuda, não é fácil... tenho já a casa, já me deram algumas coisas, mas não tenho o suficiente”</p> <p>e9: “Porque até aqui recebo 140 euros mais alguns produtos alimentares aqui da cáritas, que como deve calcular é insuficiente, depois mais os medicamentos quer dizer no total as minhas despesas, renda, água, luz tudo bem que é bairro social, mas mesmo assim as minhas despesas todas são à volta de 150 euros e eu recebo 140 euros”</p> <p>e11: “dão-me 180 euros, são 160 de quarto, é mesmo muito complicado...”</p> <p>e15: “A minha mãe e a minha irmã, mandam-me cerca de 200 euros por mês eu neste momento tenho o RSI são 185 euros, tive algumas ajudas financeiras pontuais por parte da segurança social enquanto não</p>
--	--	--	--	--

				<p>recebi o RSI, isso deu para equilibrar um bocado, e pagar algumas coisas que estavam em atraso e pronto, vivo um dia de cada vez, depois fiz os cursos financiados que também demoraram montes de tempo a pagar e pronto ando sempre a esgravatar coisas, vou fazendo coisas, é um a maneira de me ocupar, é uma maneira de ir aprendendo coisas e de conhecer pessoas e de fazer redes de contacto e pronto (...) E agora nessa agencia imobiliária onde estou ainda em formação, a meio de julho foi para lá, não pagam nada né, mas eu tenho esperança que com um bocadinho de esforço e alguma sorte vá conseguindo vender ou arrendar alguma coisa e ganhe algumas comissões, também já sei que é uma coisa instável mas o setor imobiliário é assim, as pessoas esforçando-se um bocado e tendo alguma sorte as pessoas vão conseguindo sobreviver até com alguma qualidade de vida, algumas, agora não é um setor em que as pessoas têm contrato, as pessoas trabalham sempre a comissão, têm</p>
--	--	--	--	---

				de se ir fazendo à coisa, desbravando caminho tendo alguma sorte, fazendo contactos e vendo se as coisas acontecem”
	- Condições socias;	- Agregado familiar;	<ul style="list-style-type: none"> - Vive sozinha - Vive com um amigo - Vive sozinho - Vive sozinho num quarto, mas partilha a casa com outras pessoas - Vive com os filho(s) -Vive com as filhas 	<p>e1: “Então agora vivo sozinha”</p> <p>e2” Estou num quarto”</p> <p>e3: “e: Sim sozinha, desde que o meu marido faleceu arranjei uma casa aqui na cidade onde pago 250 euros</p> <p>e4: “Fui casada tenho dois filhos neste momento vivo sozinha”</p> <p>e5: “e: Não não e é assim e agora vivo sozinha”</p> <p>e6: “e: Sim, vivo sozinha, em 2010 divorciei-me, em 2012 tive a acompanhar a minha mãe numa doença oncológica, depois ela partiu, depois tive 2 ou 3 anos sem estar cá em Évora tive em Sousel a acompanhar a minha mãe e quando ela partiu voltei... Estou sozinha desde 2010”</p> <p>e7: “Estou a viver na casa de uma pessoa amiga minha, um amigo meu, é como se fosse um pai, extraordinário”</p>

				<p>e8: “agora estou a morar num quarto sozinha, já tenho casa da ABEVORA mas falta-me mobílias e isso”</p> <p>e9: “Eu até vivi sempre com a minha mãe, a partir dai é que comecei a viver sozinho até hoje”</p> <p>e10: “E agora vivo sozinho”</p> <p>e11: “Sim sim vivo num quarto, mas o resto é tudo partilhado com outras pessoas”</p> <p>E12: “E neste momento vive com...</p> <p>e12: Só com os meus filhos, tenho a minha filha mais velha que já está casada, a outra já quase a tomar asas e pronto estou com os três pequenos”</p> <p>e13: “E agora vivo com o meu filho mais velho”</p>
--	--	--	--	--

				<p>e14: “Neste momento vivo com as minhas filhas”</p> <p>e15: “neste momento vivo sozinha, legalmente ainda estou casada, mas estou separada já vai fazer seis meses, e pronto vivo sozinha sim”</p>
		- Condições básicas	<ul style="list-style-type: none"> - Faltar o gás - Faltar dinheiro para a farmácia - Ficar sem luz - Faltar desde os bens mais essenciais 	<p>e3: “e: Tive uma semana inteira sem gás, sem poder fazer comer, sem tomar um banho de jeito porque não tinha gás para o fazer e é muito complicado...”</p> <p>e5: “Olha, sou franca, não tive dinheiro para a farmácia, cortaram-me a luz duas ou três vezes, a vida é muito difícil, eu sofri sempre toda a vida”</p> <p>e10: “Em termos de desemprego, muita coisa, bastante, estando desempregado dificulta tudo na vida de uma pessoa, desde aos bens mais essenciais, é sempre necessária a ajuda de familiares ou algo do género e coisa que eu não gosto, gosto de ser bastante independente, é o que me</p>

				<p>dificulta bastante é isso, saber que estou a depender de alguma coisa e de alguém”</p> <p>e12: “Claro que já houve, isso já houve... Já tive sem luz, já tive 1 dias ou 2 sem gás...”</p>
	- Instabilidade profissional	<ul style="list-style-type: none"> - Empregos temporários - Trabalhos esporádicos 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazia umas horas a trabalhar com crianças para os pais que precisavam de sair. - Fazia baixas ou férias das pessoas - Arranjava trabalhos esporádicos em cafés ou restaurantes - Trabalha só em pequenas coisas que vão aparecendo 	<p>e4: “(...) fez-me uns cartõezinhos para eu entregar porque como eu tive no irene lisboa gosto muito de crianças e as vezes umas horitas que os pais precisam de ir aqui e precisam de ir ali, resultou em algumas vezes, mas pronto...”</p> <p>e6: “Embora já tenha feito um mês aqui, um mês ali, mas isso não conta... Tenho estado a fazer ou baixas ou férias das pessoas”</p> <p>e9: “mas eu já estava só que ainda arranjava uns trabalhos esporádicos, ou num café ou num restaurante, uns biscates...”</p> <p>e10: “Vou fazendo uma coisinha ali outra aqui mas nada a sério ainda”</p>

				<p>e11: “Depois é o meu dia-a-dia, faço uns biscates faço uns mandados aqui ao mercado e ando sempre ai a circular, e depois dizem “olha preciso de ti para limpar ali umas coisas”</p> <p>e12: “Só trabalho algumas coisas que vão aparecendo... Aquelas coisinhas de horas e enfim...”</p>
	- Problemas de saúde	- Doenças derivadas da condição de vulnerável	<ul style="list-style-type: none"> - Não teve problemas de saúde. - Teve uma depressão - Teve de ir a um psicólogo - Agravamento da condição de saúde existente - Ansiedade -patologias de cansaço e dores derivado do 	<p>“E1: Alguma vez teve algum problema de saúde por se sentir tão mal por estar nesta condição a nível de depressões ou do género?</p> <p>e1: Não”</p> <p>e3: “tive uma depressão, tomei muitos medicamentos”</p> <p>e4: “Na altura como disse, mais uma vez atrás, tive que ir estar num psicólogo, estava muito em baixo sem ânimo para nada...”</p>

			<p>estrondoso impacto emocional</p>	<p>e6: “Cheguei a estar numa fila de hipermercado, ninguém me dizer nada e eu desatar a chorar, as pessoas olhavam para mim, “mas o que é que aconteceu?” e eu “nada” e eu não conseguia controlar, depois falei com a médica de família e ela disse que eu estava a entrar numa depressão, vamos ter que ajudar com medicamento porque você está a entrar numa depressão”</p> <p>e9: “O problema é sempre o mesmo, estes problemas já existiam só que eu não dava por eles, pensava que era um simples acontecimento, mas já me acontecia com as viagens, só que começaram a agravar-se precisamente quando fiquei desempregado quando fiquei sem nada...”</p> <p>e10: “Foi bastante difícil, não tinha vontade de nada, que cheguei a entrar em depressão mesmo”</p> <p>e11: “Entrei num momento um bocado depressivo... e depois foi só os consumos,</p>
--	--	--	-------------------------------------	---

			<p>de entrar num grande releixo total e depois muita gente se te vê assim com barba por fazer apesar de conhecer tentam sempre desviar a cara para o lado, se tivesse com outro aspeto... Se me vierem a dormir num passeio e virem que sou eu alguns ajudam outros não, perguntam se quero tomar banho, se quero comer... Há vários tipos”</p> <p>e12: “Não... Sentimo-nos diferentes, mas não me vou deixar entregar a isso, nem pensar... Eu costumo dizer que não são os medicamentos que mandam em mim, sou eu é que mando em mim, uma pessoa se está assim vai-se encharcar em comprimidos então e depois? Somos sós é que mandamos...”</p> <p>e14: “A ansiedade, também faz parte de tudo, há 3 anos para cá que sofro com uma depressão e desde que fiquei desempregada ando mais ansiosa, o eu problema é muito grande, uma pessoa a trabalhar espairose a</p>
--	--	--	---

				<p>cabeça, pensa noutra coisa e quando vamos a olhar ao relógio já são horas de sair...”</p> <p>e15: “É assim comecei a entrar, é assim foi tão dramático e tão triste que realmente eu comecei a ter esse impacto a nível psicossomático e comecei a ter patologias de cansaço extremo e de dores que mais tarde vieram revelar que era a patologia que era e que tudo isso foi resultado e derivado daí, desse impacto estrondoso a nível emocional”</p>
	- Enfraquecimento das redes;	- Falta de comunicação	Evita falar sobre os seus problemas.	<p>e1: “Se antigamente não falava muito, desde que me comecei a sentir assim, ainda menos”</p> <p>e5: “Não falo dessas coisas, cada um tem os seus problemas...”</p> <p>e6: “Eu podia falar mas com o tempo percebi que temos de saber escolher bem com quem falar porque nem todos realmente nos ouvem, então as vezes nem o faço”</p>

Alterações nas redes				<p>e3:” eu também não estou a pedir nada, nem quero, nem quero meter os meus problemas neles porque eles têm os deles... os meus problemas são meus eu é que os tenho de resolver”</p> <p>e9: “Eu prefiro evitar falar, prefiro guardar para mim as coisas”</p>
	- Ausência de apoio emocional	<p>- Alterações na estrutura familiar e o filho mais novo esteve fora do país e tinha amigos que afinal não eram amigos.</p> <p>- Há momentos que parece que não se pode contar com ninguém reflexo do desespero</p> <p>- Tem poucos amigos para conversar e não tem família</p>	<p>e7: “Nestas alturas é sempre complicado, tinha poucas pessoas em que pudesse realmente contar cá, porque os meus verdadeiros amigos estão lá em Braga e não cá, às vezes sinto-me um pouco desamparada”</p> <p>e8: “Às vezes há momentos em que parece que não podemos contar com ninguém, em situações de desespero não percebemos bem a realidade, mas o que se sente é isso...”</p> <p>e12: “Tenho o apoio das minhas filhotas, mas fora disso...”</p>	

			<p>- Tem o apoio apenas das filhas</p> <p>- A única rede era o marido desde que se mudou para Évora, e foi um grande impacto a mudança de cidade, porque Évora é uma cidade muito fechada e só conhecia pessoa do pior e ainda</p>	<p>e4: “Alteraram, algumas alteraram, alguns aspetos ficaram mais fracas com alguns amigos e também na família também houve um abanão mesmo que nós não queiramos deixa sempre marcas na família também e depois também tive outro problema, o meu filho mais novo estava fora do país, teve de voltar para Portugal e abalou um bocado a estrutura porque se ele era um dos meus apoios também quando ele veio para cá, tive de ser eu e também tive o apoio dele e tivemos de nos equilibrar mais ou menos os dois mas mais nos amigos que alguns deles não eram amigos, afastaram-se...”</p> <p>E11: Mas se for preciso tem com quem falar?</p> <p>e11: sim, mas muito poucos, e falo pouco de mim, mas de resto as vezes dizem que eu falo muito (risos) e alguns são mais burros que as pedras</p> <p>E11: E família?</p> <p>e11: Sou sozinho</p>
--	--	--	--	--

				<p>e15: “Ah pronto, a minha vinda para Évora foi uma coisa muito agreste, portanto enfim, quando eu vim para Évora já tinha sido apresentada uma vez aquele que viria a ser o meu marido, nesse aspeto eu vim para Évora depois começamos a sair como amigos depois ficamos namorados e depois casamos e isso foi durante muito tempo, ele foi a única rede que eu tinha cá porque os meus amigos ou estavam em Borba, ou ali a volta ou em Lisboa e quando vim para aqui conheci algumas pessoas que o meu passado profissional conhecia mas que não redes com quem eu pudesse contar, portanto durante muito tempo eu só o tinha a ele e depois foi muito complicado porque eu senti imensa diferença apesar de ser lisboeta e ter vivido lá a minha vida toda até aos 41 anos de idade, o vir de Borba para aqui foi um impacto que nem imagina porque esta não é uma cidade fácil e não sou só eu a dizer isso até há pessoas nascidas e criadas cá que dizem o mesmo, é uma cidade muito fechada, é uma cidade de</p>
--	--	--	--	--

				<p>muitos grupos e eu durante quase 2 anos é assim por todos os sítios que eu trilhava por todos os sítios onde eu entrava eu só encontrava pessoas que eu achava que eram mesmo do arco da velha ou seja tudo me aconteceu, foi um período que eu achava que estava a conhecer tudo o que havia de pior, e foi muito complicado e isso agravou o meu estado que já era frágil emocionalmente do anterior do antes de ter vindo para aqui e agravou imenso e depois também fez com quem o impacto na relação também não fosse o melhor”</p>
	- Surgimento de novas redes		- Ajuda da instituição Cáritas	<p>e1: As Cáritas são uma grande ajuda para mim</p> <p>e2: Estes bocadinhos aqui às vezes a conversa e as ajudas com as coisinhas fazem muita diferença</p> <p>e3:” Muitas vezes só saio de casa para vir aqui até á Cáritas”</p>

				<p>e4: “altura tive algumas pessoas amigas inclusive aqui a Cáritas que não vou aqui frisar nomes porque eu penso que não seria necessário porque poderia esquecer-me de alguém, mas vou englobar a Cáritas que me tem ajudado bastante neste momento e nalguns momentos atrás que me tem apoiado bastante neste aspeto”</p> <p>e6: “Vir aqui foi das melhores coisas que fiz, converso sempre um bocadinho e ajuda-me muito”</p> <p>e8: “Se por vezes não fosse aqui a instituição...”</p> <p>e11: “(...) ajudou-me a Cáritas sim senhora, sempre me ajudou, não sei se por eu conhecer certas pessoas derivada a comunidade, que houve aqui pessoas que tiveram lá, a nível de psicóloga que vão lá acompanhar a gente, ajudaram-me em roupas, em alimentação, pronto, do resto ia a instituição batia a porta dizia o que se passou e pronto...”</p>
--	--	--	--	---

				<p>e13: “Olhe o que alterou é que eu aprendi a viver sozinha e a andar com as minhas próprias pernas, e dar-me com mais pessoas, principalmente aqui da Cáritas tem sido uma grande ajuda, porque quando eu era casada ele é que fazia tudo e agora a aprender a viver e a viver sozinha como se começasse a viver bebé agora, posso ter perdido muita coisa, mas ganhei a minha liberdade”</p>
	-Perda de relacionamentos	- Isolamento	<ul style="list-style-type: none"> - Ficar sozinha em casa - Fica no cantinho sossegada - Não tem ninguém 	<p>e3: “Eu não tenho muitos amigos, fico ali no meu cantinho, vejo a minha televisão...”</p> <p>e5: “Prefiro ficar ali no meu cantinho, sossegada...”</p> <p>e9: “Agora não tenho ninguém praticamente...”</p> <p>e12: “Quando eu acordo muito bem disposta fico por casa, faço limpeza, mudo as coisas de sitio... Quando acordo muito em baixo digo assim “não”, ponho um lápis, ponho um</p>

				<p>rímel e sei lá para não ir a baixo, as vezes a gente também precisa porque eu durante estes 15 anos que tive casada agora eu nunca mais soube o que era sair e acho que perdi o hábito... E então, “ai é, estás assim” e vou-me enfeitar, sei que não disfarça mais olhe (risos), mas prefiro ficar sossegada no meu canto...”</p> <p>e13: “Olhe comecei a fechar-me em casa e isolei-me de toda a gente agora no curso sinto-me melhor”</p>
		- Amizades por interesse	<p>- Amigos que quando está tudo bem procuram e quando se está mal é que se percebe os verdadeiros amigos.</p> <p>- Amigos que quando se aperceberam da falta de possibilidade para certas coisas</p>	<p>e4: porque por aquilo que vejo da minha experiência é assim os amigos neste momento contam-se pelos dedos da mão, é o que se costuma dizer os nossos avos, porque quando nós estamos bem epá todos nos dizem “Epá vamos beber um copo e tal”, mas quando nós estamos mal ai é que a gente se apercebe quem é que são as nossas pessoas amigas”</p>

			<p>deixaram de falar porque sentem vergonha</p> <p>- Amigos que quando se depararam com o desemprego da pessoa que acabaram por se perder</p>	<p>e6: “É assim, eu tinha muitas amigas, mas quando nós ficamos mal vê-se os amigos e todos me viraram as costas e podem-se contar pelos dedos, eu costuma dizer que não tenho amigas tenho conhecidas porque não... vê-se que não são amigas... Há uma ou outra que pergunta “então está tudo bem?” “precisas de alguma coisa?” mas isso é muito raro acontecer... (...) Claro... É como lhe digo, nós temos muitos amigos enquanto temos dinheiro, almoçamos juntos, bebemos um café juntos, temos muitos amigos, a gente fica na situação má, toda a gente se afasta, e aí é o que eu costumo dizer, no hospital e na prisão é que nós vemos os amigos... Eu fui operada há um ano, e o cirurgião disse-me assim “vai ter alta a seguir ao almoço, quem é que a vem buscar?” e eu disse que ninguém, os meus filhos não estão cá... E ele: então vai como? e eu disse-lhe que ia com o senhor do táxi e ele ficou em pânico e ele disse-me: Então a senhora acabou de ser operada e vai sozinha para casa?” Claro, eu não posso inventar uma pessoa se eu não</p>
--	--	--	---	--

				<p>tenho cá ninguém, e o cirurgião ficou em pânico e eu disse para ele ter calma que tou bem sozinha, já estou habituada, antes de ser operada deixei comida feita deixei caixinhas no frigorífico e agora é só descongelar e comer...”</p> <p>e7: “Ah... Uma coisa que eu tenho notado, desde que fiquei desempregada e também mais doente, duas ou três pessoas de braga, grande amigos que tinha, de resto continua muito firme e tem-me dado muito apoio incondicional, noto que essas duas ou 3 pessoas desde que começaram a ver que me canso muito e que não tenho possibilidade para tanto nesta condição, deixaram de me falar, porque sentem vergonha, mas ainda não percebi porquê, porque hoje sou eu amanhã pode ser outra pessoa, e aí é que vemos quem são realmente os nossos amigos”</p> <p>e8: “e: Não tem nada a ver... Antes dava-me com alguns colegas de trabalho e dava-me</p>
--	--	--	--	---

				<p>com mais gente, mas assim que fiquei desempregada essas redes acabaram por se perder, é desta forma é que também se vê quem é que são os verdadeiros amigos”</p> <p>e11: “Algumas, pouco, perdi umas, pessoas que me falavam bem por eu trabalhar em tal parte, mas nota-se que já não é aquela coisa, há muitos interesseiros e há mais gente que quer mal do que bem, e há os interesseiros e os interessados...Agora se tiveres alguém lá no café, e tu chegas e pedes uma mini e eles estão ali a coiso, epah... (nota-se diferença)”</p> <p>e12: “Nós só temos amigos quando temos uma vida estável, porque os amigos verdadeiros vêm-se nas dificuldades que é quando a gente precisa de verdade (...): É o que eu costumo dizer, eu tinha amigos que pensava que eram amigos, porque pensavam sei lá, se calhar pensavam que eu era rica, porque fazia outro tipo de vida, é normal uma casal estão os dois a trabalhar é</p>
--	--	--	--	---

				<p>normal, e eu sou uma pessoa que não gosta de gastar dinheiro assim, eu ando sempre a poupar, sempre a tirar daqui para por ali e então as pessoas pensavam que eu era rica, depois de desta situação toda, aquelas pessoas com quem eu falava, deixei de falar, e então para mim é assim tenha eu ou não tenha, eu sou sempre a mesma pessoa, eu até posso ter ou não ter nada no bolso, mas eu sou sempre igual, por isso é que as vezes as pessoas me dizem, como é que consegues? Mas eu sou assim, fui sempre assim e depois de tudo o que eu passei na vida, eu fui sempre igual”</p>
		- Peso da humilhação	<p>- Nunca sentiu o peso da humilhação</p> <p>- Não por parte dos amigos por entidades empregadoras</p> <p>- Sentiu por parte das pessoas por quem passava quando ia buscar o almoço</p>	<p>E1: “Alguma vez passou por alguma experiência mais constrangedora depois de, por exemplo, a nível de humilhação por estar desempregada por parte das suas redes?”</p> <p>e1 e e2 e e3 e e5 e e7: “Isso não”</p> <p>e4: “ Por parte dos meus amigos não, mas uma vez fui a um determinado sitio pedir trabalho, eu não ia pedir trabalho, eu ia lá, eu ia pedir, mas não ia e a pessoa que me</p>

			<p>- Já sentiu o peso da humilhação por parte de certos “amigos” que pensava que tinha</p> <p>- Os amigos deixaram de lhe falar e já sentiu vergonha perante os filhos</p>	<p>atendeu olhou para mim e diz-me assim “o que é que você está aqui a fazer?” “Não é este tipo de pessoa que nós queremos para o trabalho” quer dizer, na altura marcou-me um bocado, porque nós sentimo-nos humilhadas, rejeitadas e sente isso tudo”</p> <p>e6: “Sim por acaso um dia senti, quando cheguei e arranjei quarto ia ali ao pão e paz buscar o almoço para casa e as pessoas olham com olhar para as pessoas, pensam que é tudo “drogados ou prostitutas” ou não é bem assim, estava sempre desejando de chegar para me porem as coisas nas caixas para eu me ir embora...”</p> <p>e8: “e: Já, porque as pessoas pensam que eu não estou a trabalhar porque não quero... E começam a olhar-me assim de forma diferente, que foi o que também aconteceu com certos amigos que eu pensava que tinha, mas pronto...”</p>
--	--	--	--	--

				<p>e9: “Há sempre alguém que não gosta das pessoas do rendimento mínimo, é a chamada a discriminação e infelizmente ainda há muito disso...”</p> <p>e10: “Não isso não...”</p> <p>e11: “Sim, não olham, não me ligam e há muita gente que se conseguirem ainda pisam mais...”</p> <p>e12: “Sim, sim... Dantes nos juntávamos, íamos todos para a barragem passar um fim de semana e agora não, é aquelas pessoas que antes acompanhavam comigo e agora juntam-se e nem são capaz de ligar a dizer “olha vê lá se queres ir espairecer” isso torna-se humilhante, torna-se um bocado triste”</p> <p>e13: “Agora só desde que me separei e desde que fiquei sem os meus filhos, ali onde eu moro sinto isso... Toda a gente me falava no bairro e toda a gente deixou de me</p>
--	--	--	--	---

				<p>falar. Mas já senti vergonha com os meus filhos por estar nesta situação...”</p> <p>e14: “Não, nunca senti...”</p> <p>e15: Sim... Muitas vezes evito passar em certos sítios”</p>
--	--	--	--	--